Diário de Lisboa

ANO 67 N.º 22 399 Terça-feira, 30 de Junho de 1987 Preço 40$00

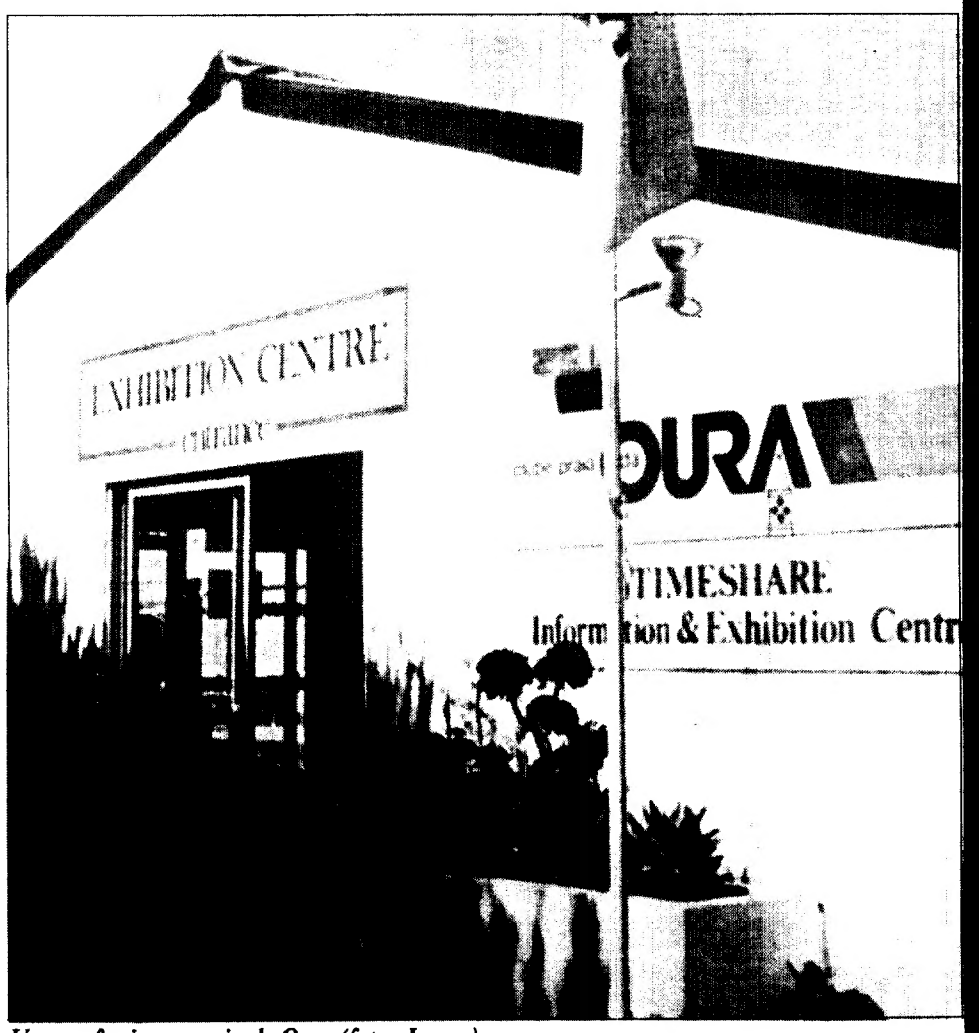
Cinquenta empresas na origem

FRAUDE NO ALGARVE ATINGE 10 MILHÕES

— revela inquérito em curso

«Os comerciantes de «time-sharing» no Algarve são grupos organizados internacionalmente, quase uma mafia», acusa o director de Finanças de Faro, citado pela agência «Lusa», a propósito de um caso de fugas de divisas, ilícitos fiscais e cambiais, práticas comerciais ilegítimas e exploração ilegal de mão de obra estrangeira, descoberto por investigadores governamentais. As averiguações incidem sobre um grupo de 50 empresas e envolve uma facturação de 10 milhões de contos em 1985.

Pág. 14



Uma agência na praia de Oura (foto «Lusa»)

Reformas económicas na URSS

Gorbatchev liga salários aos lucros nas empresas estatais

A reforma económica proposta pelo lider soviético Mikhail Gorbachev foi hoje aprovada pelo Soviete Supremo. A nova lei permitirá, no entender do primeiro-ministro soviético, uma reestruturação radical da economia do país. Uma das bases principais do novo sistema reside nos incentivos económicos que receberão todos os trabalhadores, através da ligação dos sala´rios aos lucros obtidos pelas empresas.

Págs. 12 e 13

Desde as 23 e 30 de ontem

Fábrica de cosméticos está a arder no Porto

Um incêndio, cuja origem ainda não se encontra determinada, está a destruir, desde as 23 horas e 30 minutos de ontem, as instalações da «Diabolique Internacional», uma fábrica de produtos químicos e de cosméticos localizada no nº 90 da Rua de D.João de Mascarenhas, à Pastelaria, junto à Foz. O sinistro, que mobiliza três corporações de bombeiros daquela cidade, começou nas traseiras do edifício, na secção de corantes, não tendo, no entanto, chegado a ameaçar os blocos residenciais nas proximidades. O proprietário da fábrica é o industrial Miguel de Oliveira, figura bastante conhecida do desporto automóvel.

CAMPANHA ELEITORAL

Págs. 3 a 6

EXCURSÕES
ESPANHA e MARROCOS

AVIC OFERECE-LHE UMA VASTA SELECÇÃO DE EXCURSÕES EM AUTOPULLMAN DE LUXO, HOTÉS DE 1.º E GUIAS EXPERIENTES PARA VISITAR AS PRINCIPAIS CIDADES DE ESPANHA, ANDORRA e MARROCOS

EXCURSÕES DE 3, 4, 5, 6, 7 e 9 DIAS

PROGRAMAS ESPECIAIS PARA A EUROPA E MARROCOS

RESERVAS E INFORMAÇÕES
AVIC
ALVARA 473/85
AV. 5 DE OUTUBRO, 53
1000 LISBOA
TELEFS: 52 11 16/7 – 57 29 70
ESTAMOS ABERTOS À HORA DO ALMOÇO

Em reportagem de "Il Giornale"

Jornalista italiano chama a Portugal de "colónia da Europa"

Num reportagem assinada por Manlio Cancogni, o milanês «Il Giornali», de tendências conservadoras, disse segunda-feira que «a degradação paisagística é o espelho da situação da economia portuguesa».

O texto, intitulado «Portugal, a colónia da Europa», começa por se referir à Praça do Comércio, em Lisboa, chamando-lhe a praça «mais imperial da Europa».

«Não existe nada de parecido noutras cidades portuárias», escreveu o jornalista italiano. «Nem em Barcelona, nem em Amesterdão, nem em Londres».

De seguida lamenta o mau estado de conservação da Baixa pombalina, observando ainda que toda a cidade de Lisboa «foi seriamente agredida pela especulação imobiliária».

«Como, ao que parece, ninguém se preocupa em pôr-lhe cobro — prossegue Cancogni na sua reportagem, com ironia —, existem boas razões para se temer que a decadência de alguns bairros centrais seja, se, não programada, ao menos aceite com satisfação».

Acrescenta o jornalista que «fora de Lisboa o massacre ainda é mais vistoso».

«Até o Algarve, o encantador Algarve que até há dez anos conservava, ao menos no interior (a costa começava já a ser ocupada pelos alemães), os aspectos de um país antigo, está desfigurado», lamenta.

«Esplêndidas cidadezinhas» como Abrantes, Guimarães, Viseu e Braga «quase desapareceram no abraço de periferias desmedidas, e, «à sua volta, assiste-se a uma selvagem destruição do bosques: por incúria ou por dolo, ardem anualmente milhares de hectares de pinhais», lê-se na reportagem do «Il Giornale».

Mais adiante, Manlio Cancogni considera que, «em vez de beneficiar da sua associação à Europa, Portugal corre o risco de se transformar na sua lixeira e de que, atrás da fachada moderna, se desenvolvam apenas as indústrias que os outros países rejeitam».

Para breve novo governador

SOARES OUVIU MONJARDINO ACERCA DA SITUAÇÃO DE MACAU

O chefe da casa civil da Presidência da República, Alfredo Barroso, não divulgou o resultado das conversações entre Mário Soares e o encarregado do Governo de Macau, Carlos Monjardino.

Alfredo Barroso, Mário Soares e Carlos Monjardino no Vau

«Estamos de férias», comentou Barroso a alguns jornalistas que tentavam conhecer as razões pelas quais o chefe do Estado convocara Monjardino para uma reunião na sua casa do Vau.

Solicitado a revelar a data da divulgação do nome do novo Governador de Macau, Alfredo Barroso, que também participou nas conversações, respondeu que não há qualquer previsão, adiantando embora que e mesma deve ser para breve. O chefe da casa cívil da Presidência da República escusou-se entretanto a «especular» sobre o nome da personalidade escolhida pelo presidente da República para dirigir o executivo macaense em substituição de Joaquim Pinto Machado, que apresentou há algumas semanas a sua demissão.

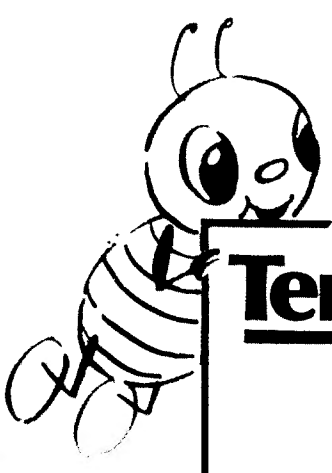
Alfredo Barroso, a cargo de quem se encontram no Palácio de Belém os assuntos de Macau, além de vários elementos de segurança, eram os únicos acompanhantes de Soares e Monjardino num passeio que fizeram ontem à beira-mar. Alguns jornalistas que estiveram no Vau foram inclusivamente aconselhados a não perturbar a privacidade do grupo.

Por entre turistas estrangeiros que não reconheciam Soares e portugueses que comentavam com curiosidade a sua passagem , o presidente da República e os seus acompanhantes caminharam longamente pela praia, deram uns mergulhos para se expor-rem depois ao Sol.

No dia de ontem, António Vitorino (secretário-adjunto do Governo de Macau para os Assuntos de Admnistração), esteve também na casa de Mário Soares, participando assim nas consultas do Presidente.

Fontes citadas pela «Lusa» indicam entretanto a possibilidade de se deslocar a Lisboa nos próximos dias, também para consultas, o presidente da Assembleia Legislativa do território. Observadores dos assuntos da Macau tem dito nos últimos tempos que estão em confronto duas teses sobre o perfil do futuro Governador: alguém que assegure a continuidade do trabalho desenvolvido pela actual equipa ou alguém que leve a Macau um novo elenco e outros projectos.

SEMANA GASTRONÓMICA
GREGA
29 DE JUNHO A 3 DE JULHO/87
ALMOÇOS E JANTARES
COZINHA TÍPICA GREGA
MESTRE COZINHEIRO — DIONISSIOS GKARIS
PREÇO POR PESSOA — 2400$00
HOTEL TIVOLI
RESTAURANTE ZODÍACO
AV. DA LIBERDADE, 185 TELEF. P/RESERVAS (PORTARIA) — 530181 – 521101
ANIMAÇÃO
DANÇAS E MÚSICA TRADICIONAL GREGA TODOS OS DIAS POR UM CONJUNTO DE 3 MÚSICOS E 3 BAILARINOS GREGOS
EXPOSIÇÃO
PELARIAS • LANIFÍCIOS • LACTICÍNIOS • ARTE-SACRA • TAPEÇARIAS • BIJUTERIA MODERNA E CÓPIAS ANTIGAS • BEBIDAS • APERITIVOS, «TARAMAS», ETC.
HT Hotéis Tivoli
EMBAIXADA DA GRÉCIA
ORGANISMO GREGO DE PROMOÇÃO E EXPORTAÇÃO



Tempos de antena
na RTP 1
a seguir à telenovela
CDU
CDU

AMSTRAD PC 1512
AGORA COM TRATAMENTO DE TEXTO EM PORTUGUÊS, MANUAL, TECLADO E VASTA GAMA DE SOFTWARE
10 × $00
Cominfor
Agentes oficiais:
CASA VIOLA
LISBOA — R. da Assunção, 67 — Telef. 32 46 47 • BRAGA — Av. Central, 87 — Telef. 72 798 • SÃO JOÃO DO ESTORIL — Av. Florinda Leal, Lt. 1-A — Telef. 267 07 33 • VISEU — R. Direita, 77 — Telef. 276 64 PORTIMÃO — R. D. Carlos I — Telef. 8 36 53

SIC

Vítor Constâncio (PS):
«Os jovens são o aval indiscutível do nosso espírito de vitória».
«O PRD é um espelho baço, uma sombra, uma confusão, onde se muda de estratégia de semana para semana».

Alberto Avelino (PS):
«É melhor ter desempregado um médico, um filólogo ou um engenheiro do que um trabalhador rural».

Vendedora de queijo para Constâncio:
«Fala tão bem e esteve tanto tempo arrecadado».

Popular sobre Constâncio:
«Olha, eu a dizer mal dele e ele aqui ao lado. O que vale é que ele também diz mal dos outros».

Carlos Brito (CDU):
«Não há regionalização... sem regiões».
«PS e PSD fizeram de conta que estavam interessados no processo de regionalização, mas de facto não estavam».

Carlos Carvalhas (CDU):
«Lamentamos que tenha havido rompimento na coligação APU, mas é a vida...».
«(Em 1986 na economia) Portugal ganhou em todos os tabuleiros».
«(O Governo de Cavaco Silva teve uma) «política de casino».

Cavaco Silva (PSD):
«Estamos todos cientes de que a hora é decisiva para o nosso país».

Carro de Som do PRD:
«(Ramalho Eanes é) «o líder do partido que apresentou uma moção de censura ao Governo de Cavaco Silva».

Ramalho Eanes (PRD):
«Já conhecia os vossos problemas na Presidência da República e conheço-os agora melhor».
«Não aceitar a presidência do PRD seria uma deserção e eu não deserto».
«Liberdade é um homem não ter medo do dia seguinte».
«Durante a emigração, chegamos a exportar 100.000 portugueses por ano».

Ramalho Eanes (PRD):
«A primavera de Marcelo Caetano não chegou a ser Outuno e acabou em Inverno».
«As dívidas, sobretudo ao estrangeiro, pagam-se sempre».
«Os homens, mesmo com grandes ideais, que rem viver o seu presente».

Medeiros Ferreira (PRD):
«Sem o PRD, sem o seu Governo, não haverá Governo em Portugal depois de 19 de Julho».

Continua na pág. 6

DE ESTRASBURGO A UM PORTUGAL DESCONHECIDO...

CDU

Eugénio Alves

O calor aperta e os contactos de rua rendem pouco. Os concorrentes apostam nos tempos de antena ou nas mini-reportagens do pequeno écran. Até os tempos da rádio são desprezados. Neste caso, ainda bem. Ontem, a caminho do encontro da CDU sobre Regionalização, liguei a velha telefonia do carro(só tem onda média, por isso tem escapado...), e julguei, deliciado, que os justos apelos do maestro José Atalaya a favor do regresso do Programa 2 da Antena UM a uma maior audiência tinham vencido. Engano. Eram tempos de antena desaproveitados!

Ainda antes do encontro sobre as Regiões, três candidatos da coligação aproveitaram o intervalo de almoço no Laboratório de Engenharia para um rápido debate sobre temas económicos e sobre a CEE. Carlos Carvalhas, candidato por Lisboa, falou da desenfreada «especulação imobiliária, bolsista e financeira» que tem sido aplicada no país «em detrimento do aproveitamento da valorização dos recursos e energia nacionais».

País-casino?

«É a política de casino» de Cavaco Silva, disse, para perguntar «onde foram aplicados os 200 milhões de contos poupados com a baixa do dólar e com as importações petrolíferas e agro-alimentares» e porque razão a Dinamarca, rico país da CEE, recebeu de ajudas comunitárias dez vezes mais que Portugal.

Mesmo os 160 milhões recebidos através do Fundo Social Europeu tiveram destino duvidoso. Disse-o Rosa Maria, candidata também por Lisboa, ao traçar o quadro de um perigoso aumento do trabalho precário, inclusivé na Função Pública, e ao lembrar que «só 17 por cento dos 500 mil desempregados recebem subsídio de desemprego».

Barros Moura, candidato da CDU para Estrasburgo, chamou a atenção para o curioso facto de o PS, PSD e PRD increverem nos seus cartazes a palavra Portugal, enquanto os seus deputados subscrevem o projecto de uma Europa federalista. E para demonstrar como os interesses nacionais são frequentemente esquecidos nas confortáveis e chorudas cadeiras do hemicíclo europeu, Barros Moura perguntou pelas verbas para o desenvolvimento científico e tecnológico e recordou que o nosso PEDIP(Plano Estratégico Para o Desenvolvimento da Indústria Portuguesa). foi rápidamente trocado pela fórmula federal, o PNIC(Programa Nacional de Interesse Comunitário).

Propor Regiões...

A meio da tarde, trinta e tal graus à sombra, numa sala não muito arejada de um jovem hotel lisboeta, Carlos Brito, Corregedor da Fonseca(ID), Anselmo Aníbal, Maria Santos, Graciete Bayão(presidente da câmara de Alcácer do Sal), João Amaral, Luís de Sá e Orlando de Almeida(presidente da câmara da Amadora), sentavam-se frente a seis jornalistas. Tema: a regionalização, integrada no quadro do ciclo de apresentação das «Propostas CDU».

Brito explicou a razão do debate. Primeiro, porque a regionalização «é uma das mais importantes reformas democráticas de que Portugal precisa e uma contribuição para resolver importantes problemas sociais e nacionais». Depois, porque a campanha eleitoral é um momento importante do debate político, em que os partidos e coligações devem esclarecer as suas posições sobre os mais importantes problemas do país».

...«À medida do Homem»

Boas razões deu, de seguida, o candidato da CDU para a concretização da regionalização. Desde a descentralização e desconcentração que tornem a Administração Pública mais «eficaz e eficiente» até ao desenvolvimento das regiões mais atrasadas e à travagem da degradação das condições de vida nas árcas urbanas e suburbanas, de tudo falou Carlos Brito na intervenção de fundo da conferência.

Noutro tom, Maria Santos pintou um quadro de humanização da vida pública, onde a regionalização se traduzirá num «poder feito à medida do Homem, contra o poder do Estado feito contra o Homem».

O papel ambíguo e dilatório do PS e do PSD e a posição frontalmente contra do CDS ácerca da regionalização, foram também referidos. Compromisso dos candidatos da CDU: até 15 de Outubro serão reapresentados na AR, com alguns retoques, os projectos de lei da criação das regiões e até 30 de Janeiro de 1988 as Assembleias Municipais emitirão os respectivos pareceres.

Brito lançou, por fim, o desafio formal aos restantes partidos para que se pronunciem, de forma «precisa e concreta sobre esta questão, anunciando ao País as suas intenções».

Fim de tarde. Regresso a penates. Calor ainda aperta. Abro a caixa do correio e nova «sessão» CDU. Um envelope azul e branco dirigido ao senhor(a) eleitor(a) do distrito de Lisboa. Remetente: «A vida pode melhorar! — 19 de Julho— uma grande oportunidade».

Quem sabe?

PSD É O "ALBERGUE DA DIREITA"

PS

Augusto Vilela

Torres Vedras concluiu ontem um dia bastante proveitoso da campanha de Vítor Constâncio, uma volta um tanto complicada, que incluiu Sintra, Sacavém, Alhandra, Vila Franca, Azambuja, Loures e outras localidades. Foi uma espécie de volta saloia à mistura com visitas às zonas de grande concentração industrial, onde o candidato socialista encontrou uma grande receptividade, entusiasmo mesmo, com muita gente a saudá-lo, a fazer-lhe perguntas. Um dia de campanha igualmente cansativo, também com muito calor, mas que revelou maior dinâmica e até uma maior convicção dos participantes.

Este ambiente reflectiu-se no comportamento do próprio Vítor Constâncio que no comício realizado no Clube Artístico e Comercial terá feito o seu melhor discurso de campanha. À fluência que lhe é peculiar conseguiu juntar o ritmo que prende a audiência. E porque na sua linguagem não há nada de supérfluo, trata-se de certo modo de um discurso novo, menos emocional do que é normal nos políticos e nestas ocasiões, mas que tem o mérito de pôr as pessoas a pensar.

O «Albergue da Direita»

O grande visado neste discurso de Vítor Constâncio foi o PSD. O líder socialista começou por afirmar que era necessário que o PS governe Portugal em período de normalidade «e não quando é preciso resolver dificuldades económicas provocadas por outros».

Acusou o PSD de não oferecer estabilidade aos portugueses.

«Mas o que é hoje o PSD senão o albergue em que se acolhem todas as direitas portuguesas, as direitas dos grandes interesses que sempre dominaram o nosso Pais?» - perguntou.

«As direitas representadas por Mota Amaral e Alberto Josão Jardim» não foram também esquecidas. Constâncio lembrou que Mota Amaral, ainda há pouco, «humilhou» Cavaco Silva, recebendo-no nos Açores apenas com bandeiras açorianas e nenhuma bandeira nacional, «sem que tenha havido qualquer reacção do Primeiro Ministro».

Perante uma assistência maioritariamente constituída por empregados e agricultores da região, Constâncio desancou o PSD e o seu projecto que, nas palavras do candidato socialista, só pode trazer instabilidade a Portugal pois, afirmou, «a estabilidade não se mede pela duração dos Governos, mede-se pela justiça social e o PSD não a pode dar a Portugal».

«O PSD é sobretudo propaganda, o PSD não é progresso», afirmou, citando os documentos apresentados por Cavaco á Assembleia da República, «baseados numa política de baixos salários, de fazer com que Portugal seja uma reserva da Europa de mão de obra barata»

Constâncio serve-se frequentemente de textos oficiais do PSD e a partir daí faz a demonstração daquilo que entende ser contrário a uma política de modernização e justiça social.

Neste campo, os conceitos expressos pelo Governo nas GOP's têm fornecido boa matéria prima, levando-o a afirmar que «o PSD está hoje prisioneiro das forças conservadoras que têm peso na sociedade portuguesa».

A grande arma do líder socialista é a enorme segurança com que fala das questões económicas e do desenvolvimento, num discurso que pou-

Continua na pág. 5

"PATRÃO FORA..."

PSD

Aurea Sampaio

«Patrão fora, dia santo na loja». Concretizemos: Cavaco em Bruxelas, descanso em Lisboa. É isso que se pode inferir do abrandamento da campanha do PSD, pelo menos no domínio das grandes acções de propaganda — do espectáculo político como agora costuma dizer-se.

Depois de uma incursão pelos distritos do norte do país no passado fim de semana, acção que serviu sobretudo para testar o discurso, o estilo de campanha e a sua própria imagem — e com que inefável candura o presidente do PSD mostrava a sua surpresa pelo facto de ter «a identificação espontânea mais elevada de Portugal», ele que «até pensava» que o recorde pertencia ao dr. Soares... — Cavaco Silva partiu para a «capital» da CEE com os «dossiers» bem estudados na pasta. Revelou aos jornalistas que os leu todos no carro, entre as paragens do trajecto, ao mesmo tempo que afiançava não pretender trazer de Bruxelas nada que pudesse ser usado para efeitos de campanha.

Por outro lado, rejeitou que a sua viagem pudesse ser entendida como acto de propaganda. É que, explicou, as questões da CEE estão hoje tão intimamente ligadas à governação que «não há Conselho de Ministros onde não se discutam questões ligadas às Comunidades». O tema serviu a Cavaco para explorar os «perigos» que resultariam do acesso dos comunistas à área do poder, eles que são contra a integração europeia.

A «máquina» ataca na rua

Por cá tudo bem. O PSD pôs em prática outros planos. A «máquina» resolveu atacar a rua no contacto directo com o cidadão anónimo. Da periferia para o centro, os candidatos a deputados distribuiram comunicados, falaram com as pessoas, responderam a perguntas, inquiriram — «porque não vota PSD?».

A forma de actuar, dizia-nos há tempos um conhecido responsável social-democrata, pode ser traduzida

desta forma: logo de manhã nos mercados; antes do almoço, o porta-a-porta que pretende atingir sobretudo as donas de casa; ao princípio da tarde percorrem-se as fábricas; ao fim da tarde entra-se nas tascas; à noite, o comício.

Isto ilustra bem a ideia que Cavaco Silva não se cansa de matraquear: «Estas são as mais importantes eleições a seguir ao 25 de Abril». O partido parece ter entendido e corresponde. É preciso dar uma noção de força, de poder. Esse o significado da intensa propaganda. País fora, apenas uma outra força lhe disputa os espaços — a CDU. E os sociais-democratas reconhecem-no.

Na madrugada do primeiro dia de campanha a palavra de ordem foi inundar o país de uma «onda laranja» que subiu aos postes eléctricos, ganha força no «Portugal não pode parar» e se espraia no «poster» azul com as estrelinhas da CEE que ostenta a imagem de marca do partido: Cavaco.

Paralelamente, começam a aparecer outros materiais publicitários: gigantescos balões brancos em forma de chouriço profusamente decorados com a sigla PSD, as palas, os bonés, os cintos — tudo, tudo laranja. Isto para não falar dos animadores dos comícios, gente que se especializou na arte de bem saber enrouquecer as gargantas lançando slogans, dialogando com a multidão. Perguntava um em Fafe: «Já todos colaram em casa um painel do PPD/PSD?». O público responde com um gigantesco «Não». Comentário do animador: «Que vergonha!».

Imaginação não lhes falta — «O Cavaco governou/O país recuperou», «Do Sul ao Norte, é Cavaco a nossa sorte» —, mas as rimas por vezes são fracas. «Oposição, oposição/ Não vale a pena chorar/ Tu bem sabes oposição/ Que o Cavaco vai ganhar», cantava um outro, em Ponte de Lima, glosando um tema popular da Beira Baixa.

Enfim, são os ingredientes da encenação política, indicadores de que o «show» está na rua. E estes atractivos, sabe-se, fazem recolher votos.

A «Jota» vai à Torre

Onde está a JSD? O arranque é hoje, junto à Torre de Belém, com um espectáculo que inclui os «GNR», «Heróis do Mar», «Radar Kadhafi» e a menina das botas, a Dora. Cavaco, acabadinho de chegar da CEE, estará presente. Se intervirá ou não é uma incógnita.

De qualquer forma, a «Jota» está longe de ter dado o seu melhor a esta campanha. Ou será que se faz sentir a falta do dinamismo do seu ex-líder, Pedro Pinto, desde há um ano deputado ao Parlamento Europeu? O tempo o dirá.

SÍNDROMA

Cavaco Silva desloca-se num automóvel preto, blindado, vidros escuros, quatro toneladas de chapa inexpugnáveis. Lá dentro, muitos jornais e uma pequena arca frigorífica com bebidas. Escoltado por dois carros de segurança, o veículo corre veloz... apesar das dificuldades do motorista nas travagens, devido ao peso do carro.

Mas para quê um blindado? Neste país não existe uma ETA e não há memória de atentados aos políticos. Segundo nos disseram, Cavaco é Chefe do Governo está, por isso, entregue à Segurança Nacional e a esta entidade cabe determinar as medidas a seguir.

Recordamos uma outra campanha — as presidenciais de 80 —, com um Primeiro Ministro também empenhado. Um Cessna que caiu. O síndroma de Sá Carneiro ainda existe?

Parlamento Europeu

Imagens de Lucas Pires com líderes ocidentais como João Paulo II, Regan, Helmut Kohl e Thatcher, apareceram ontem no tempo de antena na RTP para salientar a projecção internacional do cabeça de lista do CDS para o Parlamento Europeu.

O tempo de antena do CDS, centralizado quase integralmente na figura de Lucas Pires e com recurso insistente a efeitos técnicos, contrastou com o programa do PCTP/MRPP, que incluiu apenas a intervenção, em estúdio; durtante dez minutos, do seu segundo candidato ao parlamento europeu.

O MDP/CDE repetiu a estrutura e algumas das imagens do programa que apresentou para a Assembleia da República, juntamente com declarações de diversos elementos que integram a sua lista para o Parlamento Europeu.

Ao iniciar o tempo de antena do CDS, o presidente do partido, Adriano Moreira, afirmou que «o elitorado está pessimamente esclarecido sobre estas eleições, que representam uma definição histórica do país sem paralelo com qualquer experiência anterior».

Lucas Pires historiou a actividade que tem desenvolvido no Parlamento Europeu, referindo as propostas que apresentou à Comunidade Económica Europeia para apoiar a reconstrução arquitectónica da velha Lisboa e a construção da auto-estrada Porto-Burgos.

José Machado, candidato pelo PCTP/MRPP, ex-emigrante em França, caracterizou a CEE como «uma grande mistificação», constituída «por três montanhas — de trigo, de manteiga e de carne — e por dois lagos — de vinho e de leite».

O candidato do PCTP/MRPP defendeu a realização de um referendo nacional para debater a adesão de Portugal à CEE.

O tempo de antena do MDP/CDE, além da intervenção de Mário Casquilho, número um da lista para o Parlamento Europeu, contou com a participação de José Manuel Tengarrinha, presidente do partido.

Tengarrinha referiu que nos últimos anos deram-se grandes mudanças no quadro partidário europeu, tendo-se verificado «o desgaste dos partidos tradicionais, incapazes de dar resposta aos novos e importantes problemas das sociedades modernas».

Surgiram novos partidos e o MDP pode ser integrado nessa classificação, pois é também «um espaço aberto de diálogo» sensível aos problemas que atigem as sociedades modernas, disse Tengarrinha.

DE NORTE A SUL

• Adriano Moreira está preocupado com a quarta idade. Isso mesmo foi dito pelo líder centrista em Paredes de Cora a um popular, talvez já sexagenário, com quem conversou. Depois do obrigatório diálogo sobre a necessidade de votar CDS, o popular perguntou a Adriano Moreira se não se preocupava com os problemas da terceira idade: «Ando mais preocupado é com a quarta idade», disse o líder centrista. «Quando vamos embora?», perguntou o seu interlocutor. «Não, quando se pensa que se sabe tudo», respondeu o presidente do CDS.

• O prometido é devido, mesmo que signifique atrasar a caravana. Foi o que a filha de um jornalista da rádio demonstrou em Évora. Manuela Eanes prometera-lhe um presente durante uma crise de choro. Ela lembrou-lhe a oferta e acabaram ambas por atrasar a caravana do PRD e suscitar alguns protestos de Ramalho Eanes. Mas, ao sair da feira de Évora, a pequena exibia triunfante um urso de pelucia côr-de-rosa, com que quase arruinara a antiga primeira dama.

• Ramalho Eanes visitou segunda-feira o pavilhão do PS na feira de Évora.

Como não estava ninguém, deixou um recado, devidamente assinado, fixo com um autocolante do PRD: «Ao PS. Boas vendas e boa campanha». Só depois reparou que não havia nada para vender no stand do PS, apenas decorado com a imagem de Vítor Constâncio.

• O calor que se fez sentir no segundo dia da campanha motivou alguns rasgos de criatividade nos elementos da Juventude Socialista que acompanharam Vítor Constâncio à feira de Silvade, em Odivelas. Um deles, já aborrecido por algumas recusas em aceitar os desdobráveis de propaganda que estava a distribuir, começou a gritar: «está calor, os papéis do PS são bons p'ra abanar».

• «Onde está o Vitinho Constâncio?», perguntava uma miúda na feira de Silvade. Tanto tinha ouvido falar que estava ali o «Vitinho» que também o queria ver.

•A caravana de Vítor Constâncio aprendeu ontem que sinalizadores luminosos no tejadilho fazem parte das prerrogativas de campanha. Ia em plena auto-estrada quando foi abordada por uma patrulha da Brigada de Trânsito da GNR para lhe lembrar que era proíbido o carro que comandava a caravana usar o sinalizador luminoso no tejadilho. Os homens do PS não desarmaram e houve quem comentasse: «somos um partido moderno, andamos mais depressa do que a lei».

• Alimentar o «CDS» a carne crua é a nova tarefa de Nuno, filho de Adriano Mopreira. Às horas das refeições e enquanto a caravana come, e, principalmente, se dessedenta, o Nuno, 14 anos, que quer ser jornalista ou gestor hoteleiro, afadiga-se em conseguir alimentar o «CDS».

Nada demais. Ele até foi dos que, contra a opinião do pai, não quiseram que a história do «CDS» se ficasse por Cerdal, e já o quer levar para Lisboa.

O «CDS» é um mocho que foi oferecido ao presidente do partido no Cerdal, distrito de Viana do Castelo, freguesia onde há pouco menos de uma semana o CDS conseguiu a maioria absoluta nas eleições para a junta de freguesia.

Adriano Moreira chamou-lhe «mocho da sabedoria» e propôs que ele fosse libertado, por duvidar que possa sobreviver em cativeiro. Desta vez a opinião do líder do CDS não prevaleceu e o mocho, que já tinha sido baptizado de «CDS», continuou a integrar a comitiva.

ACUSA EANES: PS GOVERNOU SEMPRE IGUAL OU PIOR

PRD

José Antonio Cerejo

Pelo Alentejo fora, enquanto a caravana de Hermínio Martinho calcorreava a região Oeste e descia até ao Cacém, Ramalho Eanes saboreou ontem os frutos da popularidade de que incontestavelmente ainda disfruta. Como novidade, a campanha do PRD apresentou uma resposta taco a taco, assumida por José Carlos de Vasconcelos e pelo próprio Eanes no comício de Gavião, àquilo que foram considerados os ataques do PS aos renovadores democráticos.

Muitas vezes sem distinguirem perfeitamente as funções do homem que há menos de dois anos era o Presidente da República e as daquele que ontem receberam na sua terra, os alentejanos demonstraram mais uma vez que sabem receber os amigos. Ramalho Eanes, visivelmente satisfeito, saíu desta sua primeira incursão pelos distritos de Évora e Portalegre com a prova de que a sua imagem de rigor e seriedade predura, e a confortá-lo ficaram-lhe certamente as muitas frases que ouviu como estas: «aquilo é que é um homem sério»; «este já deu provas»; «o Ramalho é o que mais fez pela democracia».

Em Portalegre tudo é possível

No entanto, o Alentejo é eleitoralmente pouco importante para o PRD. Nos seus três distritos, em 1985, elegeu apenas um deputado por Évora. Em Beja faltaram-lhe 2 400 votos para o conseguir e em Portalegre, com 18,7% dos sufrágios, ficou a pouco mais de mil da eleição do dr. Francisco Feitinha, que novamente encabeça a lista.

Ontem, tal como nos dizia ao fim do dia este médico de Portalegre e ex-dirigente nacional do PS, «tudo voltou a ser possível com a receptividade que o partido e o general Eanes encontraram em toda a parte».

O próprio general Eanes afirmaria ao «DL» que a jornada foi «extremamente positiva e teve uma participação popular sem dúvida maior que na véspera». A explicação desta diferença, sendo certo que o distrito de Santarém, onde a campanha arrancou, é um dos principais «feudos» do PRD, reside, segundo o seu presidente, no «excesso de confiança» demonstrado pelo partido no Ribatejo e na melhor organização evidenciada no Alentejo. Desta vez houve carros de som a anunciar a próxima passagem da caravana e em cada um dos distritos percorridos não faltavam folhetos com os nomes dos candidatos e as principais propostas do partido para a região. Para a Reforma Agrária, por exemplo, propõe-se em primeiro lugar «a defenição política e jurídica da posse da terra nacionalizada e expropriada».

Ramalho Eanes secundariza porém o significado real dos banhos de multidão e adianta que «há indicações concretas de que esta campanha será difícil para todos os partidos em termos de participação popular». «Como sabemos que as pessoas praticamente também só aguentam os primeiros tempos de antena de cada dia, o PRD aposta nestas caravanas essencialmente para estimular os seus apoiantes, porque o porta-a-porta é que conta», afirma.

Mini-comícios por todo o lado

E talvez porque é concebida quase como um porta-a-porta esta campanha é uma autêntica maratona. Sem acompanhar Ramalho Eanes a todos os locais a que se deslocou, a reportagem do «DL» percorreu ontem 780 Km e chegou a Lisboa às 4 da manhã. O comício do Gavião começou às 23 horas, com hora e meia de atraso, e ninguém jantou na caravana.

Com paragem em cerca de 20 localidades, na maior parte das quais fez pequenos comícios, Eanes soube quase sempre agarrar as centenas de pessoas que se juntavam para o ouvir e foi capaz de lhes falar a linguagem que elas queriam ouvir. Falou-lhes com simplicidade e frontalidade, repisou as grandes linhas da sua mensagem, mas não se esqueceu de que estava no Alentejo, em terras da reforma agrárias e numa região dominada pelo PCP.

Como revelação para alguns, Manuela Eanes confirmou que não anda na caravana para fazer o papel de esposa do lider do partido. Ao que tudo indica, a «senhora Manuela» porque muitas mulheres perguntam e que todas querem cumprimentar mostra-se em condições de reeditar o «fenómeno» de 1985. À chegada a qualquer lugar deixa o marido e embrenha-se nos cafés, nos grupos de mulheres, distribui prospectos, oferece autocolantes, deseja felicidades. A retribuição são as palmas, os beijos e os votos de que «ganhe a batalha». «Com a vossa ajuda», replica, porque o general muito dificilmente vai além do apelo ao «voto em consciência».

Eanes cada vez mais à vontade

Revelando cada vez mais à vontade nos contactos directos com as populações, o líder renovador começou quase sempre as suas intervenções com saudação a todos os presentes «independentemente das suas filiações ideológicas e simpatias partidárias». Insistiu sistematicamente no facto de o PRD não fazer promessas que não pode cumprir e, em Arronches, a caminho de Portalegre, disse mesmo: «se chegar à conclusão de que prometi coisas que não posso cumprir dir-vos-ei que o fiz, porque prefiro deixar a vida política a enganar as pessoas». Quanto a promessas, tema exaustivamente abordado em todas as conversas, referiu-se sempre ao contrato de deputado assinado pelos candidatos do PRD, «através do qual vocês poderão pedir-lhes contas e perguntar-lhes se cumpriram o que prometeram». «Porque aquilo que nós prometemos fica escrito», repete insistentemente.

As referências à terceira idade e aos jovens, a necessidade de se lhes garantir um futuro melhor, bem como a urgência de desenvolver e modernizar o país numa perspectiva de solidariedade e de justiça social foram outras constantes do discurso de Eanes.

O cuidado posto na forma como se dirigiu às pessoas - lembrandq sempre que «somos todos portugueses» e garantindo-lhes que não estava ali para pedir votos mas «para apresentar o projecto do PRD e pedir-lhes que votem em consciência» - teve equivalente na abordagem dos problemas da agricultura e da reforma agrária.

A reforma agrária

Dir-se-ia que Eanes é perseguido pela obsessão de não hostilizar ninguém, sustentando que o PRD quer que o Alentejo «seja uma terra de paz e de produção e que a propriedade da terra é importante, mas o seu uso também». Aparentemente estamos perante um discurso que visa agradar a toda a gente: «entendemos que há aqui lugar para todos - cooperativas, grandes agrários, pequenos agricultores e rendeiros».

Os ultimos governos não são porém poupados quando garante: «o que se passa no Alentejo é uma pouca vergonha. É necessário aplicar a lei ou modificar a lei. A reforma agrária é uma enorme confusão e uma grande injustiça: prejudicados são os agrários, as cooperativas, as UCP's, os rendeiros».

Por toda a parte, na cooperativa do Ciborro, na zona de Mora, em Terrugem, em Vila Boím, em Campo Maior, em Degolados em Nisa esta abordagem do problema encontra um eco evidente que é sublinhado com palmas e comentários de assentimento. Para os rendeiros Eanes fala dos contratos de concessão por 98 anos que estão previstos na lei e permitiriam aos seus titulares usufruir dos subsídios da CEE que agora lhes são negados. «Esses contratos estão na lei mas nunca ninguem os aplicou».

Ouve com atenção, mostra conhecimento dos problemas e quase sempre encontra - pelo menos no campo - uma reacção oposta àquela que o sorriso difícil e a voz grave fariam predizer: «a coisa melhor que há é esta maneira de ele se apresentar com simplicidade», diz um campomaiorense.

PS posto em causa

À noite, no Gavião, num comício já mais partidarizado, Eanes afirma que desde o 25 de Abril muito pouco tem sido feito e diz que «o PRD quer ser Governo para ter os instrumentos necessários para resolver os problemas do país». Subindo de tom refere-se a «um partido que já não tem como objectivo governar, mas apenas destruir o PRD». Logo a seguir é mais explícito e garante: «sempre que o PS esteve no Governo foi igual ou pior que os outros partido, vejam-se a lei de segurança interna, a reforma agrária, as leis laborais...». Antes dele, José Carlos de Vasconcelos havia sido ainda mais directo e havia afirmado que «não é próprio de um partido democrático dizer como Miranda Calha fez ontem em Portalegre que o pior resultados destas eleições seria o PRD manter os 18%».

O contra-ataque será a única situação em que os renovadores atacarão os outros partidos nesta campanha, afirmam os seus dirigentes. Perante as afirmações do candidato socialista por Portalegre, José Carlos de Vasconcelos apelou ao voto no PRD e disse: «vamos lutar para que Miranda Calha tenha um desgosto e o PRD possa ser uma verdadeira alternativa de centro esquerda».

No comício do Gavião falou também o primeiro candidato pelo distrito e o cabeça de lista para o Parlamento Europeu. Medeiros Ferreira insistiu em que « depois de 18 de Julho não será mais possível ter um Governo equilibrado sem o PRD».

Raúl Proença, tal como António Sérgio o havia sido no domingo, foi ontem a figura da cultura portuguesa homenageado pelos candidatos do PRD. Glosando este pensador, Eanes encerrou a sua intervenção, perguntando se «alguma vez o PS foi o correctivo indispensável do PSD».

PSD é o "albergue da direita"

Continuação da pág. 3

co a pouco vai sendo apreendido, o que representa uma vitória da inteligência sobre a demagogia tão característica dos períodos eleitorais.

Interrompido diversas vezes com palmas, teve a maior revoada de aplausos quando acusou o PSD de nada ter feito pela agricultura portuguesa, apesar de ter a responsabilidade deste sector há oito anos, e revelou que dos dez milhões de contos do PEDAP, o ano passado não gasto um centavo «porque a regulamentação só saiu em Novembro».

Um discurso virado para o futuro, contrariando teses de um destino miserabilista para os portugueses, seduz a assistência, que aprecia ele «não precisar de papel para falar» e vê no facto de ter sido governador do Banco de Portugal uma garantia para acreditar nas suas palavras.

Ao de leve Constâncio dá uma volta pelos restantes partidos. Faz uma ligeira alusão ao PC, que «é o voto do passado», para depois dedicar um longo ataque ao PRD, classificando-o como «uma sombra e uma confusão, e por isso «nada pode ser ser construído a partir do PRD».

A intervenção de Constâncio foi precedida de um outro discurso bastante violento de Alvaro Avelino. Acusou o Governo PSD de nada ter feito pela região do Oeste, disse que a «troika» Alvaro Barreto- Cardoso e Cunha-Ferreira da Amaral, não serve a agricultura portuguesa, serve alguns agricultores».

Deu também uma notícia: o arroz aumentou ontem.

«Alguém deu por isso?» - pergunta.

«Deu, deu», responde um grupo de mulheres lá do fundo da sala, ao mesmo tempo que se ouvem comentários traduzindo o receio de que a seguir ao arroz se sigam outros produtos.

Ao encontro da multidão

Já muito perto da meia noite, Constâncio, acompanhada por centenas de apoiantes e um numeroso grupo de jóvens visitou a Feira de Torres Vedras. A noite não poderia terminar melhor para os socialistas, que ali encontraram uma enorme receptividade. O candidato, já acompanhado por algumas figuras de destaque do PS, Jaime Gama, Nuno Brederode Santos, Edmundo Pedro, Igrejas Caeiro, bem como pelo independente da IRIS, Silva Pinto, visitou stands, conversou com expositores, comeu farturas, bebeu laranjada, foi abraçado por populares, ao mesmo tempo que as pessoas recebiam com interesse o material de propaganda que os mais activistas iam distribuindo.

A campanha começa a tomar forma e vai, ao que parece, sofrer alguns retoques. Uma das ideias é levar os candidatos ao encontro das pessoas onde elas estiverem, em lugar de promover concentrações, difícieis de organizar com sucesso, não só devido ao calor e às próprias ocupações de cada um, como sujeitas à desmobilização provocada pelos inevitáveis atrasos.

Hoje Constâncio faz uma pausa e permanece em Lisboa, para amanhã atacar o Algarve numa só tirada. A grande curiosidade é saber se passará pelos lados do Vau, onde Mário Soares se encontra a passar férias, se inesperadamente se encontrarão na crista de uma onda.

SIC

Continuação da pág. 3

Adriano Moreira (CDS):
«Esta é talvez a úl tima oportuni - dade de mudar».
«Julgo que propaganda já ouvi - ram muito».
«É do norte que tem de vir a for - ça que vai estabilizar o sistema».
«O eleitorado está pessimamente esclarecido sobre as elei ções para o Parlamento Europeu».

Popular para Adriano Moreira:
«O senhor é o mesmo da televi - são».

Popular para Adriano Moreira:
«E se me dessem uma bandeiri - nha para eu pôr no quarto de ba - nho?».

Abreu Lima (CDS):
«O CDS é fundamentalmente an - ti–comunista–marxista».
«Essa (PCP) é a minha sombra negra».
«Pode estar iminente a interven - ção do partido comunista na admi - nistração e na vida pública».

Lucas Pires (CDS):
«A Europa é agora também a nossa casa».

Taron de Oliveira (CDS):
«Senhor presidente, tenha cuida - do com a sua saúde».

Mário Durval (UDP):
«A saude em Portugal está mal. É a constatação por todos feita».

José Machado (PCTP/MRPP)
«O vosso voto tem um ros to, o rosto dos vossos filhos, do vosso futuro».
«Votar útil é o que querem os partidos inuteis».

ISTO VAI SER SEMPRE ASSIM?

CDS

Ribeiro Cardoso

No final do segundo dia de campanha do CDS por terras do Minho os jornalistas interrogam-se: isto vai ser sempre assim? Que significa esta falta de vitalidade, este deserto de pessoas por onde passa a caravana centrista, este discurso dos dirigentes locais que falam apenas de deserções, de traições, do perigo do chamado voto útil? Porquê as sedes fechadas quando passa o presidente do partido (caso de Ponte de Lima e Guimarães)? Porquê a ausência de comícios substituídos por sessões de salas de restaurantes ou de hotéis?

Antes de começar a escrever esta crónica falei com gente responsável do CDS a quem pus estas mesmas questões. A resposta foi dada em voz baixa: «O senhor já alguma vez cobriu campanhas anteriores do CDS? Não? Então por isso está admirado. Nós somos assim mesmo: não muito organizados, o arranque é-nos sempre difícil, mas depois tudo acaba bem.»

Será, pois, assim. Pode até acontecer que tudo o que tenho visto seja normal. Mas o que tenho visto é falta de gente, falta de cartazes e de propaganda, falta de mobilização, falta de entusiasmo, falta de... fé.

E ontem em Ponte de Lima na sala de um restaurante onde almoçámos, ouvi até dirigentes locais dizerem ao prof. Adriano Moreira que podia estar descansado pois se os resultados viessem a ser desfavoráveis para o CDS nunca deixariam que ele fosse o único sacrificado: compartilhariam todos as responsabilidades.

O carisma democratizou-se

Óbvio: os dirigentes centristas também falam de esperança, também tentam transmitir às poucas pessoas que os escutam que o partido pode vir a desempenhar um papel importante — mas apenas como força arbitral admitindo implicitamente que irão descer em número dedeputados.

O próprio Prof. Adriano Moreira vem repetindo essa ideia: a força de um partido não se vê apenas pelo número de deputados. As circunstâncias fazem por vezes de pequenos partidos a chave das situações... Esta ideia e a necessidade de combater o chamado voto útil são, de resto, o verdadeiro «leitmotiv» da campanha centrista, apostada em conseguir a todo o custo participar numa maioria com o PSD cujos dirigentes são, aliás, criticados a miúde, com relevo para Cavaco Silva (apesar do seu nome nunca ser citado).

Na verdade não deixa de ser curioso ouvir falar Adriano Moreira — como aconteceu em Ponte de Lima — acerca do carisma dos políticos. Disse o líder centrista:

«O carisma é um dom extremamente raro. Apesar disso, em Portugal o carisma democratizou-se de tal maneira que anda por aí aos pontapés. Encontra-se em cada esquina... hoje há tanta gente carismática que até faz aflição.»

O pai pródigo

Mas nem só a gente do PSD é criticada. Ontem, por exemplo, foram referidos os nomes de Morais Leitão e Teresa Costa Macedo como inspiradores da criação de um novo partido e deixadas no ar referências a muitos dos que foram ministros e secretários de Estado do CDS mas que hoje já não estão no partid ou pelo menos não fazem campanha activa...

... E como era de esperar a figura de Freitas do Amaral não foi poupada, ainda que o seu nome também não tenha sido pronunciado.

Com imensa graça, de resto, Adriano Moreira (que utiliza sempre muitas metáforas bíblicas) referiu-se aos filhos pródigos que um dia voltarão ao CDS e serão bem recebidos. Contudo, sublinhou:

«Falo de filhos pródigos, mas não do pai pródigo. Como sabem a Bíblia não fala disso, não prevê a figura do pai pródigo. Por isso não esperarei nada desse lado...»

Isto foi em Ponte de Lima. Mas à noite, em Braga, um militante da primeira hora do CDS — o senhor Augusto Rodrigues, que apareceu numa sessão que se realizou numa sala do Hotel Turismo, com cerca de 100 convivas e muitas bandeiras — dizia para os jornalistas que o queriam ouvir:

«O CDS é como a murraça dos foguetes: está a extinguir-se pouco a pouco. E isso custa-me: arrisquei a vida pelo prof. Freitas do Amaral, mas ele abandonou isto sem dizer nada a ninguém. Traiu-nos.»

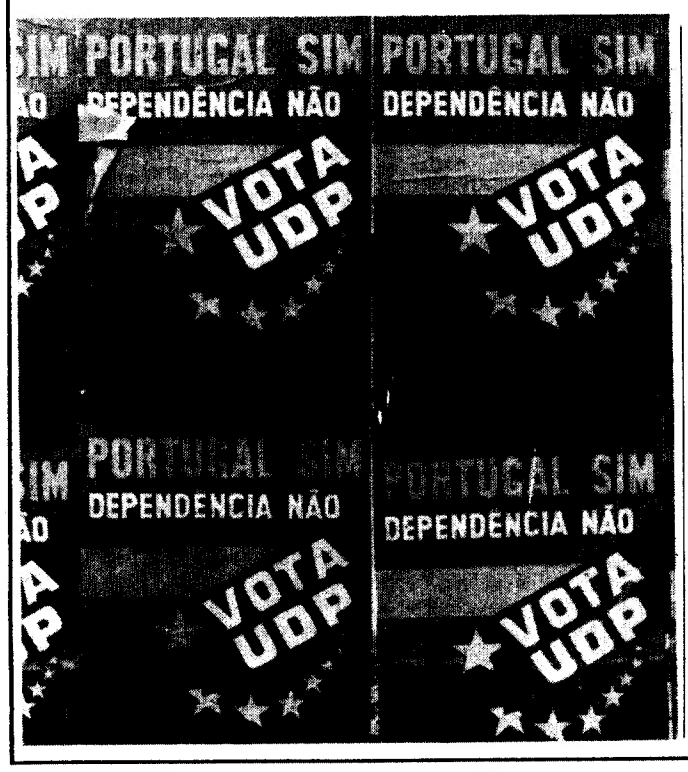
A sombra negra

Voltando ao dia de ontem nesta modesta campanha do CDS: Monção, Parede de Coura, Rio Frio, Arcos de Valdevez, Ponte de Lima, Vila Verde, Amares, Guimarães, foram apenas alguns dos frios pontos de passagem.

É certo que ainda é cedo para tirar conclusões e ninguém poderá dizer que esta falta de participação e de calor humano (mesmo em zonas onde o CDS tem tido influência significativa) terá inevitavelmente uma tradução directa na votação. Há que esperar para ver — mas as suspeitas e os receios avolumam-se no horizonte.

De qualquer modo é de toda a justiça de referir a presença, positiva, de Nogueira de Brito na caravana do CDS quando esta entru no distrito de Braga. À noite, na sala «jardim de inverno» do já referido Hotel Turismo, teve mesmo uma intervenção vibrante e deu um recado interessante aos seus correligionários: votar no CDS é **também** votar na maioria, «a nossa maioria», ao passo que votar noutras forças poderá ser estar a votar numa outra maioria, «quem sabe, na maioria do bloco central».

Por fim, uma referência apenas ao deputado Abreu Lima, que em Ponte de Lima teve uma intervenção a fazer lembrar demasiado os tempos da outra senhora. Sublinhando que a hora é difícil, referiu os perigos do PSD se tornar excessivamente grande e acabou por agitar o espantalho do que chamou «o franquismo de esquerda, perigo que julgávamos definitivamente afastado, mas que não o está efectivamente». E a propósito insistiu que o CDS é, «fundamentalmente, antimarxista e anticomunista» e acabou mesmo por exclamar: «O PCP é a minha sombra negra.» Antes falou de várias encíclicas, de numerosos papas e também do cardeal Cerejeira, e relembrou que no anterior regime ele próprio tinha sido delegado do Instituto Nacional do Trabalho.



Outros partidos

UDP contra situação no sector da Saúde

A UDP disse ontem que a política governamental no sector da Saúde consistiu no corte de despesas «essenciais» e na criação de «bodes expiatórios para as carências existentes» neste domínio.

Mário Durval, delegado de Saúde de Aljustrel, e Idalina Rodrigues, ambos membros da comissão política da UDP, deram uma conferência de imprensa para passarem em revista a actividade desenvolvida pelo Governo no sector da Saúde. Nessa reunião com os jornalistas, os dois dirigentes da UDP consideraram que é necessário uma nova política para o privado e o público.

«A saúde em Portugal está mal», afirmou Mário Durval que acrescentou: «Existe um mal estar na população que vê encarecidos os cuidados de saúde com aumentos dos medicamentos e das taxas moderadoras, apesar de algumas terem sido abolidas por decisão da Assembleia da República». Por outro lado, prosseguiu o mesmo dirigente, «cada vez são maiores as dificuldades em obter consultas apesar de haver mais médicos, e verifica–se o ressurgimento de doenças há muito tempo extintas, como a poliemielite e a tuberculose».

«A UDP defende que é necessário uma nova política de Saúde em Portugal, que contemple os seguintes pontos», disse Mário Durval antes de os enumerar: «real funcionamento do serviço nacional de Saúde, que passa pela unificação de todos os sistemas do SNS, garantindo a qualidade de atendimento e os direitos adquiridos, bem como a descentralização das funções de gestão para nível regional e local e autonomia financeira dos cantros de Saúde».

MRPP contra o PSD

O MRPP exigiu ontem a «imediata suspensão» dos tempos de antena do PSD para o Parlamento Europeu, afirmando que este partido o transformou em tempo de antena para a Assembleia da República - anunciou o gabinete de imprensa da mesma organização.

Numa participação dirigida à CNE, o MRPP afirma que o tempo de antena do PSD, constituiu «uma manobra ilegal, violadora da lei sobre o direito de propaganda na campanha eleitoral e violadora da igualdade que deve existir entre os partidos concorrentes a estas eleições».

«O partido de Cavaco Silva utilizou ilegalmente esse tempo de antena para o Parlamento Europeu, dado que o transformou numa emissão inteiramente dedicada à Assembleia da República e à autopropaganda do seu Governo», acrescenta o MRPP.

Julgamento em Celorico da Beira

Presidente vai pagar 100 contos à Câmara

O presidente da Câmara de Celorico da Beira, Carlos Faria de Almeida, o primeiro autarca a ser julgado após o 25 de Abril, foi ontem condenado ao pagamento de uma indemnização à autarquia de 100 contos, embora tenha sido absolvido dos 16 crimes de que era acusado.

O presidente da edilidade, acusado de 12 crimes de peculato, dois de falsificação, um de burla e de ter prestado falsas declarações ao tribunal na fase de instrução do processo, foi absolvido desses crimes, dizendo a indemnização respeito à parte cível do processo.

De facto, o juíz Cesário Correia Matos julgou improcedentes as acusações constantes na sindicância efectuada à Câmara Municipal de Celorico da Beira, tendo o Tribunal absolvido os restantes réus do processo: Maria CLara Faria de Almeida, mulher do presidente da Câmara, que desempenhou funções de vereadora substituta do presidente, o empreiteiro Diamantino Estevão, o industrial Carlos Martins, e ainda os funcionários municipais José Patrício, José Amorim, Joaquim Furtado e Cassiano Cardoso.

O ex–deputado social–democrata, Álvaro de Carvalho, foi o advogado de defesa do autarca, enquanto na acusação estiveram Aníndio da Silva e Maria de Lourdes Lantoine. Do colectivo presidido por Cesário Correia de Matos fizeram parte os juízes Orlando Gonçalves e António Magalhães.

PSD ganha em Perdizes

O PSD, único partido concorrente às intercalares para a freguesia de Vilar de Perdizes, Santo André, no concelho de Montalegre, venceu no domingo as eleições.

Os sociais–democratas obtiveram 37 votos em 351 eleitores inscritos, tendo sido escrutinados dois votos nulos.

Ae eleições foram convocadas por falta de quorum na anterior Junta e Assembleia de Freguesia, devido à demissão dos autarcas eleitos pelo Partido Socialista, formação política mais votada nas eleições autárquicas realizadas em Dezembro de 1985.

Sessão pública da Câmara Municipal de Lisboa

ELEITOS DO PCP PROPÕEM RETIRADA DAS COMPETÊNCIAS A ABECASIS

Os vereadores do PCP propuseram ontem na sessão pública da Câmara Municipal de LIsboa a retirada das competências excepcionais atribuídas a Nuno Abecasis.

A proposta apresentada pelo vereador Rui Godinho refere que a delegação atribuída com os votos favoráveris do CDS, PSD e PS na área da gestão urbanística, abrange um vastísssimo leque que inclui nomeadamente as competências para autorizar demolições, aprovar projectos de construção, alteração e ampliação de edifícios e aprovar loteamentos. Esta situação levou a que, nesta matéria, a Câmara só seja chamada a pronunciar–se sobre aquisição ou alienação de imóveis e outras operações conexas, as quais são aliás indelegáveis nos termos da Lei.

Sublinhando que o «presidente não tem cumprido o imperativo legal de informar a Câmara sobre os actos praticados no uso desta vasta delegação de poderes, salvo quando é interpelado sobre casos concretos, normalmente já alvo de discussão na opinião pública», os eleitos do PCP exemplificaram com numerosos casos: « a grande operação para a Praça de Espanha, negociada com alguns bancos sem conhecimento da Câmara, quando estão em jogo avultadíssimas verbas e volumes de construção terciária que implicam uma muito séria e profunda ponderação quanto aos seus efeitos devastadores numa área que inclui as Avenidas Novas e se prolonga pelo eixo Avenida de Berna/ Campo Pequeno/Avenida João XXI». «É também o caso da Torre dos Jerónimos, com despachos de defrimento de volumes de construção a serem dados pelo presidente enquanto decorriam trabalhos a cargo de uma comissão de vereadores e que foi travada quando a Câmara toma conhecimento pelos jornais», refere o texto da proposta.

Os exemplos referidos citam a cedência dos terrenos do Parque de Monsanto no Alto da Ajuda ao Ministério da Educação, «sem que a Câmara tenha decidido ou tenha sequer sido informada», o projecto do Alto do Lumiar, «cujo Plano Geral aprovado pela Câmara em 1985 já sofreu consideráveis modificações sem que as mesmas tenham vindo à discussão e aprovação da Câmara».

Para além destes e outros casos, os vereadores do PCP referiram irregularidades existentes na gestão urbanística, entre as quais destacamos a aprovação de loteamentos sem que sejam emitidos alvarás, donde decorre que não tem sido aplicado o regime vigente em matéria de loteamentos, «nomeadamente no que concerne aos contractos de urbanização, às obras de urbanização, aos alvarás e à taxa de urbanização». A autorização de volumetrias superiores às permitidas, as dispensas injustificadas de espaços para estacionamento, a violação dos principios do Regulamento Geral de Edificações Urbanas, «designadamente quanto aos limites das cérceas, profundidade de empenas e ocupação de logradouros», a cobrança de «mais valias» em vez da aplicação da taxa de urbanização legalmente prevista, e o regime de compensações «destinado a fazer pagar as violações», são outros dos pontos criticados na gestão de Nuno Abecasis.

«A primeira e urgente medida para pôr cobro a esta situação consiste em a Câmara assumir o exercício das suas competências próprias não se demitindo das suas responsabilidades», acrescenta a proposta, que considera por isso ser necessário revogar a deliberação «cessando a delegação no presidente da Câmara Municipal de Lisboa das competências que são próprias da Câmara e que lhe foram delegadas».

Estas acusações, que já tinham sido referidas pelos vereadores ex–APU em conferência de Imprensa, serão apreciadas em próxima reunião do executivo camarário. Aos proponentes tem–se como certo o apoio do vereador do PPM, cabendo a decisão sobre o fim das competências excepcionais delegadas a Abecasis à posição que vier ser assumida pelos três vereadores socialistas.

Auto–estrada em questão

No perido de antes da ordem do dia, destaque para as perguntas apresentadas pelo vereador independente do PPM, António Eloi, sobre a desalienação de uma parte do Parque de Monsanto, o futuro do Parque Eduardo VII e a posição do presidente face à auto–estrada Lisboa Cascais.

Acerca do primeiro ponto, Nuno Abecasis garantiu que a florestação da área atribuída para construção da Universidade Técnica de Lisboa e de um segundo Estádio Universitário será feita, e assegurou que a actual fisionomia do Parque Eduardo VII nada tem a ver com o prolongamento da Avenida da Liberdade. Sobre a auto–estrada Lisboa–Cascais, o presidente da edilidade depois de sublinhar que «não há nenhuma oposição de principio», considerou que tal solução «só é possível com uma circular», pois caso contrário «seria a destruição de todo o sistema viário de Lisboa». «A condição que pus é que os troços fundamentais da CRIL fossem feitos e entrassem em funcionamento todos ao mesmo tempo».

Esta questão não diz respeito apenas a Lisboa que, sem a complementariadade de vias, seria confrontada com uma maior penetração de tráfego no Marquês de Pombal, mas também a outros concelhos, nomeadamente os de Sintra e Cascais. O facto da nova auto–estrada «entrar» na área protegida de Sintra–Estoril e de se ter anunciado recentemenete o aumento da capacidade do aeródromo de Tires, a funcionar em ligação com aquela estrutura viária, preocupa legitimamente o vereadór independente do PPM.

MELHOR SERVIÇO | A MELHOR PREÇO

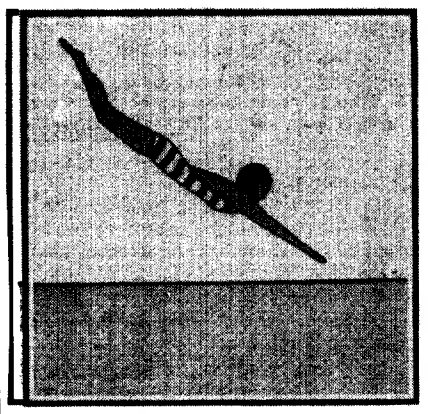
As novas tecnologias e a preocupação constante em oferecer um melhor serviço aos nossos clientes permitem-nos **a partir de 1 de Julho reduzir o preço das chamadas telefónicas interurbanas, à noite e durante os fins de semana,** para distâncias superiores a 50 Km. Também a partir de agora o custo das chamadas passa a ser uniforme em todo o país (Continente Açores Madeira). Pensamos em si. Oferecemos-lhe o melhor serviço a melhor preço.

Todos os dias	das 22.00h às 08.00h	redução de 25%
Sábados de manhã	até às 13.00h	redução de 33%
Sábados de tarde	até às 20.00h	redução de 50%
Domingos e Feriados	durante todo o dia (08.00h às 20.00h)	redução de 50%

TELECOMUNICAÇÕES

CORREIOS E TELECOMUNICAÇÕES DE PORTUGAL

PARA APROXIMAR PORTUGAL



NÃO dê saltos em locais que desconhece

Anarquia perturba serviços camarários de Coimbra

A desorganização e a incorrecta distribuição espacial dos serviços camarários de Coimbra é reconhecida num estudo–proposta de dois vereadores da edilidade ontem apresentado na reunião semanal do Município.

Nesse estudo–proposta, apresentado pelos vereadores da Administração e dos Recursos Humanos para estudo dos restantes membros da vereação, o problema é considerado «insustentável, sob risco de grave atrofiamento na rentabilidade do trabalho exigido aos funcionários».

A reparação e adaptação de instalações e a transferência de serviços são objectivos inscritos no citado estudo, que reconhece haver serviços a funcionar «em condições mais que precárias, só sendo de admirar como ainda conseguem responder com eficácia às responsabilidades que lhes são exigidas».

O trabalho admite ainda que uma reestruturação anteriormente operada mais veio acentuar as carências agora diagnosticadas e, nesse sentido, é salientado que «o chefe de divisão dos Recursos Humanos está num andar diferente daquele em que está situada a secção de pessoal».

«Nesta secção», sublinham os autarcas, «até os processos já andam pelo chão».

A proposta apresentada acrescenta que «outro aspecto a considerar, e não menos importante, é a organização funcional dos diversos serviços, que pela sua dispersão obrigam os Munícipes a andar escada abaixo, escada acima, com todos os inconvenientes daí decorrentes».

Gondomar com obras de 17 mil contos

A Câmara Municipal de Gondomar decidiu abrir concursos públicos, no âmbito do projecto de inmplementação de infraestruturas locais, no valor de 17 mil contos.

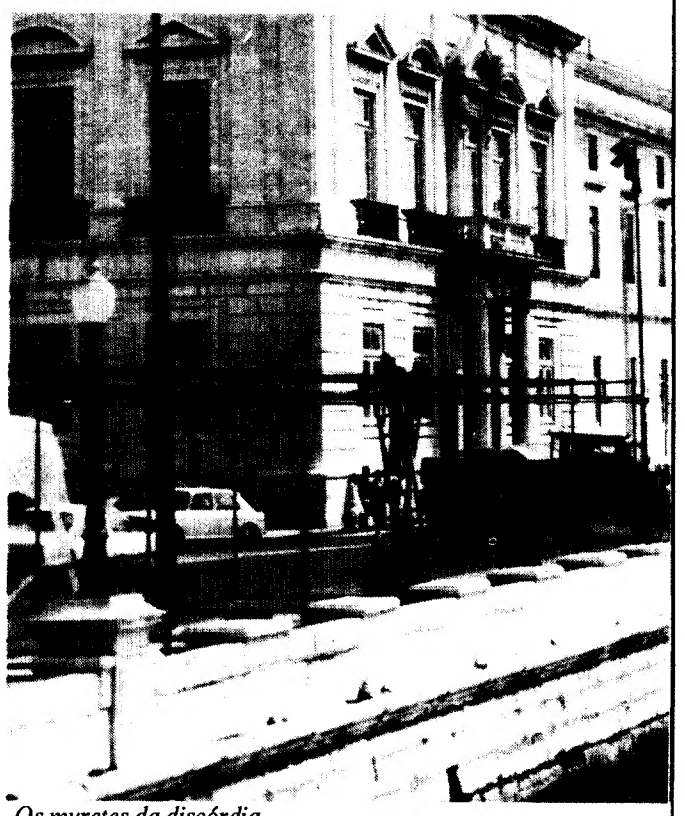
O arranque das obras, previsto para o inicio do segundo semestre do ano em curso, engloba projectos da rede de esgotos, drenagem de águas pluviais e rectificação e pavimentação das ruas.

A Câmara de Gondomar deliberou, ainda, atribuir subsídios no valor de 1200 contos a vários organismos locais. A autarquia decidiu também participar em 50 por cento do valor das despesas efectuadas pelas Juntas de Freguesia nas colónias balneares durante o ano de 1986.

Pedida colaboração ao Instituto Português do Património Cultural

CDU VAI LIMPAR PROPAGANDA NO TERREIRO DO PAÇO

A Coligação Democrática Unitária vai proceder à limpeza da sua propaganda pintada nos muretes de pedra do Cais das Colunas, tendo para tanto já solicitado a colaboração do Instituto Português do Património Cultural.



Os muretes da discórdia

«Reconhecendo, como aliás já o fizemos publicamente, que houve da parte de activistas desta Coligação um caso de menor atenção à preservação do património classificado- referimo–nos a inscrições murais realizadas nos muretes de pedra no Cais das Colunas, no Terreiro do Paço- , vimos colocar–nos à vossa disposição para colaboramos na reparação do dano causado», refere a carta enviada pela Coligação Democrática Unitária (CDU) ao presidente do Instituto Português do Património Cultural (IPPC).

Na missiva dirigida a Ressano Lamas, a CDU sublinha que «porque entendemos que as operações de restauro devem ser acompanhadas e dirigidas por esse Instituto, desde já nos colocamos à vossa disposição para uma primeira troca de impressões sobre o assunto que desejamos se concretize com a maior brevidade possível de forma a que a população de Lisboa e do nosso país e aqueles que nos visitam possam, a curto prazo, ver recuperados os muretes de pedra do belo Cais das Colunas».

E os outros?

A tomada de posição da CDU, que não conhece precedentes, vem pôr termo à polémica travada entre aquela força política concorrente ás eleições para a Assembleia da República, e a Câmara Municipal de Lisboa, depois do 4º Juízo Cível da Comarca de Lisboa ter intimidado o presidente da edilidade e os responsáveis pelo sector da limpeza ao cumprimento cabal do estabelecido sobre propaganda eleitoral.

Recorda–se que, de acordo com a Lei, as Câmaras Municipais não têm qualquer competência para retirarem propaganda política, como ocorreu durante a pré–campanha com diverso material da CDU.

A este respeito, aquela coligação sublinhou que o Município não devolveu panos, pendões, faixas e placards, «razão pela qual interpusémos uma acção de indemnização».

Rebatendo os argumentos de Abecasis sobre a degradação da imagem urbana suscitada pela afixação da propaganda política, a Coligação Democrática Unitária refere acções do presidente da Câmara: «quem já esqueceu, por exemplo, a demolição do Cinema Monumental ordenada pelo senhor Abecasis, à revelia de opiniões dos organismos oficiais com responsabilidade em matéria de património?».

Outros casos são apontados como «a tentativa de autorizar a construção de torres por detrás do Mosteiro dos Jerónimos na zona protegida de Belém», ou «a incúria da Câmara Municipal de Lisboa face ao seu próprio património habitacional, com 30.000 fogos de propriedade municipal, nos quais não realiza obras de manutenção e recuperação», utilizando apenas 20 por cento dos 300 mil contos orçamentados do Fundo PRID, Plano de Recuperação de Imóveis Degradados.

Sublinhando que «a hipocrisia tem limites», pois «não é a afixação dos cartazes nem de outras formas de propaganda que fazem ruir os prédios, mas sim a não realização de obras atempadamente», a Coligação Democrática Unitária espera que «as restantes forças políticas e, em particular o PS e o CDS que, de igual modo, têm afixado propaganda neste mesmo local, tomem atitude indêntica».

PORTUGAL
NÃO PODE PARAR

TEMPO DE ANTENA
NA RTP

Assembleia da República

Hoje, após o Telejornal

PSD

PSD PARTIDO SOCIAL DEMOCRATA

CÂMARA MUNICIPAL DA AMADORA

AVISO

ADMISSÃO DE PESSOAL

Informam-se os eventuais interessados de que até ao dia **13 de Julho de 1987** podem ser enviadas à **Presidência da C.M.A.** candidaturas para os lugares adiante indicados.

Todos se destinam a **contrato** de 6 meses numa fase inicial, com possibilidade de ingresso no **Quadro** de Pessoal.

Gestor de Recursos Humanos

- Técnico superior de 2.ª classe
- Áreas de formação escolar preferenciais: Gestão de Recursos Humanos, Organização e Métodos, Sociologia, Economia, Direito, Psicologia.

Condição indispensável: experiência profissional anterior no sector.

Responsável por refeitórios

- Função: gestão dos refeitórios a cargo da CMA.
- Exige-se: conhecimento do ramo e experiência profissional.
- Preferência: formação profissional adequada.

Eng.º Técnico/electricidade

- Formação escolar adequada
- Preferência: experiência profissional.

Amadora, 25 de Junho de 1987

O Presidente em exercício
Armando Cerqueira Romão

SIRP — SERVIÇO DE INFORMAÇÃO E RELAÇÕES PÚBLICAS
Gabinete de Imprensa ☎ 494 29 30 Ext. 320/321

PORTUGAL
NÃO PODE PARAR

COMÍCIOS
com
CAVACO SILVA

QUARTA - 1

18.30 — Elvas — Pç. D. Sancho (frente sede PSD)
21.30 — Portalegre — Rossio

PSD

PSD PARTIDO SOCIAL DEMOCRATA

Ao depor ontem no julgamento dos "Comandos"

OTELO RECONHECEU "VERTENTE POLÍTICA" NO AFASTAMENTO DE JAIME NEVES

Manuel Geraldo

Rodeado de fortes medidas de segurança a cargo da Polícia do Exército e de batedores da GNR, o tenente-coronel Otelo Saraiva de Carvalho esteve ontem à tarde em Santa Clara para depor como testemunha no julgamento dos 20 ex-militares do Regimento dos Comandos da Amadora, onde reconheceu «a vertente essencialmente política» da acção que levou ao afastamento temporário do coronel Jaime Neves da liderança da unidade.

Idêntica posição foi expressa pouco depois pelo tenente-coronel Vasco Lourenço e pelo major Mário Tomé. «Não tenho dúvidas nenhumas de que foi por razões exclusivamente políticas que os réus actuaram», disse Vasco Lourenço. Quanto a Mário Tomé afirmou que o movimento no Regimento da Amadora «teve motivações meramente políticas já que se tratou da tentativa de saneamento de um oficial, o coronel Jaime Neves, que era ostensivamente contra o 25 de Abril».

Otelo, à data comandante da Região Militar de Lisboa, assumiu a responsabilidade pela recondução de Jaime Neves e pela instauração de um processo-crime contra os 20 réus, dado que, defendeu, «a esmagadora maioria dos militares da unidade não era favorável ao afastamento daquele oficial», tal como, precisou, «FICOU PATENTE» no plenário a que assistiu. Antes desse plenário, Otelo proferira a frase tornada célebre, ao dirigir-se a Jaime Neves: «Jaiminho, perdeste a confiança dos teus homens!»

Mas para o antigo comandante do COPCON, o objectivo dos réus «não era o de tomar o comando do Regimento, mas sim exigir que fosse nomeado outro oficial que não estivesse contra o processo revolucionário em curso».

Nas declarações que, por sua vez, prestou perante o 2.º Tribunal Militar Territorial de Lisboa (2.º TMT), Vasco Lourenço defendeu que o processo «está mais do que abrangido pela Lei da Amnistia» e que só não o mandou arquivar quando estava à frente da Região Militar de Lisboa porque o mesmo «estava ainda na fase de instrução». Como membro do Conselho da Revolução, Vasco Lourenço informou, a instâncias da defesa, que nunca chegara àquele órgão de soberania «qualquer queixa referente a sevícias ou violências» que tivessem sido praticadas pelos réus contra os militares leais a Jaime Neves.

Aquele abraço e «diálogo de mudos»

Otelo e Vasco Lourenço apresentaram-se fardados em tribunal, ao passo que Mário Tomé vestia à civil. À saída de Santa Clara, Otelo e Vasco Lourenço abraçaram-se demoradamente nas escadas de acesso e o estratego do 25 de Abril acenou para a pequena multidão que se aglomerava no largo fronteiro ao edifício, antes de entrar para o automóvel que o conduziu ao Forte de Caxias, onde cumpre a pena de quinze anos que lhe foi aplicada em Monsanto como arguido no processo das «FP-25».

Mas ainda relativamente a este julgamento, cujas alegações estão marcadas para a próxima segunda-feira, a partir das 14 horas há a reter a «animosidade» que o tribunal presidido pelo coronel Xavier Coelho tem demonstrado pela Comunicação Social, não permitindo a entrada de gravadores, máquinas fotográficas ou qualquer tipo de câmaras de filmar. E ainda a recusa obstinada a que seja utilizada a instalação sonora que possui, à semelhança do que aconteceu noutros pleitos, como, por exemplo, nos processos do RALIS e do assassinio do general Delgado. Pelo que em certos momentos mais parece um «diálogo de mudos», o que se passa nas bancadas de Santa Clara!...

Otelo quando em Junho de 1985 entrava em Santa Clara, para testemunhar no mesmo julgamento. Ontem a «segurança» impediu o acesso dos repórteres fotográficos ao local

Porto de Lisboa vai receber um milhão de contos/ano

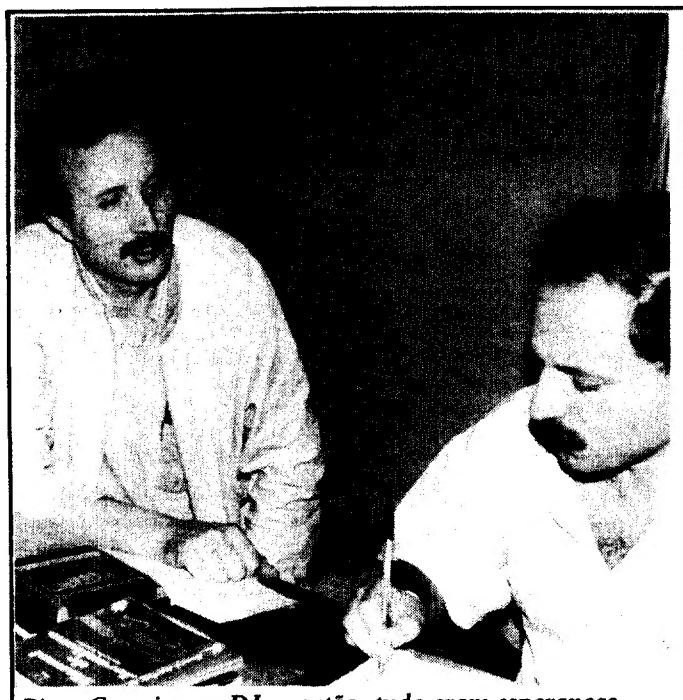
O contrato de operações de transbordo assinado entre a Agência de Navegação Pinto Basto e a Shipping Corporation of India vai permitir a entrada de 1 milhão de contos anuais para o Porto de Lisboa, disse fonte da empresa.

O acordo, assinado no início do mês, visa a utilização dos serviços do novo terminal de contentores de Lisboa, concessionado à operadora portuária Liscont, e permite que os segundos maiores armadores mundiais passem a escalar, anualmente, em Lisboa, cerca de 70 navios porta-contentores, alguns dos quais com capacidade superior a 1200 contentores.

Considerado o primeiro contrato do género realizado em Portugal, a Pinto Basto tem hoje a sua segunda operação de transbordo, tendo sido a primeira em 24 de Junho.

O contrato prevê que as operações de «transhipment» passem a efectuar-se regularmente por períodos de três dias.

O contrato prevê o transbordo de contentores originários da Índia e de outros portos do subcontinente asiático com destino a Inglaterra, Bélgica, Holanda, RFA, Estados Unidos, Canadá e também à costa ocidental de África. O novo serviço marítimo oferece ainda saídas regulares, quinzenalmente, entre Lisboa e Bombaim.



Pinto Correia ao «DL»: então, tudo eram esperanças...

Cordeiro de Oliveira: o outro réu de um processo obscuro

TLR: população quer que ela volte, já

RÉUS DO PROCESSO NO TIC DE LOURES VÃO TENTAR SABER QUEM A "POLITIZOU"

Julio Rodrigues

Fotos de José Tavares

Os dois réus da TRL no processo do TIC de Loures vão tentar descobrir que elemento ou elementos dos serviços comerciais utilizou o nome da Televisão Regional de Loures para propor aos partidos políticos «tempo de antena» durante a campanha (em curso) para as eleições de 19 do corrente. Pinto Correia, co-réu no processo contra a TRL, disse ao «Diário de Lisboa» que quer ele quer Cordeiro de Oliveira — ultrapassadas algumas divergências de última hora —irão desenvolver esforços para apurar a verdade dos factos.

Fundamentalmente, os dois acusados de um processo algo nebuloso, procurarão saber quem assinou as cartas enviadas — duas para cada um dos principais partidos concorrentes — com propostas diferentes. Pinto Correia afirmou ao «Diário de Lisboa» que as cartas, com o timbre da TRL, chegaram a duas das maiores forças político-partidárias, pelo menos, admitindo que também as outras tenham recebido idênticas propostas.

«Vamos pedir aos partidos políticos, em especial ao PS e à CDU, que nos enviem fotocópias das propostas que lhes terão sido feitas, na esperança de detectarmos que as remeteu, a partir da assinatura dos respectivos ofícios. Só assim, e para total esclarecimento da verdade, será possível, eventualmente, descobrir o autor, ou autores, de uma atitude que não estava, nem estará, nos nossos planos. Politizar a TRL, isso nunca!» — sublinhou Pinto Correia, um dos seus dois fundadores.

Os «donos» da TRL não sabem ao certo se terá sido essa a razão por que o juiz do TIC de Loures, a Polícia Judiciária e os Serviços Radioeléctricos, dos TLP/CTT, actuaram no passado dia 17, madrugada em que o concelho de Loures, parte do de Vila franca de Xira, Lisboa e Almada, pelo menos, deixaram de ter a Televisão Regional de Loures nos seus écrans. Meio milhão de pessoas, pelo menos, ficaram privadas da «tTelevisão» alternativa à programação da RTP.

Material foi mal apreendido

O advogado dos dois réus deste (já) apaixonante processo, Manuel Carvalho de Matos, não dispunha, esta manhã, de qualquer informação concreta sobre a evolução do processo em fase de instrução. «Para deduzir uma acusação destas terá de haver muito cuidado», advertiu aquele jovem causídico.

Carvalho de Matos disse ao «DL» encontrar-se o processo em «segredo de justiça», fase que, portanto, não permite grandes alardes nem aconselha quaisquer declarações. Por isso, o advogado de Pinto Correia e Cordeiro de Oliveira, que na passada sexta-feira se encontrou — pela última vez — com os seus dois clientes, evitou pronunciar-se sobre o processo. Não deixou, no entanto, de considerar «muito mal apreendido todo o material».

O processo não teve, ontem — ao contrário do que chegou a estar anunciado — qualquer decisão, continuando em «segredo de justiça» e a aguardar que sobre ele o delegado do Ministério Público tome uma decisão. O representante do MP no Tribunal Criminal de Loures é, comulativamente, juiz de um dos juízos civis do Tribunal de Loures.

Há quem considere «abuso de poder» a posição que o TIC e a PJ, esta convocada por José Eduardo Oliveira (quese apresentou em Fetais e na Quinta da Serra, na Póvoa de Santo Adrião, exibindo um mandato de busca, apreensão e selagem de todas as instalações), assumiram em todo o processo, acusando a DST (Direcção de Serviços de Telecomunicações) de precipitação, uma vez que entrou em cena apenas em Loures, quando se sabe que há mais «televisões piratas» a emitir sem problemas de maior.

Carvalho de Matos afirmou-nos ser «vago», em Portugal, «o conceito de Televisão», pelo que «estamos perante um processo complicado», e que, pelos vistos, irá dar muito que falar. A hipótese de virem a processar os CTT/TLP cresce entre os dois réus deste processo, podendo a queixa ir mais longe e contra mais alvos...

Se houver dinheiro podemos arrancar

A RTP diz ser parte interessaa em toda esta questão, tendo sido por intervenção sua que os Serviços Radioelécticos dos TLP-/CTT actuaram, como de resto o «DL» admitiu no próprio dia em que os seus emissores e estúdio foram desmantelados, pela fresquinha na madrugada e sem ser possível à população organizar-se para impedir o acesso da PJ, do juiz e do pessoal da DST às suas instalações.

Pinto Cordeiro adiantou ao «DL» que, «se houver dinheiro», a «equipa» da TRL, aqueles que «não abandonaram o barco neste momento delicado e importante», poderá «recomeçar as emissões». Isso, apesar das autoridades terem apreendido o material mais importante, nomeadamente um emissor que lhes custou meio milhar de contos em Espanha. E um outro que, como nos disse Pinto Correia, «nos custou, a mim e ao Cordeiro de Oliveira, mais de quinhentas hoas de trabalho a fazer, por'carolice'».

O juiz, a PJ e a Brigada dos TLP/CTT que atacaram pela manhã cedo do dia 17 todas as instalações da TRL, desde Fetais à Quinta da Serra, e visitaram a videoteca em casa de Pinto Correia, arrombaram uma porta, partiram vidros, para, assim, cortar um cabo coaxial, recolher dois painéis (deixando outros dois) em Fetais, arrancar uma antena de recepção e deixar o procurador do edifício como fiel depositário de um conversor, três fontes de alimentação, um par de ventiladores e dois amplificadores, à ordem do Tribunal Criminal de Loures.

Reabertura condicionada

Apesar de tudo isso, Pinto Correia garante que a emissão da TRL poderá ir, de um instante para o outro, para o ar. «Assim haja dinheiro, que nós sabemos onde ir buscar o material que nos falta», afiançou. Isso poderá suceder a qualquer altura, desde que, entretanto, descubram quem enviou propostas a alguns partidos políticos, manifestando a intenção de lhes conceder «tempo de antena». Uma segunda proposta, porque na primeira ofereciam espaço publicitário a troco de uns bons contos de réis por minuto.

Emitindo até há bem pouco tempo com uma potência de 40W,a TRL tem os seus fiéis que, a todo o transe, pretendem que a Televisão Regional de Loures volte a funcionar. Em tempos foram distribuídos e afixados prospectos para a sua reactivação. No último fim-de-semana voltaram à carga, colando prospectos ainda maiores, em que dizem: «TRL, queremos-te de volta!».

Mas Pinto Correia condiciona o futuro da Televisão Regional de Loures nestes tempos: «Reabrir ou não depende do tribunal».

Da «equipa» mantêm-se disponíveis, além dos réus, Carlos Pires, Carlos Moreira e António Rodrigues.

Cartão Jovem para 87/88 é lançado amanhã

Será oficialmente lançado amanhã, com a presnça do secretário de Estado da Juventude, Antínio Couto dos Santos, o «Cartão Jovem» para o biénio 1987/88. A cerimónia terá lugar nas instalações da Secretaria de Estado da Juventude, pelas 16 horas.

Serão distribuídos de forma simbólica, na oportunidade, alguns cartões Jovens a raparigas que se tenham destacado nas suas actividades, em áreas como a cultura e o desporto, bem como ao jornalista mais jovem de cada órgão de Comunicação Social.

O «Cartão Jovem 87/88» será válido, simultaneamente, em Portugal, França e Escócia e só posteriormente a sua validade será alargada à Holanda, Bélgica (à comunidade flamenga, concretamente) e Espanha, a partir, respectivamente, de 1 de Setembro, 1 de Novembro e 1 de Janeiro de 1988.

A reciprocidade de vantagens para os utilizadores do «Cartão Jovem» dá aos jovens portugueses a possibilidade de usufruírem de regalias em 29 300 empresas, sendo seis mil delas portuguesas, que aderiram este ano à recomendação da Conferência de Ministros da Juventude do Conselho da Europa concedendo reduções iguais ou superiores a 10%.

São múltiplas as áreas em que o utilizador do «Cartão Jovem» beneficiará desses descontos: transportes, alojamento, restaurantes, espectáculos, livrarias, lojas de pronto-a-vestir e desporto.

O «Cartão Jovem deste ano conta também com a adesão de várias federações desportivas, incluindo a Federação Portuguesa de Futebol, que aderiu com 50% nos encontros da sua responsabilidade.

Em França, o número de adesões a esta iniciativa ronda as 22 mil empresas e na Escócia as 1 300.

Com esta internacionalização do «Cartão Jovem» os que tiverem entre 14 e os 25 anos poderão adquiri-lo em 12 500 pontos diferentes de venda. Em Portugal são 200 os locais de venda, funcionando em todos os serviços regionais da Secretaria de Estado da Juventude e delegações do FAOJ, e ainda nos balcões da Companhia Seguradora Mundial Confiança e do Banco Pinto & Sotto Mayor.

Existem 12 000 postes de venda em França, localizados nos vários centros de informação de jovens e nos balcões do Crédit Mutuél. A Escócia, por sua vez, põe o «Cartão Jovem» à venda nos 300 postos de turismo espalhados pelo país.

Os possuidores do «Cartão Jovem» receberão este ano, conjuntamente, o Guia do Cartão Jovem, que inclui, para além da relação das casas que concedem vantagens aos jovens, informações turísticas sobre todas as regiões de Portugal, contendo ainda um conjunto de informações gerais sobre o modo de utilizar o «Cartão Jovem» nos outros paises.

É já amanhã, portanto, que os jovens interessados poderão adquirir o seu Cartão ao preço de 500$00, desde que entreguem uma fotografia e mostrem o seu bilhete de identidade.

As recitas da venda do «Cartão Jovem» reverterão integralmente para o apoio de iniciativas de jovens, como Centros de Informação e Documentação Juvenis ou o Conselho Nacional de Juventude.

Dois traficantes de cocaína detidos pela PJ em Coimbra

A Polícia Judiciária afirma ter detido em Coimbra dois traficantes de cocaína e de outros estupefacientes, com 31 e 32 anos de idade, os quais desenvolviam a sua actividade em Coimbra, Mira, Figueira da Foz, Tocha, Vagos e Viseu. Um deles tinha em seu poder oito embalagens de cocaína pronta a ser transaccionada.

A partir destas detenções a PJ referenciou dois outros tranficantes em Lisboa e ainda cerca de duas dezenas de consumidores, de idades compreendidas entre os 20 e os 37 anos.

Alvejado em Miratejo por agente da PSP

Um agente da PSP irá ser hoje presente ao juiz de Instrução Criminal de Almada acusado de, na madrugada de ontem, ter ferido a tiro um jovem de 25 anos, Carlos Alberto Pereira, residente no Laranjeiro. O agente, cuja identidade não foi revelada, afirma ter agido em legítima defesa após Carlos Alberto o haver agredido, na sequência de uma discussão travada entre ambos em Miratejo. A GNR tomou conta da ocorrência.

A de vaca tem poucos compradores

VENDA DE CARNE DESCEU

De acordo com um estudo publicado pela Direcção Geral do Comércio Interno, a venda de carne desceu em Lisboa, sendo particularmente notada a quebra de compradores de carne de vaca.

«A análise dos indices de vendas em Maio, relativamente ao mês anterior, indica que para o total da amostra se registou uma diminuição nas quantidades vendidas, em todas as espécies, salientando–se a quebra verificada nas vendas de carne de bovino nacional de 15,5 por cento que ocorreu em todos os estabelecimentos», refere o texto explicativo que acompanha os números divulgados pela Direcção–Geral do Comércio Interno.

No documento sublinha–se que «tal quebra excedeu significativamente a subida do respectivo preço médio de venda que, no caso da carne de 1ª, foi cerca de três por cento».

Mas não foi apenas a carne de vaca que passou a ser menos «solicitada» pela mesa dos lisboetas, pois os números revelados apontam igualmente para uma descida procura de carne de porco, apesar de, segundo os dados divulgados, o seu preço ter diminuído.

Em contrapartida, verificou–se um acréscimo da venda de carne de frango nos «talhos independentes» com uma descida de 10 por cento.

Preços do porco vão subir

No capítulo dedicado a opiniões sobre a variação do mercado, a Direcção Geral do Comércio Interno, auscultados os responsáveis dos diversos postos de venda – mercados municipais, «talhos independentes» e supermercados –, prevê a subida do preço da carne de porco.

De acordo com a nota explicativa, tal previsão é motivada pelo mais que provável acréscimo da procura, resultante dos afluxos de turistas e emigrantes no Verão.

Quanto ao preço do frango, que concita a atenção dos lisboetas, e cujos preços têm vindo a sofrer grandes oscilações, os comerciantes ouvidos pela Direcção Geral do Comércio Interno não arriscaram, por difícil, qualquer previsão...

ÍNDICES RELATIVOS A MÉDIAS DIÁRIAS DE VENDA DE CARNE

Base 100 = Maio 86

Espécies / Tipo de estabelecimento	Maio / 87			
	Bovino nacional 1.ª e 2.ª s/osso	Suíno		Frango
		Carne limpa	Costeletas lombo	
Talhos em				
• Mercados municipais	78.6	100.0	72.0	106.3
• Independentes	86.7	97.6	96.8	112.3
• Supermercados	134.2	116.7	124.3	106.9
TOTAL	113.8	111.6	112.5	108.6

Base 100 = Abril 87

Maio / 87			
Bovino nacional 1.ª e 2.ª s/osso	Suíno		Frango
	Carne limpa	Costeletas lombo	
88.6	83.8	76.6	113.3
96.7	85.1	88.2	103.4
79.8	91.3	90.2	90.7
84.5	89.8	90.0	92.8

Para o sector das pescas

Pedidos à CEE três milhões

O valor dos projectos de investimento no sector das pescas candidatos ao apoio da Comunidade Económica Europeia para o ano corrente ultrapassa os três milhões de contos, segundo afirmou o secretário de Estado das Pescas.

Jorge Godinho, que intervinha na sessão de encerramento do ano lectivo da Escola Profissional de Pesca, lembrou que o valor destes projectos é superior ao investimento, realizado o ano passado, na modernização e reestruturação da frota de pesca, o qual atingiu cerca de três milhões de contos.

Como objectivos essenciais para a modernização do sector, aquele membro do Governo apontou a renovação da frota, o desenvolvimento da indústria transformadora, novos e melhores apoios portuários e de venda de pescado, a par de uma maior qualificação dos profissionais do sector.

Neste âmbito, Jorge Godinho sublinhou que «as novas tecnologias, o risco da vida no mar e a experiência requerida, são bem demonstrativas da exigência da tecnicidade e de preparação exigidas, da especialização e do valor da actividade profissional».

Na ocasião, o director da Escola de Pesca referiu que o número de alunos que frequentaram a instituição triplicou desde 1986, tendo sido ministrados os cursos de marinheiro, contramestre, mestre costeiro e mestre do alto.

Referindo–se às actividades paralelas integradas na formação profissional, o responsável lembrou o programa «Forpescas» que mantem em funcionamento seis delegações espalhadas pelo país, o que classificou como «demonstrativo do esforço desenvolvido para a descentralização».

Disse ainda que se prevê a entrada em funcionamento, até ao final do ano, de mais duas delegações, uma em Setúbal e outra na Figueira da Foz. Recorda–se que os centros actualmente em actividade são os de Viana do Castelo, Caxias, Matosinhos, Ilhavo, Peniche e Olhão.

Fundo Social Europeu apoia animadores de rádios locais

Um curso de animadores de rádios locais destinado a proporcionar condições para uma ampla interpretação dos fenómenos culturais, politicos e sócio económicos, foi iniciado no Porto, no Centro de Formação de Jornalistas.

Organizado pela Federação Nacional das Cooperativas de Arte e Cultura, o curso, que termina em Novembro, é financiado pelo Fundo Social Europeu.

A iniciativa, na qual estão inscritos 25 jovens, a maioria dos quais colabora em rádios locvais, inclui áreas de formação global e de formação específica.

No âmbito da formação global, está previsto o debate de temas relacionados com o cooperativismo, sistema de organização política, actualidade internacional, introdução às Ciências Humanas e a Comunicação Social Portuguesa.

Este curso inclui, no âmbito da formação específica, a história da rádio, técnicas de recolha de informação, direitos e deontologia da Comunicação Social, sociologias dos audiovisuais e, ainda, comunicação e opinião pública, produção, realização e programas de informação.

O curso, ministrado por alguns profissionais da Comunicação Social, prevê também debates e conferências sobre temas da actualidade, para além de visitas a diversas instituições.

António Pinho Vargas, Paquete de Oliveira, António Bondoso e Jorge Lima Barreto são alguns dos convidados que vão intervir no curso, que é a segunda iniciativa do género que se realiza em Portugal, apoiada pelo fundo Social Europeu.

Nova rádio em Viseu

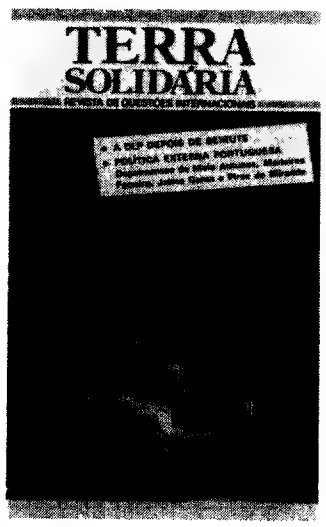
Na comemoração dos dois anos de existência da RDP/Guarda, responsáveis locais daquela estação emissora encaram o alargamento do alcance geográfico daquele posto emissor.

A falta de meios técnicos e as dificuldades criadas pelas grandes elevações e depressões tipicas de uma zona de Serra têm dificultado esse alargamento.

Entretanto, a «rádio Viriato» foi inaugurada em Viseu, funcionando diáriamente em frequência modelada, 88.8 MHZ.

Segundo ano de existência

"Terra Solidária" — revista internacional do Cidac



O Centro de Informação e Documentação Amílcar Cabral (CIDAC), faz agora precisamente um ano, arrancou com um projecto que há muito ambicionava concretizar: uma publicação regular que tratasse de questões internacionais. Com o título de «Terra Solidária», saiu então para os escaparates uma revista tratando daquela problemática.

Tendo como director Luís Moita, a revista inicia agora o seu segundo ano de publicação, dando o primeiro número desta segunda etapa (Julho/Agosto, uma vez que a edição ocorre de dois em dois meses) grande relevo à política externa portuguesa, através de depoimentos de Melo Antunes, Medeiros Ferreira, Jaime Gama e Pires de Miranda.

Outros títulos, no entanto, de interesse: «A OLP depois de Beirute», «A dívida externa da África e da América Latina», «As relações URSS-Terceiro Mundo», etc.

Refira-se que o Conselho Redactorial é constituído por Agostinho Jardim Gonçalves, Alípio de Freitas, António Silva, Clara Viana, José Fialho, José Manuel Rolo, Luísa Teotónio Pereira e Maria da Conceição Neuparth.

Preço de capa: 150 escudos.

Afinal de que lado está Cavaco?

Um tempo de antena do Partido Socialista

Com o ROCK

Yes PS

e também

POPULARES que não se deixam enganar
PESSOAS com opiniões sensatas
GENTE bem humorada
ELEITORES inteligentes
e POLÍTICOS simpáticos.

HOJE
logo após o Telejornal

Um filme de: António Pedro de Vasconcelos
Joaquim Leitão
e Nuno Teixeira.
Colaboração de: Francisco Manso
e Jorge Rodrigues.

O líder polaco, general Jaruzelski, garantiu em Tóquio que o seu país po dia pagar as dívidas contraídas ao Japão, aproveitando a sua visita oficial a Tóquio para pedir novo empréstimo àquela nação asiá tica. Na fo - to, o Primeiro–Ministro japonês, Yasuhiro Nakasone brinda com o líder polaco Wojcieh Jarukelski.

O líder líbio, Muamar Kadhafy, declarou em Argel que «põe nas mãos dos argelinos» a tarefa de redigir um projecto de carta de união entre a Líbia e a Argélia. O discurso de Kadhafy, lido na Assemblia Nacional argelina, foi precedido de uma intervenção do Presidente do Parlamento, Rabah Bitat, que afirmou que a Argélia defende a união árabe global, construída sobre uma base de reflexão e seriedade. O Chefe de Estado líbio, muito aplaudido, disse estar disposto a assinar a carta de união, quando a mesma lhe for apresentada pela Argélia, «porque temos inteira confiança no Presidente Chadli». Kadhafy disse que os dois países têm condições «adequadas para se reunir» e evocou uma das passagens da Carta Nacional argelina, em que se afirma que a Argélia crê na unidade árabe. Kadhafy deverá assistir no próxima dia 3 às comemorações dos 25 anos da indepen - dência da Argélia.

O arcebispo sul–africano Desmond Tutu defend afirmação de que a vio lência poderia um dia vir a ser n Apartheid, sublinhando que, por enquanto não de fende na imagem, segurando o neto ao colo, após o seu re gr çambique.

Semana cultural cabo-verdiana

A primeira semana cultural de Cabo-Verde está a decorrer em Roma até quinta-feira, organizada pela associação cabo-verdeana da capital de Itália. Uma exposição de artesanato local, sobretudo tapetes, tecidos, peças de vestuário e objectos de palha e vime, tem estado patente nas instalações do jornal «Paese Sera», onde se realizou uma mesa-redonda sobre «Aspectos da Cultura Cabo-Verdeana». Um conjunto musical liderado por Paulino Vieira, radicado em Lisboa, apresentou-se num clube romano de música com um reportório de mornas e coladeras. O mesmo conjunto abrilhantou o baile comemorarivo do 12.º aniversário da independência de Cabo Verde, que decorreu no domingo, numa discoteca desta cidade. Na quinta-feira, realiza-se na ilha Tiberina uma série de manifestações artístico-culturais sobordinadas ao título «Universal da Ilha Kolá San Jon». Entre elas, realça-se um recital integrado pela tradução para o italiano de «Universo da Ilha», uma recolha de poemaqs de Vasco Martins, e o «Kolá San Jon, baile típico das noites de São João

Soldados cubanos desertores

Cerca de 56.000 soldados cubanos desertaram nos últimos três anos e uns 10.000 morreram em Angola desde 1976 - disse ao vice-presidente dos Estados Unidos o brigadeiro Rafael Del Pino Diaz. Aquele oficial cubano, que no dia 28 de Maio veio para trritório norte-americano, foi recebidoem audiência pelo vice-presidente George Bush durante meia hora. Os desertores seriam mais de um quarto dos 200.000 soldados das Forças Armadas cubanas e uma das razões dadas por Del Pino é a de que o povo de Cuba não estará satisfeito com a presença de forças suas em Angola. Aquele brigadeiro, que veio para os Estados Unidos numa avioneta, acompanhado pela família, disse a Bush que cerca de 10.000 cubanos teriam sido enterrados em Angola sem que os parentes fossem informados das circunstâncias da morte e sepultura. Ainda de acordo com Rafael Del Pino Diaz, Cuba terá em terra angolana um contingente de 34.000 soldados, como forma de apoio à República Popular de Angola.

Depois da audiência, George Bush disse que o brigadeiro Del Pino é «obviamente inteligente e uma fonte de grande credibilidade». O visitante também contou em Washington que o presidente Fidel Castro se teria oposto à ideia soviética de permitir em Cuba uma sociedade aberta. E que por isso não permite que bolseiros cubanos frequentem a Universidade Lenine, de Moscovo, a fim de não serem influenciados por «más idéias».

Conferência sobre prevenção da SIDA

Especialistas de todo o mundo iniciaram na sede da UNESCO em Paris uma conferência de três dias sobre a prevenção da Sida. A conferência destina-se a delinear um plano educativo de prevenção da síndroma de imunodeficiência adequirida (Sida) com o objectivo de preservar da doença crianças e adolescentes. Este programa pretende evitar que crianças com Sida se sintam rejeitadas, eliminar sentimentos negativos relativamente à sexualidade e fomentar em cada país um sistema de informação sobre a doença que abranja toda comunidade e em particular a família. A reunião conta com o patrocínio da Organização Mundial de Saúde e reúne vários especialistas que se dedicam a investigações sobre a Sida.

«Trata-se de um programa bastante ambicioso, mas temos que ter em conta a presença da doença em 118 países», afirmou o chefe do programa de prevenção da Sida da OMS.

Proposta de Roh Tae-Woo satisfaz oposição sul-coreana

PRESIDENTE HWAN ANUNCIA AMANH ACEITAÇÃO DAS REFORMAS POLÍTIC

O Presidente sul–coreano, Chun Doo Hwan, deverá anunciar amanhã que aceita o conselho do seu partido para promover reformas políticas, incluindo eleições presidenciais directas, revelou um porta–voz presidencial. Desenhando–se no horizonte uma solução para a crise política, os 120 mil agentes da Polícia sul–coreana não se encontram hoje, pela primeira vez em três semanas, em alerta máximo, anunciou a Polícia.

Além da viragem observada na questão da reforma eleitoral - principal exigência da oposição - foram ainda propostas, uma amnistia para o dissidente Kim Dae–Jung, liberdade para a maior parte dos presos políticos e liberdade de Imprensa.

Kim, o mais proeminente crítico de Chun, foi proibido de participar em actividades políticas ao abrigo de uma pena suspensa por sedição.

A fonte disse que Chun deverá presidir a uma reunião extraordinária do gabinete que hoje irá decorrer no palácio presidencial para acertar pormenores sobre a declaração que o Chefe de Estado fará às 10 horas de amanhã ao país (zero horas de Lisboa).

Chun encontrou–se com Roh Tae–Woo, líder do Partido Democrático da Justiça (PDR), no poder, que ontem propôs um conjunto de reformas que apanhou de surpresa a oposição e os governantes sul–coreanos ao defender virtualmente as posições dissidentes.

A posição de Roh seguiu–se a duas semanas de violentos protestos de rua exigindo o fim do Governo autoritário de Chun e eleições livres para escolher o seu sucessor.

Roh, o homem escolhido por Chun para seu sucessor quando o seu mandato de sete anos terminar em Fevereiro de 1987, ameaçou ontem abandonar a liderança do partido e a sua candidatura presidencial, a menos que Chun aceitasse as suas propostas.

É aguardada para esta semana uma remodelação no seio do PDJ, depois de importantes membros se terem afastado ontem dando a Roh mão livre para reestruturar o partido com vista às eleições presidenciais que se realizam no final do ano, informaram fontes partidárias.

A principal formação política na oposição - o Partido Democrático da Reunificação (PDR) - emitiu um comunicado em que exortava Chun a aceitar as propostas de Roh, que, conforme disse, abrirão uma nova era de democracia.

Reacções dos EUA e URSS

A Casa Branca saudou a pro -

Segredos do IRA são tema de um livro publicado em Londres

O Exército Republicano Irlandês (IRA) serviu–se de batedores de reconhecimento e levou três anos a planear o atentdo de 1984 contra a primeiro–ministro britânica, Margaret Thatcher, revela um livro ontem publicado em Londres.

Recorde–se que o atentado foi levado a cabo durante um congresso dos «Torie» e provocou a morte de cinco membros do Partido Conservador. A chefe do governo britânico escapou ilesa ao atentado, mas o IRA considera que a operação foi um êxito, por ter assustado o governo, e mantem Thatcher na lista de pessoas a abater, segundo se afirma no livro intitulado « O IRA Provisório».

Os autores do livro citam um elemento da estrutura do IRA que afirma, referindo–se a Thatcher: «o facto de ela não ter morrido, mas agora ter de olhar sempre por cima do ombro cada vez que sai à rua significa que Thatcher nunca poderá esquecer–se da Irlanda. Ela será sempre um alvo e se o IRA tiver hipóte - se de matá–la fá–lo–á».

O livro é da autoria de um correpsondente da Northern Irish Radio, Eamonn Mallie, e do jornalista britânico Patrick Bishop e baseia–se em centenas de entrevistas com elementos do IRA e das forças de segurança da Irlanda do Norte.

O livro afirma que o IRA tem apenas 250 membros aptos e dispostos a levarem a cebo atentados à bomba e a tiro, mas que esse número é suficiente para satisfazer as necessidades do movimento qque combate pelo termo do domínio britânico na Irlanda do Norte.

No livro afirma–se que o IRA tentou matar Thatcher porque a primeiro–ministro não aceitou as exigências dos seus prisioneiros no sentido de lhes ser concedido o estatuto de presos políticos. Dez dese detidos fizeram greves de fome até à morte em 1981.

Julgamento entrou na última semana

Acusação diz que Barbi

O julgamento de Klaus Barbie de Lyon, entrou ontem na s com a acusação apelando à con por toda a espécie de crimes apresentar as alegações finais da República, Pierre Truche, af monstrou sentir remorsos pelos ocupação nazi de Lyon, devend

«Peço–lhes que condenem Ba que foi acusado», disse Truche numa sesão a que assitiram vit espectadores e jornalistas. «Os são desumanos», disse Truche ceiro de Lyon» deve pagar pela ceu a alcunha.

Barbie enfrenta acusações de e, caso seja condenado, poder perpétua pela sua participação cerca de 400 judeus e 300 mem sa.

Os nove jurados e os três jui nal deverão pronunciar a senten

...eu em Joanesbugo a sua ...cessária para derrubar o ...o uso da violência. Tutu, ...esso de uma visita a Mo -

...HÃ ...AS

...sta de Roh Tae-Woo, tendo ...porta-voz do Presidente ...agan, Marlin Fitzwater, ...rmado que a exigência feita ...lo líder do PDJ ao Presiden- ... Chun Doo Hwan para que ...te satisfaça a vontade popu- ... e convoque eleições presi- ...nciais directas «parece ser ...n passo encorajador».

Moscovo, por seu turno, ...irmou, através da agência ...ss, que a mudança de atitude ...rificada em Seul está ligada ...preocupação norte-america- ... quanto à sua posição estra- ...gica na área.

A agência noticiosa soviéti- ... sublinha que o agravamento ... situação política na Coreia ... Sul ameaçava os planos es- ...atégicos dos EUA» para esta ...ea.

...e deve ser punido

...antigo chefe da Gestapo ...oitava e última semana, ...nação do ex-oficial nazi ...ontra a humanidade. Ao ...a acusação, o Procurador ...rmou que Barbie não de- ...actos praticados durante a ... ser punido.

...bie por todos os factos de ...dirigindo-se ao Tribunal, ...mas da perseguição nazi, ...actos cometidos pelo reú ...ue defendeu que o «carni- ...brutalidade que lhe mere-

...rimes contra a humanidae ... enfrentar pena de prisão ...na morte e deportação de ...ros da Resistência france-

...es que compõem o Tribu- ...ça na próxima sexta-feira.

Descentralização é a prioridade

Soviete Supremo aprova reforma da economia soviética

A descentralização da gestão económica é o principal objectivo da nova lei proposta por Mikhail Gorbachev e que hoje foi aprovada pelo Soviete Supremo da URSS. A lei, que deverá entrar em vigor a 1 de Janeiro de 1988, torna as empresas auto-suficientes financeiramente, encarregando-as de assumir a responsabilidade das receitas e despesas, e liga os salários ao lucro a fim de incentivar os trabalhadores.

«O documento introduz alterações fundamentais nas práticas estabelecidas do funcionamento dos complexos industriais soviéticos, fábricas e todo o sistema económico do país», escreve a agência noticiosa soviética TASS, referindo-se à lei hoje aprovada por unanimidade pela duas câmaras do Soviete Supremo.

Mikhail Gorbachev apresentou, quinta-feira, o programa de reformas no plenário do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética. O projecto de lei passou depois para o Soviete Supremo, reunido na sua sessão de Verão, tendo sido introduzidas algumas alterações durante o debate.

O lider soviético afirmara a semana passada que a nova legislação, designada como lei sobre empresas estatais, é uma pedra fundamental da sua campanha para reactivar a economia soviética.

Por seu lado, o primeiro-ministro soviético, Nikolai Ryzkhov, num discurso ontem proferido no Soviete Supremo, defendeu a necessidade de se proceder a uma reestruturação da Agência de Planeamento Estatal, de forma e estabelecer as prioridades económicas em vez de administar directamente as fábricas através de planos quinquenais.

Ryzhkov afirmou que 13 por cento das indústrias soviéticas são improdutivas, advertindo que o seu encerramento pode estar eminente se não se dinamizarem. O primeiro-ministro salientou que os prejuízos apresentados por esta empresas em 1986 obrigaram o Estado a pagar 40 milhões de rublos para os cobrirem.

Referindo-se à nova lei, Ryzhkov salientou que as empresas passarão a depender directamente do resultado final do seu trabalho, recebendo os seus lucros directamente dos clientes e não do Estado.

O primeiro-ministro atribuiu também grande importância ao novo sistema de eleição dos orgãos de direcção das empresas pelos operários. Afirmou também que a reestruturação da economia soviética será radical e total, já que, no seu entender, não existem garantias de êxito com mudanças parciais. O sistema actual de gestão da economia soviética está obsoleto, disse o primeiro-ministro.

A nova lei de reforma económica foi, entretanto, considerada pela Checoslováquia como uma «fonte de inspiração».

O jornal do Partido Comunista checoslovaco «Rude Pravo» afirmava na sua edição de ontem que a reconstrução económica na Checoslováquia ainda não atingiu o nível da soviética, mas que o país deve orientar as suas intenções no mesmo sentido e perceber que as exigências crescentes afectarão cada vez mais a cooperação bilateral.

Síria adopta medidas contra guardas iranianos no Líbano

A liberdade de movimento dos guardas revolucionários iranianos com quartel-general no Líbano é agora menor devido a uma série de medidas ontem adoptadas pela Síria como retaliação pelo recente rapto de um jornalista norte-americano em Beirute.

Com efeito, fontes muçulmanas chiitas revelaram que a Síria restringiu o movimento dos guardas revolucionários iranianos e cancelou a autorização de porte de arma, para além de ter proibido os 3.000 guardas com base no vale de Bekaa de usarem as estradas militares que ligam a região à Síria.

As mesmas fontes consideram que as restrições aplicadas no vale de Bekaa fazem parte das pressões sírias sobre os extremistas xiitas pró-iranianos que, segundo se crê, têm em seu poder o jornalista norte-americano, Charles Glass, raptado a 17 deste mês. Glass foi o primeiro estrangeiro raptado desde que a Síria enviou 7.500 homens para Beirute Ocidental, em 22 de Fevereiro.

Entretanto, funcionários britânicos que participam na cimeira da Comunidade Europeia em Bruxelas anunciaram que a Grã-Bretanha retirou a oposição à melhoria de relações entre a Comunidade e a Síria, abrindo assim caminho ao restabelecimento de contactos diplomáticos de alto nível. Em Novembro de 1986, Londres pediu a proibição desses contactos, acusando o governo sírio de envolvimento em actos terroristas.

Militares criticam plano de Reagan para o Golfo

Chefes militares norte-americanos proeminentes duvidam da oportunidade do reforço da presença militar dos EUA no Golfo Pérsico, afirma o diário «New York Times».

A decisão de Ronald Reagan de conceder a protecção da bandeira norte-americana e escoltas de unidade navais dos EUA a 11 petroleiros do Koweit, anunciada em Maio, provocou sérias reacções no Congresso.

Para evitar que a maioria democrata invoque a emenda constitucional sobre os «poderes de guerra» do Presidente, a Casa Branca fez um acordo de compromisso com os líderes do Senado e da Câmara dos Representantes, no sentido de ser o Governo a tomar a iniciativa de um debate sobre o chamado «Plano Reagan para o Golfo Pérsico».

O debate deve iniciar-se esta semana, mas o secretário de Estadom Geroge Shultz, disse à televisão norte-americana que a Casa Branca não adiará a execução do plano porque isso «é muito mau para os interesses dos Estados Unidos».

Shultz reafirmou que os primeiros petroleiros do Kuwait com bandeira norte-americana e as unidades navais dos Estados Unidos lhes darão escolta, atravessarão o estreito de Ormuz na segunda quinzena de Julho, com ou sem aprovação expressa do Congresso.

O «New York Times» afirma que muitos altos dirigentes militares norte-americanos receiam também que o «Plano Reagan» crie uma situação «muito difícil de controlar» pelos Estados Unidos.

Irão e os «contras»

O presidente do Parlamento iraniano assegurou a um dirigente sandinista que Teerão suspendeu o pagamento das armas norte-americanas quando soube que parte do dinheiro era destinado aos rebeldes da Nicarágua, informou a emissora estatal iraniana.

A rádio de Teerão, captada em Nicósia, precisou que o esclarecimento foi dado por Hashemi Rafsanjani ao Governo nicaraguense, durante o encontro que o presidente do Parlamento iraniano e actual «homem forte» e delfim de Khomeini, teve com Carlos Nenez Tellez, presidente do Conselho de Estado da Nicarágua.

O Presidente Reagan desmentiu entretanto que o escândalo «Irão-contras» vá provocar uma mudança na sua política de apoio aos «contras» da Nicarágua.

A. MOURA DE ALBUQUERQUE — ARQUITECTURA E DESIGN, L.DA

Certifico que, por escritura de 19 de Maio de 1987, lavrada de fl. 72 a fl. 73 do livro de notas para escrituras diversas n.º 44-I do 8.º Cartório Notarial de Lisboa, a cargo do notário licenciado Eduardo António Correia de Azevedo, foi constituída entre carlos Fernando de Albuquerque Pereira e Anabela Teixeira de Morais de Moura de Albuquerque Pereira uma sociedade comercial por quotas que adoptou a firma A. Moura de Albuquerque — Arquitectura e Design, L.da, a qual se há-de reger pelo constante dos artigos seguintes

ARTIGO 1.º

Firma e sede

1 — A sociedade adopta a firma A. Moura de Albuquerque — Arquitectura e Design, L.da, e tem a sua sede na Rua de Duarte Lobo, 8, 1700 Lisboa.
2 — Por simples deliberação dos sócios em assembleia geral, pode a sociedade deslocar a sua sede para outro local dentro do concelho de Lisboa ou para concelho limítrofe.

ARTIGO 2.º

Duração

A duração da sociedade é por tempo indeterminado, a contar da presente data.

ARTIGO 3.º

Objecto

1 — O seu objecto consiste em:
a) Estudo, elaboração, programação, execução, direcção e fiscalização de projectos de arquitectura, urbanização e interiores;
b) Elaboração de pareceres e consultadoria técnica relativa a obras de construção civil;
c) Compra e venda de propriedades.

ARTIGO 4.º

Capital social

O capital social é de 400 000$, integralmente realizado em dinheiro, e corresponde à soma de duas quotas iguais, do valor de 200 000$, uma de cada sócio.

ARTIGO 5.º

Prestações suplementares e suprimentos

1 — Não haverá prestações suplementares.
2 — Os sócios poderão fazer suprimentos à sociedade, dentro dos limites e nas condições de juro e reembolso determinados em assembleia geral.

ARTIGO 6.º

Aquisição e amortização de quotas pela sociedade

É permitida a aquisição e a amortização de quotas pela sociedade nos termos fixados nos artigos 7.º e 8.º

ARTIGO 7.º

Cessão e divisão de quotas

1 — É livre a cessão de quotas ou de parte de quotas entre os sócios.
2 — O sócio que entenda ceder a respectiva quota a estranhos deverá pedir à sociedade, por intermédio da gerência, consentimento para esse efeito, identificando logo o interessado na aquisição e indicando o preço e a forma de pagamento pretendidos.
Dentro de 30 dias a contar do recebimento da comunicação, a sociedade deverá deliberar se pretende adquirir para si a quota nas condições propostas. Se à sociedade não convier a aquisição de quota, esta será imediatamente oferecida, nas mesmas condições, aos sócios individualmente, os quais, querendo usar do direito de preferência, terão de o exercer no prazo de quinze dias.
3 — Se dois ou mais sócios quiserem usar deste direito, ajustarão entre si o modo de divisão da quota oferecida à opção deles, na falta de acordo, será a quota dividida na proporção do valor das quotas dos sócios interessados na sua aquisição.

ARTIGO 8.º

Amortização de quotas

1 — A sociedade poderá amortizar as quotas dos sócios nos seguintes casos:
a) Se não quiserem continuar na sociedade e assim o declarem à gerência, mediante carta registada com aviso de recepção;
b) Se as quotas forem objecto de qualquer forma de apreensão judicial relacionada com a falta de solvência do seu titular;
c) Se, por maioria superior a 75% do capital presente à assembleia geral convocada para o efeito, esta considere verificar-se relativamente a qualquer sócio motivo suficientemente grave para justificar tal deliberação, considerando-se como tal, designadamente, a violação grave das obrigações do sócio para com a sociedade.
2 — A amortização da quota será decidida nos seguintes prazos:
a) No caso da alínea a) do número anterior, de 30 dias a contar da recepção da carta;
b) No caso das alíneas b) e c) do número anterior, de 60 dias a contar do conhecimento do facto.
3 — A contrapartida da amortização e o respectivo pagamento serão:
a) No caso da alínea a) do n.º 1, de acordo com o disposto nas alíneas a) e b) do n.º 1 do artigo 235.º do Código das Sociedades Comerciais;
b) No caso das alíneas b) e c) do n.º 1, o valor nominal da quota e o pagamento efectuado nos mesmos termos da alínea anterior.

ARTIGO 9.º

Morte ou interdição de sócio

1 — A sociedade não se dissolve por morte ou interdição de qualquer dos sócios, continuando com o representante do interdito e com os respectivos herdeiros do sócio falecido, que deverão designar um de entre eles que a todos represente na sociedade enquanto a quota se mantiver indivisa.
2 — A sociedade fica, porém, com o direito de amortizar a quota do sócio falecido ou interdito, dentro dos três meses seguintes ao conhecimento da morte ou interdição, pelo valor que a ela corresponder em função do último balanço aprovado, e o pagamento será efectuado de acordo com o disposto na alínea b) do n.º 1 do artigo 235.º do Código das Sociedades Comerciais.

ARTIGO 10.º

Gerência

1 — A gerência da sociedade pertence a todos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes.
2 — A remuneração dos gerentes será fixada pelos sócios em assembleia geral
3 — A sociedade obriga-se, em juízo e fora dele, com a assinatura de um gerente.
4 — Fica rigorosamente vedado aos gerentes ou a quem os represente obrigar a sociedade em actos e contratos estranhos ao seu objecto, designadamente em letras de favor, fianças e abonações, sob pena de incorrerem em responsabilidade pessoal e solidária pelos prejuízos que decorrerem da infracção a esta norma

ARTIGO 11.º

Assembleia geral

1 — A assembleia geral reunir-se-á sempre que convocada pela gerência e nos demais casos previstos na lei, sob a presidência do mais velho dos sócios presentes
2 — A convocação das assembleias gerais deverá ser feita por carta registada, expedida com a antecedência mínima de dez dias.
3 — Na assembleia geral os sócios só se poderão fazer representar por outro sócio mediante simples carta, na qual se especifiquem os poderes de representação.

ARTIGO 12.º

Disposições supletivas

Em tudo o omisso regularão as disposições constantes do Código das Sociedades Comerciais e demais legislação em vigor.

Vai conforme com o original.

8.º Cartório Notarial de Lisboa, 21 de Maio de 1987 — **O Terceiro -Ajudante,** *(Assinatura ilegível)*

«DL» 30/6/1987

40 projectos comparticipados pelo FEOGA

Um conjunto de 40 projectos agro-industriais acaba de ser aprovado em Bruxelas, num total aproximado de 3,8 milhões de contos, representando a primeira fatia de projectos a ser comparticipados no âmbito do fundo estrutural comunitário FEOGA.

Os dados facultados pelo Instituto Financeiro de Apoio à Agricultura e Pescas - IFADAP- referem que a comparticipação financeira através daquele fundo está prevista em 1 701 114 contos, cabendo à componente nacional do financiamento a atribuição subsidiária de 570 268 contos, enquanto os restantes 1 520 839 contos ficarão a cargo dos proponentes dos projectos.

Os projectos que viram agora o sinal «verde», inserem-se, sobretudo, na actividade frutícola e hortícola com cerca de um terço do total dos investimentos. Esta percentagem foi geograficamente repartida pelos distritos de Coimbra e Leiria, espalhando-se o restante pelo resto do Continente, à excepção da Madeira com 446 mil contos de investimentos e os distritos de Évora, Setúbal e Viana do Castelo que não tiveram qualquer projecto contemplado.

Défice precisou de 700 milhões de francos

O financiamento do défice externo português fez o Governo lançar, ontem no euro-mercado francês, um empréstimo obrigacionista num valor de 700 milhões de francos - 16,1 milhões de contos -, cerca de 38 por cento da sua capacidade de endividamento externo para este ano.

Trata-se de um empréstimo a taxa variável, organizado pelo Credit Comercial de France, a durar até Julho de 1995, integrando-se na contracção de empréstimos externos e outras operações de crédito em praças internacionais - num total de 42,6 milhões de contos -autorizados pelo Orçamento de 1987, com o fim de financiar os défices do Estado e esforços de renegociação da dívida externa.

Acções da Inô esgotam em Oferta Pública

As 35 mil acções da Inô Supermercados - representando um terço do seu capital social - foram ontem vendidas em Oferta Pública na Bolsa de Valores do Porto a um preço médio de 8 770 escudos, numa operação que rendeu cerca de 307 mil contos.

A operação não satisfez a procura, tendo sido necessário proceder a rateio dos 57 560 pedidos de compra das acções, a um preço mínimo de 7 900 escudos.

A Inô, com sede em Lisboa, tem a sua actividade centrada na exploração de supermercados, importação e exploração de produtos alimentares, com 50 postos de venda distribuídos pelo país e empregando cerca de 700 trabalhadores.

REINA O PESSIMISMO NO CONSELHO EUROPEU

O pessimismo reinava ontem em Bruxelas, no primeiro de dois dias de trabalho, quanto à capacidade do Conselho Europeu em definir opções a médio prazo para a Comunidade Europeia e «orientações» para a resolução dos problemas imediatos.

Esse pessimismo era patenteado pelo próprio Primeiro-Ministro Cavaco Silva que, recusando prestar declarações, acabou por aceder implicitamente que a situação se teria deteriorado entre os trabalhos da tarde de segunda-feira e os que se lhes seguiram ao jantar e depois.

Por outro lado, o ministro dos Negócios Estrangeiros, Pires de Miranda, manifestando alguma esperança na recuperação da situação, declarou textualmente que «nada parece ter sofrido qualquer evolução desde esta tarde».

Aqueles responsáveis portugueses falavam aos jornalistas depois de terem participado nos chamados «jantares à lareira», durante os quais se procura criar um ambiente informal propício à flexibilização das posições de parte a parte.

Esse seu sentimento era, aliás, partilhado pela maioria das delegações, que começavam a pôr seriamente em dúvida a possibilidade deste conselho europeu poder chegar a resultados, quanto às opções a médio prazo que devem guiar a acção da Comunidade Europeia. Entre elas, estão as questões do défice orçamental de, pelo menos, seis mil milhões de ECU's para 1987 e da fixação do «pacote» de preços agrícolas e medidas conexas para a campanha agrícola que envenenam o dia-a-dia comunitário.

No que diz respeito às opções a médio prazo, era desde ontem visível um isolamento do Reino Unido face aos restantes 11 países membros, não aceitando o primeiro qualquer esforço financeiro adicional que não passe previamente pela definição de um mecanismo de controlo das despesas agrícolas e global da Comunidade Europeia.

Além disso, era detectável, entre os restantes 11 uma clivagem «Norte-Sul» quanto à intensidade desse esforço financeiro, quer quanto ao montante de recursos próprios com que a (Comunidade Europeia deve ser dotada até 1992 quer quanto à importância do reforço dos fundos estruturais para pôr em aplicação o princípio da coesão económico-social quer ainda quanto á efectividade do novo mecanismo de controlo das despesas.

No que diz respeito à primeira daquelas questões, a RFA, a França e a Holanda, aceitando a entrada em vigor em Janeiro de 1989 das propostas da Comissão Europeia, consideram que seria excessivo um aumento em 25 por cento até 1992 dos recursos próprios da Comunidade Europeia.

Quanto aos fundos estruturais, a RFA, França, Bélgica, Holanda e Luxemburgo e ainda a Dinamarca consideram desnecessária uma duplicação até 1992 das suas dotações financeiras, a qual é considerada pelos países do «Sul» como o «mínimo aceitável».

Quanto ao défice orçamental para 1987, é opinião geral que os expedientes utilizados no passado venham de novo a ser utilizados e que as despesas previstas, para além dos recursos próprios, sejam remetidas a 1988.

Neste último ano, dar-se-ia seguimento às decisões do Conselho Europeu de Fontainebleau e aumentar-se-ia para 1,6 por cento os recursos obtidos através do IVA, apesar de ser insuficiente e apenas se o Reino Unido o permitir, o que não é o caso nesta fase.

No que diz respeito ao «pacote» de preços agrícolas e medidas conexas, tudo parece bloqueado depois de ter falhado uma cimeira franco-alemã sobre o assunto, à margem do Conselho Europeu, na procura de uma resolução das divergências dos dois países a propósito das medidas agro-monetárias e da taxa sobre as matérias gordas.

Na hotelaria do Algarve

Detectadas irregularidades no regime 'Time-Sharing'

Fuga de divisas, ilícitos fiscais e cambiais, práticas comerciais ilegítimas e exploração ilegal de mão-de-obra estrangeira são os delitos indiciados no «time-sharing» no Algarve por investigadores governamentais,

«Os comerciantes de «time-sharing» no Algarve são grupos organizados internacionalmente, quase uma mafia», disse por seu turno, o director de finanças de Faro, Gaspar da Encarnação, citado num trabalho enviado da agência.

As averiguações, a incidir sobre um sector turístico em que 50 empresas facturaram 10 milhões de contos em 1985, foram prosseguidas pelo Banco de Portugal e pelas inspecções-gerais das Finanças e do trabalho durante mais de um ano, a pedido da Alta Autoridade Contra a Corrupção (AACC).

Industriais do ramo designadamente a Associação Nacional dos Industriais do Turismo de Habitação Periódica (ANITHAP), de Faro, desmentiram na generalidade as suspeitas.

O regime de «time-sharing» consiste na compra, por 20 ou 30 anos, do direito de ocupar um apartamento ou outra fracção de um imóvel para férias em período também previamente fixado no contrato dessa compra.

Isentas de IVA, as transacções permitem ainda a transferência do direito de ocupação para terceiros, sem pagamento de sisa nem imposto de doação ou sucessão.

Os preços oscilam entre cerca de 500 contos e 2500 contos por fracção de imóvel, consoante a localização e características do apartamento e o período do ano ajustado para férias.

Foi em Julho de 1985 que a Alta Autoridade Contra a Corrupção solicitou inquéritos sobre o «time-sharing» à inspecção de crédito do banco central e às inspecções de finanças e trabalho.

A actividade de «time-sharing», tal como os inquiridores do Ministério das Finanças sublinham, afigura-se «susceptível de ponderação» dados os aspectos de difícil controlo que «a comercialização do 'time-sharing' no Algarve, em geral, assume ao ser efectuada através de firmas intermediárias estrangeiras, que operam essencialmente no mercado inglês».

O secretário-geral da ANITHA, Sérgio da Palma Brito, confirma ser, de facto, o grosso das firmas de nacionalidade inglesa a adquirir o direito de ocupação dos apartamentos aos investidores-construtores, para depois os venderem em regime de «time-sharing», também geralmente a turistas da mesma nacionalidade e com o pagamentoo sempre em libras.

Refere que o Algarve figura em primeiro lugar no País, no que toca à posse de imóveis por estrangeiros, sendo ingleses 70 por cento dos mais de 20 mil proprietários de fracções de imóveis em regime de «time-sharing».

Várias dessas firmas britânicas, reconhece também Palma Brito, têm sede em «conhecidos paraísos fiscais, como as ilhas de Jersey ou de Man», pelo que «não é possível conhecer-lhes os lucros, nem sequer saber os nomes dos respectivos proprietários, como é de uso naqueles espaços».

O dirigente daquela Associação afirma que «no Banco de Portugal só estão legalizadas 15 empresas» das 50 do sector, sendo as faltosas passíveis de multas, aliás, «irrisórias» em relação ao respectivo volume de negócios. «As multas devem estar aí a chegar», prevê o secretário-geral da associação patronal.

«Não creio que no 'time-sharing' haja mais fugas de capitais do que em qualquer outra actividade económica», adianta. «Há tanta gente com telhados de vidro no Algarve que o melhor é não votar nomes.»

Quanto a Gaspar da Encarnação, director das Finanças de Faro, ele considera «ilegal» o regime vigente no «time-sharing», pois trata-se, diz, de «empresas que, não sendo construtoras, adquirem o direito de concessão ou exploração, por vezes antes mesmo de terminada a construção, o que dá muito mais interesse sem quaisquer responsabilidades».

Cenário fraudulento

As declarações do secretáio-geral da associação patronal e do director de Finanças de Faro permitem reconstituir o seguinte cenário: conhecida empresa britânica sediada na ilha de Man (empresa da qual não se sabe, por se tratar do tal «paraíso fiscal», quem são os donos) decide-se a investir no Algarve. Surge entrementes na mesma região, com capitais de proveniência igualmente a determinar, segunda empresa, nominalmente portuguesa e dita de «empreendimentos imobiliários e gestão», a qual, depois de construir os referidos 550 apartamentos, vende os direitos de ocupação destes à primeira.

Nesta sucessão, surge, entretanto, o que Palma Brito classifica como «uma falha» ou «erro de cálculo»: a empresa portuguesa de investimento e gestão que construiu os imóveis, ao vender os direitos de ocupação à empresa da ilha de Man, fê-los por tão baixo preço que não lhe cabe pagar impostos, já que não regista lucros neste alegado mau negócio.

«Mais do que mero ilícito fiscal, não pagam simplesmente imposto algum, é ilegal», insiste o director de Finanças da capital algarvia.

«Os registos não nos oferecem grande confiança» e «os saldos das contas correntes não dão qualquer garantia». «Há indícios da prática de infracções cambiais», «operações de invisíveis correntes fora dos condicionalismos legais», «importações de mercadorias e respectiva liquidação sem o respeito dos condicionalismos legais» e «não-entrada de divisas relativas ao contrato» são indicações que também abundam no inquérito que a inspecção de crédito do Banco de Portugal, por sua vez, moveu ao mesmo conjunto da Praia da Oura.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por Unidade) COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	44$00	50$00
ALEMANHA FED. (marco)	77$45	78$65
ÁUSTRIA (xelim)	11$00	11$20
BÉLGICA (franco)	3$529	3$779
BRASIL (cruzado)	2$100	3$600
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	106$15	108$65
(notas de 5 a 1000)	106$65	109$15
DINAMARCA (coroa)	20$45	20$85
ESPANHA (peseta)	1$090	1$210
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	141$80	145$30
(notas de 5 a 1000)	142$30	145$80
FINLÂNDIA (marka)	31$80	32$40
FRANÇA (franco)	23$20	23$90
HOLANDA (florim)	68$75	69$85
IRLANDA (libra)	208$50	212$50
ITÁLIA (lira)	$097	$112
JAPÃO (iene)	$924	$790
NORUEGA (coroa)	21$10	21$60
REINO UNIDO (libra)	228$05	232$55
SUÉCIA (coroa)	22$15	22$65
SUÍÇA (franco)	93$55	94$65
VENEZUELA (bolívar)	4$20	5$20

OBSERVAÇÕES:

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.

2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

A fabulosa viagem do Benfica ao Canadá, Estados Unidos e Bermuda (2)

TORONTO: ERAM 60, SÃO 200 MIL E CONTINUAM AMANDO PORTUGAL

Neves de Sousa
nosso enviado especial

Toronto: de dia, perturbante; à noite, extasiante. Vamos por aí fora?

Restaurantes são um mundo, grandes armazéns com toda a sorte de produtos, saltam a cada esquina. Mulheres lindas: um delírio. Cidade emergida do nada, metrópole imensa nos tempos de agora, reclina-se no lago Ontário, mil surpresas para ofertar ao descobridor: desde o zoo com mais de quatro mil animais (245 visíveis apenas, através do vidro, em pavilhões isolados) a seis dólares por visita ao «Wonderland», com o seu atemorizante «looping roller», que há montes de anos era excitação naquela Feira Popular que morava em Palhavã, nos terrenos onde mora hoje o fascínio da herança Gulbenkian.

Toronto orgulha-se do seu City Hall, do Queen's Park, da torre que perfaz uma volta em torno de si mesma em 72 minutos. Nos últimos tempos, passaram por lá Bruce Springsteen, Júlio Iglésias, Tina Turner, Cleo Laine, Corey Hart, os Glass Tiger e circundantes de menor nomeada. O peixe inunda as melhores mesas: «carapaus à Benfica» é mato, ninguém liga, só o português fica fazendo contas e (logo) decide o não, a renúncia ao prato para milionário. Há radicação de gastronomias: chinesa, dinamarquesa, italiana, tipicamente norte-americana ou «continental», que é como quem diz, com raízes desta banda de cá. O visitante raramente come no seu hotel: prefere desembolsar 40 dólares no «Zaidy's», abstraindo-se de doce ou fruta. Acha melhor despender 25 «rainhas» aqui, outras tantas acolá e ir tentando o estômago nos «McDonald's» («filet of fish») ou despedir-se de 40 e saborear o saudoso cafezinho tipo luso.

França, Alemanha, Grécia, Indonésia, Hungria, Índia: cada bandeira tem ali o seu recanto, o seu lugar de convívio em torno de uma mesa. Mais caro é sentir o apelo pátrio do Japão, do México, de Marrocos: por menos de 70/80 dólares não aconchega o «paiol das migas». Mas os portugueses (entre 25 e 40 dólares, música latina em fundo) têm o «The Boat» ou o «Rambóia», fazendo concorrência a restaurantes escandinavos, suíços, vietnamitas ou ucranianos. Nas montras, as iscas espetam-se contra o olhar: Toronto, espelho canadiano, troca tudo o que tem pelo que chega de longe. Nas avenidas, oferece-se toda a sorte de descontos («prices in effec until only June 30»). Negócio é negócio, verdade?

Benfica: começar de novo

Na Casa do Benfica em Toronto, Francisco Portugal (Kersdale, 96) manda abraços para a Murtosa. Os dirigentes do emblema da águia falam da auditoria à situação do clube (**«que vai ainda durar dois meses. Havia secções autónomas do ramo-chave, com contas incríveis, movimentadas em nome pessoal.**

A construção do Museu do Benfica foi adjudicada, quase de aflição porque estavam à porta as eleições, por 23 mil contos: adiantados logo para a mão do construtor três mil notas, sem qualquer projecto ou plano razoável. Havia apenas tijolos, em cima uns dos outros. Parámos com aquela fantochada: e vamos erguer o nosso verdadeiro 'cartão de visita' na frente do estádio, tirando-o lá do lado contrário, da traseira do '3.º anel' e vai ser a equipa de Michel Gulbenkian que vai deitar mãos à obra, embora consideremos que os três mil contos já vão por água abaixo»).

Nas noites de Toronto, escasseando a moeda para outros devaneios, falava-se em torno de um «whisky»:

— João Loureiro e a sua turma de trabalho estão a modificar tudo, no tocante a «marketing» e relações públicas. Melhor dizendo (adianta o dr. Alcínio António, director administrativo do Benfica) **quebrando o zero absoluto, a inércia total.**

Toronto: cuidado com a AIDS

Damos uma volta pelas imediações: o centro da cidade é um torvelinho de luzes. Em cada esquina, bruto anúncio: **«O Departamento de Saúde Pública da Cidade de Toronto informa: ligue já para o 392, se tiver qualquer sintoma de Sida»**. Melhor: **«Call 392 — Avoid Aids. You can present it find out how»**. Em cada hotel, pouco discretamente, ao dispor do viandante estão preservativos: mais vale prevenir.

Toronto exige asseio, saúde, limpeza. Só mais esta: se o cãozinho que passeia pela rua faz o seu chichi e a polícia topa, a multa bate na bolsa do dono. Nada a fazer: toca a esportular 25 dólares. E se o «boby» for mais longe na satisfação das suas necessidades, o remédio é apenas embrulhar muito bem o «presente» e rebocá-lo para um caixote do lixo. Caso contrário, a penalidade ronda os mil dólares.

E já se conta a anedota. No Parlamento, anunciada a pena que é séria ameaça a quem passeia o seu cãozinho pelas «streets», contesta um deputado da oposição:

— E se for um cavalo da Polícia Montada a aliviar os intestinos? O guarda tem de fazer um pacote da «prenda» e carregar até encontrar vazadouro?

Amadeu: nazareno de Toronto

Ia falar-vos de um português de rija têmpera. Amadeu Vaz, vindo da Nazaré com 27 anos, radicado em Toronto há 32 verões. Veio por resposta a um anúncio-convite, chamado à atenção por um amigo, polícia camarário da sua terra. Começou por trabalhar na construção da linha de caminho-de-ferro (**«portugueses nesta terra? Éramos sessenta...»**) e depois esteve dez invernos na construção civil, antes com tirocínio como empregado de mesa num hotel. Nos últimos vinte anos dedicou-se a empresariar artistas: desde Amália a Roberto Carlos, ainda outro dia Nicolau Breyner.

— Era director do First Portuguese e comecei a entrar no campo do espectáculo pela mão de Francisco Penha, que já era empresário nos Estados Unidos. Ele veio a Toronto com o Alberto Ribeiro, ficámos amigos e durante muitas épocas trabalhámos em comum com o saudoso Artur Pereira, que era o proprietário da Agência AIA, que trazia até nós elencos artísticos de alta valia. Penha convidou-me a tomar conta da parte de espectáculos que se desenrolasse no Canadá: e foi um êxito. Recordo-me (até) que o primeiro elenco era chefiado por Raul Solnado: foi uma abertura de ouro.

A minha associação com Francisco Penha durou 10 anos: a partir daí, tornei-me independente, trazendo anualmente três ou quatro conjuntos artísticos de Portugal, sem nunca ter o menor motivo para me arrepender.

Augusta Avenue, 218. Telefone 5939811, em Toronto. Casa onde Nelson Ned e António Mourão, Marco Paulo e Tonicha, Simone e Calvário, Artur Garcia e Paula Ribas, Cidália Moreira e as «Doce» conhecem de ter encontrado abraços portugueses à sua espera.

— Artistas de Teatro? Vieram os maiores: Ribeirinho (que passava os dias livres percorrendo os museus), Florbela Queirós, José de Castro, Nicolau Breyner, Nicholsson (que esteve cá por três vezes). Espectáculos como «Boeing, boeing» ou «Uma cama para toda a gente», comédias que abriram passagem a muitas outras e foram grandes êxitos, porque os portugueses aqui radicados gastam o que fôr necessário para verem os artistas que imperam em Portugal.

Mudando de rumo, Amadeu Vaz fala de experiência diferente:

— Em 1974, a direcção do First Portuguese convidou-me para a secção de futebol: e importaram-se, pela primeira vez, os profissionais do jogo. Mas o público preferia ouvir o Mourão (sensacional na sua época) ou o Marco Paulo (um triunfo de cada vez que vem cá). Em Teatro, ficaram profundamente aderentes ao nível do Nicolau Breyner, que tem por estas bandas uma popularidade enorme. E, é curioso: aqui, o público tanto o aceita como actor como a cantar. Grande «estrela»: até já lhe pedi que organizasse a embaixada que quero trazer em Setembro, provavelmente com diversos elementos da telenovela «Palavras Cruzadas». Um delegado meu (Carlos Brito) está encarregado dos últimos contactos.

Portugueses desapoiados

Amadeu Vaz continua:

— Cada caravana faz uma média de 15 espectáculos: às 6.ªs, sábados e domingos, contratos ao mês. Pago tudo: desde passagens e aluguer de casa a «cachets» e publicidade. Em 20 anos de labuta, sempre engrandecendo o nome de Portugal, tornando-o mais vivo perante os emigrantes, não recebi um cêntimo ou uma palavra de qualquer Governo português. Também não admira: a nível estatal, só nos visitam quando as eleições estão à porta...

E, no entanto, já tive grandes prejuízos: 22 mil dólares, apenas em três semanas. Diversas perdas entre dez e quinze mil dólares: mas continuo satisfeito, atrás de desaires vem quase sempre uma hora boa. Tenho uma companhia de discos (a «Lisbon Records») e sou obrigado a comprar as composições e a prensar cá os acetatos. O preço do disco português é exorbitante, do mais caro do mundo: com transportes e direitos, atingem cotação impossível para venda. Ficam a cinco dólares e meio para mim, cada um: quem é que pode pegar neste negócio?

Amadeu Vaz (que **carregaria** também o Eduardo Miragaia e o Vasco Resende até à visita às cataratas do Niagara, num passeio inesquecível) fala-me do acordo que subscreveu com firma lusitana para a importação de cassetes musicais, de como (antigamente) se vendiam mil discos num mês de espectáculos com artistas portugueses e hoje essa craveira baixou muito (**«aí para metade»**), de como todo o artista emigrante faz por receber dinheiro em Portugal.

— Trago vários grupos por ano. Tanto nos Estados Unidos como aqui, no Canadá, o que mais agrada é um espectáculo completo, de comédia ou revista. Mas é muito chato estrearmos e não aparecer uma só autoridade portuguesa a dar as boas vindas. Viu como aconteceu no jogo do Benfica com o First Portuguese? O cônsul nem sequer mandou o motorista representá-lo!

Fala-me, desanuviando as ideias, da primeira vez que contratou Roberto Carlos: **até a esposa do cônsul do Brasil organizou um jantar em sua honra. Veio, logo depois, a Maria da Fé, mais o Fernando Farinha: ninguém (oficialmente) tomou conhecimento. E foi pena: ficámos todos muito tristes com o desprezo a que são votados os portugueses que visitam Toronto.**

«Nunca tive, por parte dos nossos embaixadores (e apesar de ter trazido muitas dezenas de artistas do nosso país) o mais pequeno convite para um café na embaixada. Aliás, o Canadá é um marginal no olhar das suas entidades oficiais: para vermos a «Taça de Portugal» em futebol tivémos de comprar bilhete para uma sala com circuito fechado: a colónia italiana (por exemplo) todos os domingos vê um jogo do seu campeonato. Por isso eu peço, em nome de muitos compatriotas, para vocês (os homens da Imprensa) **virem novamente a Toronto, acompanhando os artistas e desportistas que nos quiserem visitar. Peçam aos políticos de lá** (de Portugal) **que falem menos e façam mais. Se a malta portuguesa estivesse sózinha, se fôssemos os mesmos 60 que se contavam quando aqui chegeui, já tínhamos ido embora: ou (como eu) adoptávamos a nacionalidade dupla (luso-canadiana). No fim de contas, bem vistas as coisas: Portugal mora no nosso coração, mas nós somos (apenas e só) engeitados, filhos desconhecidos, a quem nem por esmola se oferece um nome.**

Conclue:

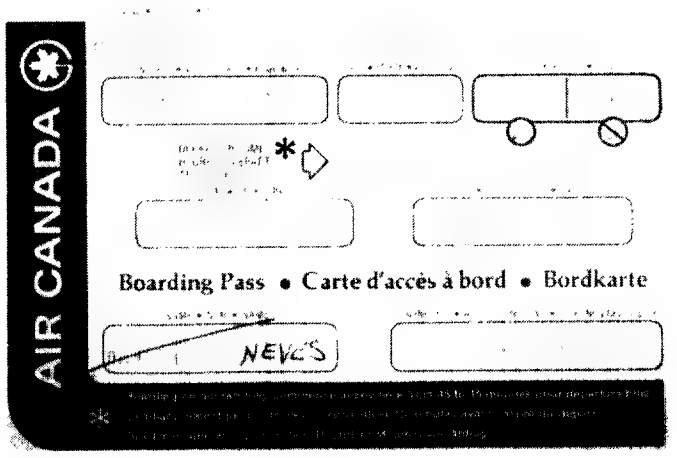
É triste. Nunca gostaria de ter contado certas coisas. Infelizmente, a verdade é nua e crua: e, custe o que custar, não podemos continuar escondendo-a. Já lá vai o tempo da rolha na boca. Se trabalhamos honestamente e contribuímos para o bom nome da nossa pátria, porque não podemos ter voz activa e pactuante com o momento que se vive no mundo?

São duzentos mil os portugueses, em Toronto. Sabia disso, Manuela de Aguiar?

Mensagem sem vírgulas

Cavaco e Silva não se excedeu, mas sempre mandou uma

Continua na pag. 16



Mortimore esteve para ir

Quando o Benfica acertou os últimos pormenores para a sua deslocação além-Atlântico, ainda Mortimore estava como técnico na Luz e parecia com viagem garantida. Pelo menos é o que pode depreender-se dese bilhete para o voo AC 807, que nos levou de Boston para Toronto. O nome do passageiro lá está: Mortimore. Posteriormente (sem que isso envolva qualquer desejo de ocupar o lugar do britânico) foi emendado a favor de um jornalista. Exactamente este vosso amigo.

Benfica além Atlântico

Continuação da pág. 15

mensagenzita, que o presidente benfiquista João Santos leu publicamente, antes do jogo em que o emblema da águia **matou o borrego** perante o Toronto Blizzard. Sete linhas dactilografadas: «Aproveitando a deslocação da equipa de futebol do Sport Lisboa e Benfica, saúdo especialmente os portugueses que vivem e trabalham na região de Toronto. Os portugueses de Toronto, honram e prestigiam o nome de Portugal.

«Esta visita desportiva tem especial significado, já que exprime a vitalidade dos laços que nos unem e constitui mais um elo no fortalecimento das relações de amize entre Portugal e o Canadá».

As vírgulas vão por conta e risco do signatário desta reportagem. Quem pediu a assinatura na mensagem ao professor Cavaco Silva até desse simples pormenor se esqueceu. Não há dúvida: para emigrante, qualquer coisa serve...

Enfim: bela festa no Varsity Stadium, o 2-1 foi prémio para os «encarnados», o árbitro (Evangelista) foi uma desgraça e, tal como contámos no dia seguinte, a turma portuguesa acabou reduzida a dez elementos por incrível e inusitada expulsão de Carlos Manuel. Que daí a instantes nos diria:

— **Se calhar, este árbitro recebeu recado do tal senhor que a gente conhece e até aqui me persegue. Livra! Se digo alguma coisa apanho mais jogos de suspensão...**

No jogo (espectáculo presenciado por 21 728 pessoas) houve momento especial para Eusébio ser saudado a meio do terreno. «Estrelas» estiveram ao nível habitual: Diamantino, Veloso, Vando, Carlos Manuel, Dito e Edmundo. Mas, seja permitida a primeira palavra de referência para Elzo: mal entrou no rectângulo (a 35 minutos do termo) logo pegou nas rédeas da festa e deu um bailarico de bola.

Sem qualquer propósito de lisonja: estamos perante um dos melhores futebolistas que o Brasil já deixou partir para Portugal. Vocês vão ver. Vai uma aposta?

●

E foi a ida às cataratas, Amadeu Vaz ao volante, duas horas de caminho a 140 de média. Pelo caminho, bordejámos Hamilton (cidade onde impera a siderurgia, com 30 mil portugueses a trabalharem alí) e quando chegámos a cerca de dois quilómetros do turbilhão das águas já não se escutava palavra dos colegas, tal o ruido vindo do Niagara que, entre canadianos, se pronuncia foneticamente «Naiágara» e, como a tal anedota, lembra ao visitante que deixou aberta a torneira da casa de banho antes de partir para férias... Uma aventura louca que pode viver-se a bordo do «Maid of the mist», entre centenas de gaivotas e apenas a 30/40 metros do choque da catarata com as águas em turbilhão. Inesquecível. Vou tentar contar.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE FARO

ANÚNCIO

Pela 3.ª Secção da Secretaria Judicial de Faro, correm éditos de 6 meses e 60 dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando, respectivamente, o requerido JOSÉ VIEGAS COELHO, nascido a 20/06/1912, na freguesia e concelho de S. Brás de Alportel, ausente em parte incerta, com última residência conhecida em S. Brás de Alportel, Comarca de Faro e QUAISQUER INTERESSADOS, para no prazo de vinte dias, findo que seja o dos éditos, contestarem, querendo, o pedido de justificação da ausência e de declaração da morte presumida daquele José Viegas Coelho, feito por sua irmã e requerente MARIA EMÍLIA MARTINS COELHO DOS SANTOS, na Acção Especial n.º 35/87, que para o efeito intentaram nesta Comarca.

Faro, 21 de Abril de 1987
O JUIZ DE DIREITO
(Maria Alexandra Afonso de Moura Santos)

O Escrivão Adjunto
(Orlando Manuel Costa Belchior Dias)

«DL» 2.ª Pub. – 30/6/87

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE TRANCOSO

A N Ú N C I O

O Doutor ANTÓNIO GAMA FERREIRA RAMOS, Meritíssimo Juiz de Direito nesta comarca de Trancoso.

Faz saber que por este Juízo e Secção de Processos, nos autos de Acção de Processo Sumário n.º 41/86 em que são Autor: — Odorico Bispo Chupa, casado, industrial e residente na Meda e Réus: — FERNANDO MENDES e mulher MARIA MENDES, ele empreiteiro de construção civil e obras públicas e ela doméstica, com última residência conhecida em Praceta S. Francisco de Assis, 9-R/C-Esq.º, Venda Nova — Amadora, são estes réus citados para contestarem, apresentando a sua defesa no prazo de DEZ DIAS, que começa a correr depois de finda a dilação de QUARENTA DIAS, contada da data da segunda e última publicação do anúncio, sob a cominação de virem a ser condenados no pedido que o Autor deduz naquele processo e que consiste no pagamento da quantia de 89 010$00, resultante da venda pelo A. aos RR. de 135 m³ de brita pelo preço de 500$00 o m³ e 66 m³ a 150$00 o m³. Àquela importância acrescem os juros vencidos no montante de 85 859$00 e os vincendos até efectivo pagamento.

Para constar se passou o presente e mais dois de igual teor que serão afixados nos lugares que a lei designa.

Trancoso, 1 de Junho de 1987

O Juiz de Direito,
Ass. ilegível

O Escrivão adjunto,
Ass. ilegível

«DL» 30/6/87 — 2.ª pub.

Totobola

A NOSSA APOSTA

Concurso n.º 27-87
— 5 Julho

Lausana-Vasas	2
Carl Zeiss-Aarhus	1
Hammarby-Pogon	X
Chaux-de-Fonds-Magdeburg	1
Wismut-Halmstads	1
Ujpesti-Varna	1
Bohemians-Grasshopers	X
Videoton-Malmo	X
Lyngby-Aik	X
Nitra-Lech Poznam	2
Etar Veliko-Norrkoping	2
Beitar Jerusalem-Bochum	2
Yehuda Telaviv-Brondby	2

"Mundialito" terminou: Porto foi 2.º

SOUSA COLOCA PARISIENSES KO

Num jogo que foi altamente prejudicado pelo imenso calor e pelo quase absoluto desinteresse dos 25 mil espectadores, que tinham acabado de presenciar o êxito do Milão perante o Barcelona (1-0), o Porto garantiu o 2.º lugar no «Mundialito», graças a um golo de Sousa que chegou e sobrou para bater o fraco Paris St.-Germain, realmente uma turma sem qualidade global para se bater com os campeões europeus, mesmo que estes actuassem sem Gomes e Lima Pereira (convalescentes de intervenções cirúrgicas), Futre que já partiu para o futebol espanhol), Madjer (que não está em pleno entendimento com o seu ainda actual técnico) e, por último, por impossibilidade de alinhar, Jaime Magalhães, expulso no jogo anterior do torneio.

André: a meio-campo é outro asseio

O golo solitário de Sousa (aos quatro minutos) deu ao FC Porto uma vitória que assinalou a despedida do técnico Artur Jorge. Sousa obteve o único tento do desafio num remate forte e colocado de fora da área, a surpreeender o guarda-redes Joel Bats, que (infrutiferamente) se lançou em voo para o canto direito da baliza.

Com este triunfo, Artur Jorge, que irá orientar o Matra Racing de Paris, na próxima temporada, conseguiu obter um honroso 2.º lugar para o FC Porto no «Mundialito», tendo o lugar cimeiro pertencido ao AC Milão, que derrotou o Barcelona por 1-0, com um golo de Virdis, antes do intervalo.

Controlando o jogo a meio-campo, com André e (sobretudo) Sousa em destaque, o FC Porto dominou nas duas metades, tendo Jorge Plácido, aos 10 minutos, sido protagonista de uma boa jogada individual, com disparo a sair por cima da barra.

Os franceses, com extremas dificuldades de penetração na área portista, tentaram a sua sorte em cruzamentos por alto, mas Mlynarczyk (sempre atento) manteve as suas redes invioladas.

Sob um calor intenso, as equipas não puderam imprimir velocidade ao jogo, tendo o encontro passado por períodos de monotonia, com a bola a ser jogada a meio-campo e a perder-se frequentemente pela linha lateral.

No período complementar, a entrada de Frasco para o lugar do «inexistente» Casagrande trouxe lógicos benefícios na movimentação global da equipa, tendo as melhores ocasiões de golo pertencido a Sousa e a Juary, o português com um remate ao poste e um disparo colocado a que Joel Bats se opôs com uma defesa de grande nível.

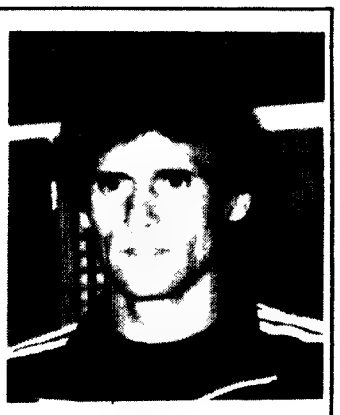
O resultado final é inteiramente justo, pela maior agressividade ofensiva dos «azuis e brancos», que terminaram o torneio com quatro golos marcados e três sofridos.

Sob excelente arbitragem do italiano Papareste, alinharam:

Porto: Mlynarczyk; João Pinto, Eduardo Luís, Celso (Juary aos 59 minutos) e Inácio; Semedo, André, Jaime Pacheco e Sousa; Casagrande, (Frasco na 2ª parte) e Jorge Plácido.

Paris St. Germain: Bats, Bacconier, Lajakowski, Poullain e Reynaud; Courial, Polaniok, Susic e Martin; Simba e Calderon (Roux, 57).

Na turma portuguesa, destaque todo especial para Sousa e André, seguidos por «Mly» e João Pinto Zero quase absoluto para Casagrande, que não conseguiu fazer mover uma palha aos clubes italianos que (eventualmente) estivessem interessados no seu concurso.



Sousa: um golo e brilhante actuação

Classificação

	J	V	E	D	Golos	Pontos
AC Milan	4	3	1	0	4-0	7
FC Porto	4	2	1	1	4-3	5
Inter	4	1	2	1	3-3	4
Barcelona	4	1	1	2	5-6	3
Paris S. Germain	4	0	1	3	1-5	1

Wimbledon: Nuno Marques de fora

Nuno Marques, 11.º «cabeça de série» do torneio júnior de ténis de Wimbledon, foi eliminado pelo sul-africano Pietie Norval em três «sets», na 1.ª fase da prova. Nuno Marques (17 anos) ganhou a 1.ª partida por 6-3 mas perdeu as seguintes (4-6 e 6-8).

Vilamoura: festa portuguesa

A portuguesa Penelope Martins venceu o Torneio Internacional de S. Pedro, disputado no Clube Dom Pedro de Vilamoura, ao derrotar na final de singulares a holandesa Mecanie (6-3 e 6-2). Na final de singulares homens, entre portugueses, venceu Eduardo Beldade, que derrotou Ramiro Martins (6-4 e 6-3) e na final de pares homens os vencedores foram António Firmino e Francisco Abreu, que derrotaram Eduardo Beldade e J. Mestre (6-4 e 6-3).

«Seven Up»

Noventa e oito rapazes e 28 meninas provenientes de todos os distritos do continente e regiões autónomas participam, nos «courts» do Estádio Nacional, na disputa da 2.ª fase do Trofeu «Seven Up», do qal sairão os novos campeões nacionais da categoria de cadetes, em ténis.

São principais cabeças de série (no sector masculino) Jaime Costa (CT Raposeira), Bernardo Mota (CIF), Rui Graça (Faro) Paulo Ferraz (Funchal) e Ricardo Cayolla (Boavista). No sector feminino, os quadros em pouco divergem dos da categoria de juniores, cuja disputa terminou no domingo e em que, usando da faculdade de competir no escalão etário imediatamente superior, as cadetes marcaram presença decisiva, arrebatando os títulos.

Mara Rego (BESCL), vice-campeã nacional júnior desde domingo, e Tânia Couto, (ISEF) campeão nacional júnior, são as duas primeiras cabeças de série neste escalão que, assim, promete vir a constituir uma repetição da fase anterior, embora as surpresas não possam ser excluídas à partida.

Modalidades

Pesca Desportiva: «Mundial» em 3.º

Portugal classificou-se em 3.º lugar no Campeonato do Mundo de Pesca Desportiva de Mar, após a realização de três jornadas que decorreram na Póvoa de Varzim. O título mundial foi ganho pela República de San Marino, que totalizou sete pontos, menos dois que a Espanha. Portugal somou 10 pontos e ficou a par da Itália. A nível individual, o vencedor foi o espanhol Borges, seguido do suíço Aegy Albert e do irlandês McLaughlun. O português José Leandro ficou na 4.ª posição.

Basquetebol: Portugal ausente do «europeu»

Portugal não vai participar no torneio de qualificação para o campeonato europeu de basquetebol, a disputar em Setembro por «circunstâncias condicionantes», afirma um responsável da Federação Portuguesa da modalidade. A presença da selecção portuguesa de basquetebol no «europeu», «representava um elevado custo (4000 a 6000 contos) **e não foi efectuado nenhum trabalho anterior de preparação para a prova». Contudo, a Federação sublinha que, apesar da ausência do «europeu», o dinheiro vai ser canalizado em acções de formação nos escalões mais jovens.**

Futebol na CEE: livre circulação

Dirigentes das federações nacionais de futebol e os presidentes da UEFA e da FIFA analisam hoje, em Bruxelas, com responsáveis da Comissão Europeia, a livre circulação dos futebolistas profissionais na Comunidade Europeia. O futebol profissional em Portugal e Espanha não é afectado pelas decisões agora em perspectiva, uma vez que os dois países se encontram, até 1992, em período de transição.

O comissário encarregado dos Assuntos Sociais, Manuel Marin, depois de ter estabelecido contactos com as autoridades futebolísticas nacionais e europeias, apresentará um calendário relativo à aplicação das regras do Tratado de Roma (relativas à livre circulação das pessoas) ao futebol profissional.

O executivo da CEE, baseando-se na decisão de 1976 do Tribunal de Justiça, convida as federações nacionais a abrir progressivamente as suas fronteiras aos futebolistas provenientes dos outros Estados membros. A não aplicação das novas regras obrigará a Comissão Europeia a levar as federações faltosas perante o Tribunal de Justiça. A nova situação, que (na prática) poderá alterar completamente a panorâmica actual do futebol europeu, preocupa os mais altos dirigentes federativos, que vão defender, perante o responsável da Comissão Europeia, a especificidade do futebol. Apenas duas federações nacionais (a irlandesa e a luxemburguesa) não impõem restrições ao número de jogadores estrangeiros utilizados.

FUTRE: VIVENDA, "PORSCHE" E 59 MIL CONTOS JÁ LÁ CANTAM

Paulo Futre não está com meias conversas: começa já a facturar, embolsando 59 mil contos (primeira prestação pela assinatura do contrato com o Atlético de Madrid), tomando posse de uma vivenda com piscina privativa e de um «Porsche» do último modelo. Para salvaguarda deste investimento, os «colchoneros» fizeram um seguro do «menino de ouro» no valor de um milhão 680 mil contos: o mais elevado até hoje feito em Espanha a qualquer desportista, incluindo nesta lista a «estrela» Diego Maradona...

Para formalizar o seguro de vida de Paulo Futre, o Atlético de Madrid, com o aval do seu presidente, despendeu 160 mil dólares pela apólice.

Simultaneamente, o novo dirigente máximo do clube espanhol anunciou que Marcos Alonso (até agora jogador do Barcelona) e Sacristan (proveniente do Valladolid) assinaram contratos com o Atlético de Madrid por (respectivamente) três e quatro temporadas.

Jesus Gil, que na madrugada do passado sábado foi eleito presidente do Atlético de Madrid, anunciou também o próximo fim do contrato com o treinador do clube (Luís Aragones) bem assim como provável rescisão com o uruguaio Jorge da Silva, embora este ainda esteja ligado aos «colchoneros» por mais um ano. O afastamento provável de Jorge da Silva deve-se à Lei dos Estrangeiros em vigor no futebol espanhol, que só permite que alinhem dois em cada equipa. No caso do Atlético: o brasileiro Alemão e Paulo Futre.

Parreira: vinda está complicada

Carlos Alberto Parreira, afirma que a sua vinda para dirigir a equipa do Benfica **«é muito problemática»**. E confessou que a situação **«está muito difícil, porque quero sair dos Emiratos Árabes numa boa»**.

Segundo o técnico brasileiro, actualmente responsável pela selecção dos Emirads Árabes **«eles querem que eu continue até Março, o que torna quase impossível a minha ida para o Benfica». «Tudo depende agora da intervenção de Michael Gulbenkian junto da Federação de Futebol dos Emirados Árabes»**, disse Parreira, adiantando que **«tudo tem que ficar resolvido hoje»**.

Parreira revelou que a Taça Asiática e a Taça dos Países do Golfo Pérsico são competições **«muito importantes na zona, tendo em vistas a rivalidade existente entre os diversos países da região»**.

O técnico brasileiro admite mesmo que o facto a Taça dos Países do Golfo Pérsico ser disputada em Março, e de representar a região um **«campeonato mundial»**, tornará **«de facto muito mais difícil a minha cedência ao Benfica»**.

Entretanto, Telé Santana, ex-seleccionador brasileiro, refere que não foi contactado por qualquer responsável do clube da Luz: **«Tudo o que sei é através dos jornais». Gostaria muito de dirigir uma equipa portuguesa e se o Benfica me contactar estou disposto a analisar a proposta»**, frisa Telé Santana, actualmente no desemprego. **«Existem bons jogadores em Portugal e o estilo de futebol é muito semelhante ao brasileiro»**.

Contudo, para alguns responsáveis do Benfica, Telé Santana **«não tem um espírito ganhador»**.

No caso de falhar a vinda de Parreira para o Benfica, o técnico romeno do Craiova (Lucescu) e o sueco Bergatsson do Gotemburgo são dados como em **«lista de espera»**.

Todavia o regresso a Lisboa de Gaspar Ramos (director do futebol profissional do Benfica) previsto para esta tarde, deve colocar ponto final nas últimas interrogações: depois da contratação do defesa central Mozer (que anunciámos no passado sábado) e de negociações adiantadas com Romário, o contrato de um técnico deve já vir na pasta do dirigente benfiquista.

Portimonense: mudanças

Com as previstas dispensas de Simões, Balacó, irmãos Reina, Barão e Dinis e as prováveis vindas de Vando, César Brito e José Carlos (envolvidos nas transferências de Pacheco e Augusto para o Benfica), o Portimonense recruta algumas caras novas para modificar o «plantel», casos de Pires (Farense), João Pedro (Lourosa), Décio (Torralta) e Fernando (Silves). Entretanto.

Morais deixa o Rio Ave

Depois de ter assegurado a continuidade do Rio Ave na 1.º escalão do nosso futebol, o técnico António Morais (embolsado um belo prémio) ambandona o clube, partindo para férias que podem (ou não) ser apenas de dias e o técnico mudar-se para bem perto de Vila do Conde.

Divisão 3: final

A final do campeonato da 3ª divisão (Marco-Louletano) realiza-se pelas 17 horas de domingo, na Tapadinha.

Federação: castigos

O Conselho de Justiça da Federação de Futebol puniu o Boavista com um jogo de interdição do seu campo, por distúrbios ocorridos no encontro com o Chaves. Os axadrezados sofrem ainda a multa de 75 contos. Por seu lado, é movido processo disciplinar a Forbs (Portimonense) por ter acusado controlo antidoping positivo no encontro com o Vitória de Guimarães. Também o estádio do Vizela foi interdito por dois jogos, no rescaldo de problemas com o Lixa.

Boavista: nada com Celso

O Boavista desmente que o brasileiro Celso (Futebol Clube do Porto) tenha sido contactado por qualquer elemento do executivo axadrezado para ingressar no clube do Bessa. Em comunicado distribuído à Imprensa a direcção do clube axadrezado salienta que «não obstante o corte de relações entre os dois clubes, ambos respeitam as regras acordadas no Pacto Desportivo da Associação Nacional dos Clubes (ANC)».

O documento, assinado pelo presidente dos axadrezados (Valentim Loureiro) acrescenta ainda que «a contrtação do ex-portista Eloy processou-se dentro das normas exigidas pela ANC. já que o atleta apresentou um documento de rescisão do seu contrato com o Futebol Clube do Porto».

EM PORTUGAL

	T. 6 h	Min.	Prec.	Às 13 h.
Bragança	18	18	0,0	M. nub.
V. Castelo	15	15	0,0	Nevoeiro
Vila Real	20	20	0,0	M. nub.
Porto	15	14	0,0	Nevoeiro
Coimbra	16	16	0,0	Neblina
C.Carvoeiro	15	15	0,0	Nevoeiro
C. Branco	–	–	–	—
Portalegre	23	22	0,0	M. nub.
Lisboa	20	20	0,0	Bruma
Évora	24	23	0,0	M. nub.
Beja	21	21	0,0	Aguac.
Faro	21	20	0,0	P. nub.
Sagres	17	17	0,0	M. nub.
P. Delgada	17	17	0,0	Neblina
Funchal	19	18	0,0	M. nub.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 32, Porto 22, Faro 30, Ponta Delgada 21, Funchal 24.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

	T. 7 h	Min.	Às 13 h.
Madrid	17	17	Muito nub.
Londres	18	18	Muito nub.
Paris	23	22	Pouco nub.
Bruxelas	23	20	Pouco nub.
Amesterdão.	20	19	Neblina
Genebra	19	16	Pouco nub.
Roma	23	20	Limpo
Oslo	13	13	Chuva
Copenhaga	16	15	Nevoeiro
Estocolmo	16	10	Muito nub.
Berlim	22	20	Neblina
Viena	21	18	Bruma
Varsóvia	21	19	Neblina
Atenas	27	25	Pouco nub.
Moscovo	–	–	—

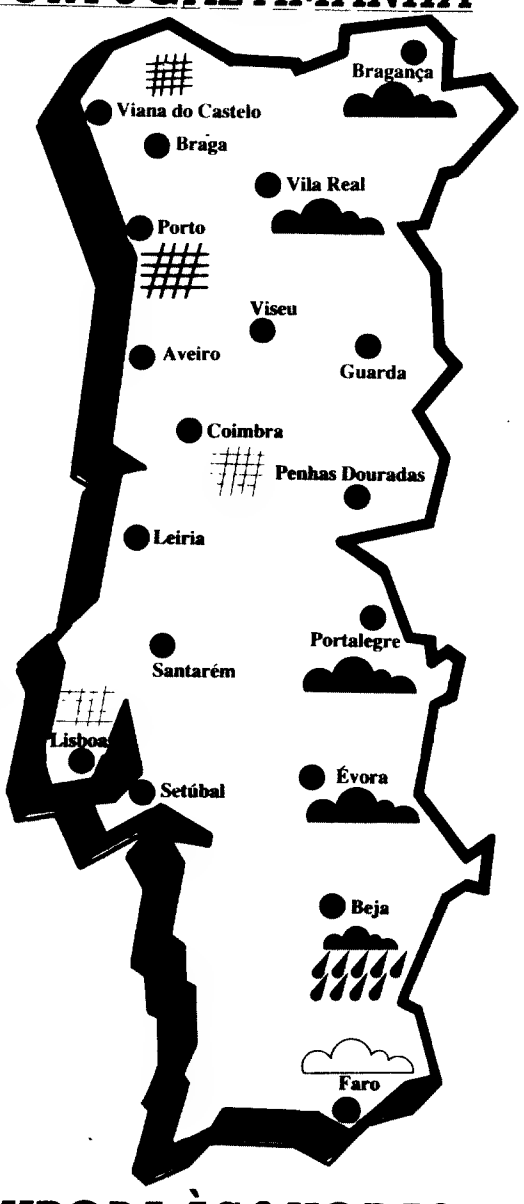
Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NO MUNDO

	Min.	Máx.	Às 13 h.
Caracas	18	26	Nublado
Joanesburgo	6	18	Limpo
Los Angeles	15	26	Nublado
Montreal	16	22	Nublado
Nova Deli	30	45	Limpo
Nova Iorque	17	25	Nublado
R. de Janeiro	14	24	Limpo
S. Francisco	14	19	Nublado
São Paulo	10	19	Nublado
Téquio	15	20	Nublado

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

PORTUGAL AMANHÃ



TEMPO

HOJE

No Continente:
Céu pouco nublado, temporariamente muito nublado. Vento fraco, soprando moderado de noroeste do litoral Oeste durante a tarde. Possibilidade de trovoadas durante a tarde nas regiões do Interior. Neblinas e nevoeiros durante a madrugada e manhã no litoral a norte do cabo da Roca.

Estado do mar:
Costa Ocidental: Mar de pequena vaga. Ondulação noroeste de dois metros.

Costa Sul: Mar encrespado. Ondulação de sueste de um a dois metros.

Nos Açores:

No Grupo Ocidental: Céu geralmente pouco nublado. Vento moderado a fresco de noroeste. Grupos Central e Oriental: Céu geralmente muito nublado. Vento fraco a moderado de leste. Períodos de chuva fraca.

***Estado do mar:* Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação de noroeste de dois a três metros.**

Na Madeira:

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco ou moderado de norte.

***Estado do mar:* Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação de noroeste de dois metros na costa Norte e inferior a um metro na costa Sul.**

AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco, soprando moderado de norte no litoral Oeste.

DEPOIS

Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco, soprando moderado de noroeste durante a tarde no litoral Oeste.

MARÉS

Hoje

Praia-Mar		Baixa-Mar	
6.37	3,4 m	11.57	1,3 m
18.48	3,6 m	24.29	1,3 m

Amanhã

7.13	3,4 m	12.36	1,4 m
19.23	3,5 m	.. ..	.. ..

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

EUROPA ÀS 6 HORAS

• Informação da agência Lusa

REIS THOMAZ

O funeral de Reis Thomaz, o inditoso piloto automobilístico falecido no último domingo no decorrer das provas efectuadas em Vila do Conde, efectua-se amanhã, pelas 10 horas, da Igreja da Parede para o Cemitério de S. Domingos de Rana.

"Selvagem e Perigosa" de Jonathan Demme

APENAS UMA MULHER

Jorge Leitão Ramos

Para que serve o cinema? Para contar histórias, responderão os menos avisados e mais francos espectadores. Ora bem: aqui está um filme que se perde pela evidência de não ter uma história para contar e se ganha porque tem um personagem fugitivo como todas as miragens.

Ao assistir a este filme há uma imagem que não me saía da cabeça: um grupo de escribas à volta de uma mesa e um diz «vamos pôr uma sujeita mascarada de Louise Brooks a arpoar um jovem quadro e a, praticamente, raptá-lo sexualmente». E, durante dez minutos, desenvolvem a ideia. Passado um bocado, diz um outro «e depois?». Pausa para pensar, um, dois, três «whiskys» e um alvitra «e se ela o levasse para a sua terra natal e o apresentasse à família e aos amigos como sendo seu marido?». «Boa ideia», concordam todos e, durante um quarto de hora, matraqueiam as máquinas a arquitectar as convenientes cenas. Nova pausa: «E agora?»..., etc., etc., etc.

Ao assistir a este filme, uma constatação se impôs: Demme não tinha uma história para contar, daí que o filme vá de arranque em arranque, de desaceleração em desaceleração, como se não existisse uma ideia mas ideias que se sucedem e vão por ali como poderiam ter ido por outro lado. Deste ponto de vista «**Selvagem e Perigosa**» é uma fita descoroçoante.

Mas o cinema é uma forma de contar histórias? Não só. A gente quando se lembra de um filme de Hitchcock, pode não se lembrar muito bem das histórias mas lembra-se de coisas mais essenciais: Kim Novak mudando de rosto e de penteado até coincidir com o objecto erótico, matéria de sonho, realidade, afinal; Janet Leigh apunhalada no banho, um medo primitivo, uma montagem alucinante; o quadro em frente da janela indiscreta de James Stewart, matéria de «voyerismo», projecção de mortíferas pulsões, cinema que se volta contra o espectador que se queria impune... Não são as narrativas que se grudam na nossa memória mas as circunvoluções.

Por exemplo: Lulu aparece a Charlie como uma imagem que vem dos antípodas, o corpo da tentação, fuga e algemas, aventura, pirueta. O espectador interroga aquela imagem como materialização do fascínio do pecado, temor e cumplicidade, quem dera... Mas depois, a meio caminho, a máscara altera-se. Loura, um vestido de quase colegial, o pecado volve-se romantismo, a interrogação emudece ou, pelo menos, muda. Aquela mulher foge aos nossos desejos de lhe impor uma classificação, uma ordem. A própria função ficcional do personagem vacila.

Basta essa vacilação, esse coelho tirado do chapéu, que nada tem de inocente, para que «**Selvagem e Perigosa**» se redima das óbvias fragilidades que transpira? Não nos deixemos arrebatar, enganar pela sedução. Mas que é essencial a um filme que seja capaz de nos desenganar e conduzir, isso parece-me não menos importante. O personagem de Melanie Criffith, nas várias faces de mulher que se sucedem, chega para (durante uma hora de filme? Sim, não mais) nos pôr os neurónios do cérebro a fazer curto-circuito com os da libido, uma impossibilidade que esta fita pratica com alegria.

FICHA:

Título original: Something Wild.
Realização: Jonathan Demme (EUA — 1986).
Argumento: E. Max Frye.
Fotografia: Tak Fujimoto.
Cenários: Norma Moriceau **(production designer)**, Steve Lineweaver **(art director)** e Billy Reynolds **(set decorator)**.
Música: John Cale e Laurie Anderson.

Melanie Griffith é o centro nevrálgico deste filme.

Montagem: Craig McKay.
Produção: Jonathan Demme e Kenneth Utt.
Interpretação: Jeff Daniels **(Charlie Driggs)**, Melanie Griffith **(Lulu/Audrey)**, Ray Liotta **(Ray Sinclair)**, Margaret Colin **(Irene)**, Jack Gilpin **(Larry)**, Dana Preu **(«Peaches»)**, etc.
Distribuição em Portugal: Filmes Castello Lopes/Orion.
Cinema: Londres.
Classificação: Para maiores de 12 anos.

Escola centenária de Pintura teve origem portuguesa

Os esforços de um pintor português emigrado para o Brasil, António Mariano Lima, começaram a ser homenageados na cidade de Curitiba, com as comemorações do centenário da primeira escola de pintura de Curitiba, por ele criada.

O artista português nasceu em 1861 e chegou à capital do Estado do Paraná em 1884.

Seria natural de Vila Real (Trás-os-Montes), segundo uns, mas outros dão-no como minhoto e há quem o suponha nascido no Porto, onde fez os seus estudos de Pintura.

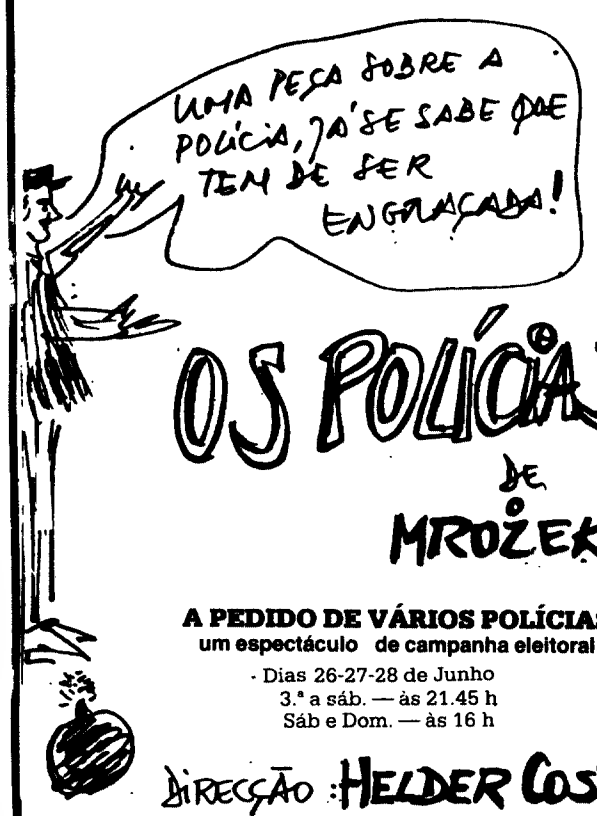
António Mariano de Lima começou a organizar a futura «Escola de Artes e Indústrias do Paraná» em 1886, mas somente no ano seguinte foi solenemente instalada a primeira aula de desenho e pintura, que veio a tornar-se uma verdadeira precursora da Universidade do Paraná.

Em 1889, foi criada a Escola de Pintura e Belas-Artes do Paraná, cuja direcção foi confiada ao pintor Mariano de Lima.

A obra do artista português tem sido analisada em diversas reuniões evocativas do centenário da «primeira aula de desenho e pintura».

Um dos principais pesquisadores dessa obra é o economista e empresário português Afonso Alves Francisco, que prepara um livro sobre a vida e a obra artística de António Mariana de Lima e sua influência na arte e na cultura do Paraná.

A BARRACA
R. ALEXANDRE HERCULANO, 70 — LISBOA
RESERVAS: 686300



OS POLÍCIAS DE MROŽEK

A PEDIDO DE VÁRIOS POLÍCIAS
um espectáculo de campanha eleitoral
- Dias 26-27-28 de Junho
3.ª a sáb. — às 21.45 h
Sáb e Dom. — às 16 h

DIRECÇÃO: HELDER COSTA

novo Grupo apresenta
CICLO DE PEÇAS INÉDITAS PORTUGUESAS
A SEGUNDA VIDA DE FRANCISCO DE ASSIS
De José Saramago
Encenação e Cenário: Norberto Barroca
Figurinos: José Costa Reis
Música: Paulino Garcia

Interpretação
Adriano Luz
Amílcar Botica
Argentina Rocha
Francisco Pestana
Isabel Ribas
João Baião
Jorge Gonçalves
José Gomes
José Pedro Gomes
Laura Soveral
Melim Teixeira
Miguel Martins
Teresa Sobral

APOIO DIÁRIO DE LISBOA
Quintas • Sextas e Sábados às 21.30
Domingos - Matinée às 16 h
TEATRO ABERTO
APOIOS: ALPHA ET OMEGA/T.L.R.-DATA GENERAL-DISCONTA-RANK XEROX
COMPANHIA SUBSIDIADA PELA SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

tel
TEATRO VASCO SANTANA
tel 768609
metro: Entrecampos
Apresenta

as Senhoras das Quintas-feiras
de Loleh Bellon
encenação: Luzia Maria [illegible]rtins
de ter. a sáb. às 21.30
Dom. às 16 horas
(SMIRNOFF)

AS TRÊS VIDAS DE FRANCISCO DE ASSIS

Carlos Porto

A SEGUNDA VIDA DE FRANCISCO DE ASSIS, **de José Saramago. Encenação/Cenografia:** Norberto Barroca. **Figurinos:** José Costa Reis. **Música:** Paulino Garcia. **Interpretação:** José Gomes, Melim Teixeira, João Baião, José Pedro Gomes, Miguel Martins, Adriano Luz, Francisco Pestana, Teresa Sobral, Laura Soveral, Jorge Gonçalves, Argentina Rocha, Isabel Ribas, Amílcar Botica. **Novo Grupo. Estreia:** Teatro Aberto/**18.06.1987.**

É este um texto que rema contra a maré; é este um espectáculo que não vai em modas.

Um texto especulativo, qe anda, em termos meramente formais, pelos lados sartreanos, um texto de um autor que ainda acredita na Revolução. Um espectáculo que pega no texto para o tornar audível e «visível» (se assim o posso dizer) mais do que para dele se servir como ponto de partida.

Adiante-se já que neste duelo, que não há, é o texto que ganha: pareceu-me o espectáculo insuficiente para ele, e insuficiente até pela sua própria maneira de ser teatral, dele texto, de difícil teatralidade. Convém ir por partes.

«A Segunda Vida de Francisco de Assis», quer o título da peça dizer que o santo teve uma primeira vida, e será de acrescentar que ela potencializa uma terceira biografia de Francisco. A primeira vida seria aquela que vem nos livros é tão verdade e tão ficção como qualquer outra biografia. Santos os demónios ou nem uma coisa nem outra, por mais objectiva que seja a história que de nós fazemos, há sempre nela um lado de ficção que ninguém quer e sobretudo ninguém pode evitar. Claro que não é difícil imaginar que na vida de um santo ou do seu contrário esse lado ficcional seja mais desenvolvido.

Portanto, a primeira vida de Francisco de Assis — vem nos livros. Não nos atenhamos a ela a não ser naquilo que tenha a ver com a vida dele inventada pelo escritor: o seu amor pelos pobres. Mas o que vem fazer esse amor num mundo em que sendo os pobres tantos é a Igreja tão rica? Esta a pergunta que perturba o santo e explica a sua terceira existência virtual, que o espectador facilmente adivinha.

A peça de Saramago propõe-nos uma metáfora, algo transparente, sobre uma Igreja dominada pelo capital. Computadores, especulações bolsistas, grandes negócios, poder — a Igreja é de facto uma companhia, a companhia —, quem pode deixar de pensar este mundo que a peça nos propõe como uma imagem sem complacências de uma Igreja dominada pelos escândalos financeiros, pela suspeita de ligações às forças mafiosas, pela revelação de crimes, talvez falsos, talvez verdadeiros, ou seja, uma Igreja de que o Vaticano dos últimos anos é uma imagem cruel. Neste mundo onde há pobres mas que é sobretudo o mundo do poder financeiro, que só reconhece as suas próprias regras. A hierarquia da companhia (leia-se: da Igreja) impõe o poder absoluto que corrompe absolutamente. Como poderia Francisco lutar contra ela?

É então que o dramaturgo (a imaginação destes artistas!) puxa pelo seu ovo de Colombo. De facto, como é que Francisco de Asssis e os que são verdadeiramente como ele não se lembraram antes de uma coisa tão óbvia? Não se pode ser pelos pobres (que aliás também não são por eles próprios, como se pode ver pelo seu representante neste xadrês dramático). O que há a fazer é precisamente o contrário: não ser pelos pobres nem a favor deles, mas ser intransigentemente contra a pobreza, tendo-se em conta um sentido material da palavra, não o seu sentido épico, pobreza como fom, frio, doença, miséria. Lutar pelo pobre é lutar contra os pobres e por isso inevitavelmente contra os ricos.

Francisco reassume a su condição de peregrinos, de pobre, com esta diferença: fá-lo para transformar o mundo. Outros o acompanham, primeira célula de um possível comunismo primitivo para o qual a igualdade entre os homens é não só desejável como possível. Vivem evidentemente num mundo onde não existem analistas políticos.

Norberto Barroca não se limitou a uma leitura passiva da peça: seguindo as indicações do autor (por exemplo, no que se refere à criação de um mundo computadorizado) não deixou de intervir procurando tecer através da projecção de imagens a articulação entre a vida do santo e a sua recriação teatral. Talvez não fosse necessário mas não é esse o problema deste espectáculo. O problema, o principal problema dele, consiste na incapacidade que revela de dar plausibilidade teatral a um texto que faz da palavra e da especulação filosófica as suas armas primordiais. Não é caso para sustos: o texto de Saramago é sumamente inteligente, com uma força na criação de metáforas que só por si o justificam. Mas o próprio sentido da peça, essa riqueza de jogos verbais exigiam capacidades de expressão e comunicação que neste espectáculo não são suficientemente contempladas. Não é um problema deste grupo mas de quase todo o teatro português. Aqui também, porventura, por carências de direcção. É o que se passa em especial com o intérprete da figura-chave da peça: é sobre ele, como facilmente se entende, que recai o principal peso da responsabilização teatral da obra de Saramago. Acontece que Jorge Gonçalves compõe lindamente a figura do santo mas fica-se por aí: a riqueza humana, o poder de convicção, a força anímica e a visão poética e dialéctica do mundo, que definem Francisco, são-nos quase que escamoteadas, só escassamente nos chegam. Temos dificuldade em acreditar nele e a comunicação da sua mensagem pede um relacionamento muito forte da personagem com o espectador. Não pretende responsabilizar o actor por culpas que não lhe pertencem. Escolhido para interpretar um papel difícil e complexo fê-lo o melhor que sabia e podia. O espectáculo é que se ressente do erro da escolha. E tanto mais gravemente quanto o nível da interpretação é algo irregular, com algumas intervenções que sem ser brilhantes me pareceram aceitáveis: José Gomes, José Pedro Gomes, Francisco Pestana, Laura Soveral, Argentina Rocha, em especial.

No entanto, o espectáculo não se ressente apenas destes aspectos interpretativos. Tratando-se de um texto escrito para um determinado grupo, talvez tivesse sido possível ir mais longe nessa espécie de cumplicidade entre dramaturgo, encenador e grupo de forma a tornar mais operativos texto e espectáculo. Se o autor aceitasse diminuir para o palco o seu texto, onde há repetições desnecessárias, diálogos que sem precisão se prolongam (por exemplo, entre Francisco e Clara), se o encenador, com um texto assim relativamente reduzido, por sua vez cortasse o intervalo, o texto e o espectáculo surgir-nos-iam mais densos, mais fortes, mais percucientes. Salvo erro.

Tal como está o espectáculo (bons figurinos, boa música) é evidentemente de visão obrigatória não só para aqueles que vão habitualmente ao teatro como também para aqueles que acreditam na Santidade e na Revolução. Não é vulgar nos nossos palcos falar-se de coisas tão transcendentes como estas. E é muito menos vulgar que seja de um autor português vivo a voz que disso nos fala. É esse, de facto, o grande acontecimento deste espectáculo.

Pertenço aos numerosos portugueses que para além dos sofrimentos que o quotidiano lhes reserva padecem desde há anos com a revelação do Grande Prémio do Romance da APE em que José Saramago tem sido sistemática e injustamente preterido. E, no entanto, não é difícil vaticinar que um dia — se o houver, esperemos que não —, se o mundo for transformado num deserto atravessado por uma luz cegante, onde «caveiras comem pedras» (para citar Edward Bond), haverá alguém para tentar ler as páginas semi-calcinadas dos livros de José Saramago. Entre elas algumas pertencerão a esta bela peça que o leitor poderá apreciar no Teatro Aberto.

O dia da memória

AS SENHORAS DAS QUINTAS-FEIRAS, de Loleh Bellon. Traduçã/Dramaturgia: **Monique Rutler**. Encenação: **Luzia Maria Martins**. Cenografia: **Fernando Filipe**. Interpretação: **Clara Joana, Manuel Mendonça, Luísa Ortigoso, Maria Dulce** e **Vieira de Almeida**. Teatro Estúdio de Lisboa. Estreia: **Teatro Vasco Santana**/11-6-1987

Vi esta peça há uns anos em Paris com duas daquelas actrizes que nos fazem tremer dos pés à cabeça (Dominique Blanchar e Suzanne Flon), peça que obteve vários prémios, Ibsen, Tristan Benard, Sindicato da Crítica («DL»/19-3-78).

O texto pareceu-me muito bem arquitecturado, o que, pode explicar pelo facto de, antes de ser escritora, Loleh Bellon ter sido uma actriz de grandes papéis (Tchekhov, Claudel, Giraudoux, Genet), dominando assim essa arte tão difícil e delicada do relacionamento do texto com a linguagem cénica, de que aquele depende, e de ambos com o público. Não admira, portanto, que logo a sua primeira peça, esta precisamente, tenha obtido um tão grande êxito de crítica e de público, de tal maneira que o espectáculo esteve anos em cena.

Pergunto-me se não teria sido injusto ao ligar este êxito à tendência do texto para a procura internacional e visível dele, o que implicaria o sacrifício ao fácil, o uso de estereótipos, de convencionalismos que prejudicam a autenticidade do texto, de certo modo o banalizam.

Em «As Senhoras das Quintas-Feiras» três mulheres reúnem-se semanalmente, em casa de uma delas, para recordar o passado, mais do que para viver o presente, passado que as une e desune. A trama dramática da peça nasce dos conflitos que essas recordações levantam, já que cada uma delas tem uma história pessoal, um temperamento, uma visão diferente das coisas, que vêm de um passado em comum e que por vezes explodem num presente em que a vida está reduzida à memória.

A peça de Loleh Bellon é pois uma obra sobre a memória. Do passado, do amor e da solidão, das perseguições (nazis, para o caso), de estalinismo e do anti-estalinismo, dos que nasceram e mesmo dos que não nasceram; memória do marido de uma delas e do cancro que ele teve e da colaboração que foi necessário dar-lhe para que o seu sofrimento acabasse; memória das brincadeiras da infância, da mãe, de quem se ouve apenas a voz, das primeiras reacções da adolescência, dos ciúmes, das pequenas maldades, das alegrias e das tristezas; memória da morte e da morte da morte, como diz a autora parafraseando António Machado.

Em termos cénicos, a autora propõe que essa memória surja em palco sem truques: a personagem do marido surge frequentemente em cena, embora ele esteja há muito morto; as brincadeiras da infância são representadas sem quaisquer alterações a não ser de comportamento. Não se trata de uma novidade, mas funciona aqui com muita eficácia. Como diz a autora em nota, «é um trabalho difícil, mas esse trabalho é o princípio mesmo do espectáculo».

Num cenário que procura reconstituir o ambiente de uma mulher que vive o seu passado (com poucos meios, Fernando Filipe recria essa atmosfera) os intérpretes de «As Senhoras das Quinta-Feiras» procuram trazer até nós, raramente o conseguindo, essa vida dupla que teatralmente define as personagens: a vida de um presente já sem significado, a vida de um passado que acaba por ser o significado do presente: Sónia, a dona da casa, um lonquínquo passado familiar russo, uma mulher que vive sempre o amor, um filho vadio, Victor, por quem tudo sacrifica; Marie, a mulher que vive a recordação de Jean, um ser excepcional; Hélène, talvez a mais complicada sob o ponto de vista psicológico recusando-se a ter filhos, amando talvez o irmão morto, de quem Marie é viúva.

Clara Joana é Sónia: há nela qualquer coisa que não funciona ou que funciona mal (talvez a colocação da voz?); foi uma desagradável surpresa este trabalho por parte de uma actriz cujas grandes capacidades interpretativas são indiscutíveis; Luísa Ortigoso é Marie: sente-se por vezes que passa por ela uma corrente subterrânea de emoção que torna a personagem humanamente rica; Maria Dulce é Hélène: falta-lhe aquela dimensão complexa, até no sofrimento, que define a personagem, embora se trate de um trabalho consciencioso e sério; Victor, o filho de Sónia, é intrepretado por Manuel Mendonça; uma personagem excessivamente estereotipada que o intérprete não ajuda a transformar, pelo contrário; o trabalho de Carlos Vieira de Almeida, em Jean, é também insuficiente num personagem bastante difícil, única que vive só como memória.

Um texto como este exigiria um trabalho de intrepretação que mergulhasse muito mais fundo, que nos permitisse conhecer as grandes alegrias, as grandes dores, as admiráveis, no bem e no mal, experiências destas personagens; um trabalho que não ficasse pela superfície das coisas, que nos guiasse pelo labirinto de vidas tão fortemente marcadas. Sem isto, a peça perde algumas das suas virtualidades expressivas. Trata-se mesmo assim de um espectáculo sério, dirigido com limpeza por Luzia Maria Martins, que nos permite conhecer um texto francês do nosso tempo que, apesar de tudo, justifica a curiosidade.

Boa tradução de Monique Rutler.

GRUPO TEATRO HOJE • TEATRO DA GRAÇA / VOZ DO OPERÁRIO

o país do dragão

TENNESSEE WILLIAMS

MARCAÇÕES PELO TELEFONE 87 56 26

«... Um dos melhores espectáculos do teatro português recente»

Carlos Porto — «D. Lisboa»

3.º MÊS E ÚLTIMO

DE 3.ª A SÁBADO, ÀS 21 H — DOMINGO, SÓ ÀS 16 H

CINEMAS

UMA CENA DO FILME BRASILEIRO «ÓPERA DO MALANDRO» — PRÉMIO DE REALIZAÇÃO DO FESTIVAL DO RIO DE JANEIRO. LETRA E MÚSICA DE CHICO BUARQUE. INTERPRETAÇÃO DOS MAIS DESTACADOS ARTISTAS DA CANÇÃO, DA MÚSICA E DA TELENOVELA BRASILEIRA. EM EXIBIÇÃO NO QUARTETO.

Alfas Triplex

— T. 806496

Sala 1

COMBOIO EM FUGA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Sala 2

CAMINHO DE FOGO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Sala 3

BLUE VELVET — VELUDO AZUL
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Sala 4

FILHOS DE UM DEUS MENOR
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Alfa Cine

T. 763319

SALVADOR
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Auditório 1

BLUE VELVET — VELUDO AZUL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

Auditório 2

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE
(maiores 12 anos)
14.15, 16,45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Auditório 3

SALVADOR
(maiores 16 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.30 e 24.00 h

Auditório 4

EM DEFESA DA NAÇÃO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Auditório 5

CAMINHOS DE FOGO
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Auditório 6

COMBOIO EM FUGA
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00 h

Apolo 70

A CHAVE DO CIÚME
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Avila

— T. 539930

STAND BY ME — CONTA COMIGO
(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis

— T. 547163

FELÍCIA
Porno
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

VIVER OU MORRER EM JERUSALÉM
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

Capitólio

— T. 372358

ELES, ELAS E O SEXO
(Int. m. 18 anos)
15.15, 17.30, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

T. 530194

A ÚLTIMA VISITA
(maiores 18 anos)
14.30, 18.45, 19.00 e 21.30 h

Cinebolso

ORGIAS DE ADOLESCÊNCIA
(Porno)
(Int. m. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30 h

Cine Camões

T. 324194

GUERREIROS DO DESERTO
(maiores 18 anos)
14.15, 16.30 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

A SHANTI
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Cine Portela

— T. 2524761

Estúdio Anunha

NADA EM COMUM
(maiores 12 anos)
16.00 e 21.45 h

Estúdio Sheza

ENTRE O AMOR E O MEDO
(maiores 16 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

JUSTIÇA IMPLACÁVEL
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Condes

— T. 322523

A VIÚVA NEGRA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

CAMINHO DE FOGO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

NOVE SEMANAS E MEIA
(maiores 18 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

OS AMIGOS DE ALEX
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

BARRY LINDON
(maiores 13 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

Sala 1

CROCODILO DUNDEE
(maiores 8 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Sala 2

SÓ SE PERDE UMA VEZ
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.30

Sala 3

VIVER E MORRER EM JERUSALÉM
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Gemini

— T. 734009

CAMINHO DE FOGO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 802859

Sala 1

PLATOON — OS BRAVOS DO PELOTÃO
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19, 21.30 e 24.00 h

Sala 2

A VIÚVA NEGRA
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 23.45 h

Imperio

— T. 555134

A TURMA DOS CHANFRADOS
(maiores 16 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

Sala 1

A VIÚVA NEGRA
(maiores 12 anos)
16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2

SELVAGEM E PERIGOSA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

SELVAGEM E PERIGOSA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

Sala 1

COMBOIO EM FUGA
(maiores 12 anos)
13.45, 16.15, 18.45 e 21.30 h

Sala 2

BLUE VELVET — VELUDO AZUL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

Sala 3

SALVADOR
(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

Nimas

— T. 574362

AMADEUS
(maiores 12 anos)
14.00, 17.30 e 21.30 h

Odeon

— T. 326283

AS MOTOS DA MORTE
(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Olimpia

T. 325309

FÊMEAS INCONTROLÁVEIS
A partir das 14 horas
Sessões contínuas
(Int. men. 18 anos)

Pathé

— 821933

D. CAMILO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30 e 21.30 h

Politeama

T. 326305

CONVENTO DO PECADO
(maiores 18 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Quarteto

T. 771378

Sala 1

A ÓPERA DO MALANDRO
(n/acons. m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
PELA NOITE DENTRO
(maiores 12 anos)
23.30 h

Sala 2

A GUERRA DAS ESTRELAS
(maiores 13 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
NOITES DE PAIXÃO
(maiores 16 anos)
23.30 h

Sala 3

A FLOR DO DESERTO
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
A MULHER FALCÃO
(maiores 12 anos)
23.45 h

Sala 4

POLICE
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
METROPOLIS
(maiores 12 anos)
23.45 h

Roma

T. 889192

O ÚLTIMO COMBOIO DO KATANGA
(maiores 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Roxy

T. 548560

SAIAS PARA CIMA... A TROPA ESTA EM BAIXO
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

COMBOIO EM FUGA
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Sala 2

CROCODILO DUNDEE
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

Sala 3

COSTA DO MOSQUITO
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

7.ª Arte

— T. 730715

SHINNING
(n/acons. m. 18 anos)
14.45, 17.00, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star

— T. 804210

A ÚLTIMA VISITA
(maiores 18 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

A FLOR DO DESERTO
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19, 21.30 e 23.45 h

Tivoli

— T. 570595

BLUE VELVET — VELUDO AZUL
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim

T. 706666

O MENINO DE OURO
(maiores 6 anos)
15.00, 17.30 e 21.30 h

Xenon

T. 368480

CAÇADA SANGRENTA
(maiores 18 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Zodíaco

— T. 570151

Exibição permanente de filmes indianos
(m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro — «Homens à Queima-Roupa», às 21.30 h (maiores 18 anos)
AMADORA — Cinestúdio — «Veludo Azul», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
AMADORA — Babilónia — «Superpolícia», às 15.15, 18.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)
ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby — «Platoon», às 21.30 h (maiores 16 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores — Encerrado para descanso

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme — «O Matador», às 21.30 h (maiores 18 anos).
ODIVELAS — Cineodivel — «Fogo contra Fogo», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril — «Salvador», às 17.00 e 21.15 h (maiores 16 anos)
ALGÉS — Cinema 2000 — «Filhos de um Deus Menor», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos).
LINDA-A-VELHA — Cinetropical — «O Bando da Mão», 15.30 e 21.30 h (maiores 16 anos)
OEIRAS — Alto da Barra — Sala 1 — «A Costa do Mosquito», às 15.15 e 21.30 h (maiores 12 anos)
Sala 2 — «Uma Mulher dos Diabos», às 15.30, 19.00 e 21.45 h (maiores 6 anos)
CARCAVELOS — Atlântida Cine — «Os Bravos do Pelotão», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)
CASCAIS — Miramar — Sala 1 — «Selvagem e Perigosa», às 15.15, 18.45 e 21.30 h (maiores 12 anos)
Sala 2 — «Viúva Negra», às 15.30, 18.45 e 21.30 (maiores 12 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia — «Procura-se Morto ou Vivo», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

ALMADA — Cinestúdio — «Veludo Azul», às 15.30, 18.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

COVA DA PIEDADE — Clube Piedense — «Thérèse», às 15.30 e 21.30 h (maiores 12 anos)

COSTA DE CAPARICA — Oceano — Sala 1 — «A Chave do Ciúme», às 15.45 e 21.30 h (maiores 18 anos)
Sala 2 — «A Mulher do Patrão», às 15.15, 17.30 e 21.45 h (maiores 12 anos)

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense — «Viver e Morrer», às 15.00 e 21.15 (maiores 16 anos)

VALADAS CORIEL NA GALERIA TEMPO

Na Galeria Tempo (R. Nova de S. Mamede, 17-A, em Lisboa), encontra-se patente ao púbico, até ao próximo dia 18 de Julho, uma exposição de aguarelas e desenhos da autoria de Valadas Coriel.

O autor nasceu em 24 de Novembro de 1928 no distrito de Beja. Órfão de pai — foi educado na Casa Pia de Lisboa — 1940-46. Foi discípulo dos mestres Albertino Guimarães (Desenho), Raul Xavier (Escultura), António Duarte (Escultura) e Jorge Barradas (Cerâmica).

Em 1958/59 foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, tendo feito estágio de escultura com o Mestre António Duarte.

Está representado no Museu de Arte Contemporânea de Lisboa e em colecções particulares de Portugal e estrangeiro.

O seu trabalho, reflectiu, sempre os condicionalismos da criatividade em escultura, disciplina que talvez responda pela magnífica determinação do seu traço e da pincelada firme, geradora de texturas e de cambiantes cromáticos que complementam temas tradicionais tais como a Mulher, o Touro, o Cavalo o Minotauro ou a Varina.

São obras de pequena e média dimensão, intimistas, resultado de uma elaboração na qual a imagética própria deste artista plástico se revela. Datadas algumas décadas atrás estas aguarelas e estes desenhos guardam em si tendências que mais directamente Valadas Coriel vivenciou tornando-se, por isso, o testemunho de um evolução que cruza os já longínquos anos cinquenta para desembocar nas novas atitudes que já surgem nos trabalhos mais recentes.

Esta exposição poderá ser visitada das 16 às 20, de segunda-feira a sábado.

VALADAS CORIEL

Pintura de Stella de Brito

EXPOSIÇÕES

AR.CO (R. do Santiago, 18): mostra colectiva de fotografias sob o tema «Aldeias Abandonadas» e «90 Km de costa», até 10 de Julho, de segunda a sexta das 10 às 20.
GALERIA ARTIFÍCIO (R. de S. Bento, 355): inauguração deste espaço de exposições com «Lisboa Vivida e Sonhada», óleos e aguarelas de Theresa Beco de Lobo. Até 20 de Julho, das 15 às 19,30.
GALERIA DO HOTEL ALVOR PRAIA: pintura, tapeçaria e escultura de Stella de Brito, patente até 15 de Setembro.

TORRE DE BELÉM: uma exposição subordinada ao tema «Farois de Portugal», organizada pela Direcção de Farois (Marinha Portuguesa) em colaboração com o IPPC e os CTT, que lançaram simultaneamente uma emissão de selos versando a mesma temática. Esta mostra pode ser visitada todos os dias (excepto segundas-feiras) das 10 às 18,30.
GALERIA DE ARTE DO CASINO ESTORIL: aguarelas de Paulo Ossião, exposição patente das 15 às 24.
PÁTEO ALFACINHA: pintura de Louro Artur até 8 de Julho, das 15 às 22.
GALERIA A MONUMENTAL (Campo dos Mártires da Pátria, 101): fotografias de Álvaro Rosendo até 14 de Julho, todos os dias excepto segundas-feiras, das 15 às 20.
INTER-ATRIUM (Av. da Boavista-Porto): pintura de Maria C. de Abreu até 5 de Julho, de segunda a sábado das 10,30 às 19,45 e das 21 às 23, domingos das 14,30 às 20.
CONVENTO DE JESUS (SETÚBAL): exposição «Os Rosado Pinto na Vida Cultural Setubalense», incluída num ciclo de homenagem organizado pela Câmara Municipal de Setúbal.

GALERIA DE S. BENTO (R. do Machadinho, 1): pintura de João Ribeiro até 15 de Julho, de terça a sábado das 11 às 20, segundas das 15 às 20.
GULBENKIAN (exposições temporárias): fotografias da artista americana Lucille Khornak.
COOPERATIVA ÁRVORE (R. Azevedo de Albuquerque, 1-Porto): exposições de Pintura de Rui Aguiar com o título «Fragmentos de Paisagens à Beira-Mar» e de João Fernando Gonçalves, subordinada ao tema «Inundações». Até 30 de Junho.
MONUMENTO DAS DESCOBERTAS: exposição com pinturas de António Marques «Estátuas de Lisboa» e de Fátima Melo, «Paisagem de um Povo».
MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA: exposição « Desenhos de Galli Bibiena - Arquitectura e Cenografia», patente até ao Outono.
GALERIA ALMADA NEGREIROS (Av. da República, 16): «Itinerários» de Ernesto de Sousa.

Theresa Beco de Lobo na Galeria Artifício

GALERIA OLHARTE (C. do Cardeal, 18): Intervenção/Instalação de Gabriel Rui Silva sob o título «As 24 Pedras» até 5 de Julho, de terça a sábado das 16 às 20.
GALERIA «JN» (Porto): Fotografia de João Menéres com o título «Porto Meu», de terça a sábado das 14,30 às 19,30.
HOSPITAL TERMAL DAS CALDAS DA RAINHA: exposição «A Arte e a História, Fonte de Cristal», promovida pela Atlantis-Cristal de Alcobaça, patente até 5 de Julho.
MUSEU TAVARES PROENÇA JUNIOR (Castelo Branco): Pintura de Ana Maria Botelho, Helena San-Payo, Ribeiro Farinha e Rogério Amaral.
CENTRO CULTURAL DE SANTARÉM: escultura do ceramista Rui Santos até 4 de Julho, dias úteis das 15 às 19 e das 21 às 22, sábados e domingos das 15 às 19.
CETÁRIA-GALERIAS DE ARTE (Setúbal): aguarelas de Maria Gabriela Mota até 6 de Agosto, de segunda a sexta das 9 às 12 e das 14 às 18.
GALERIA NASONI (Porto): esculturas de Clara Menéres até 5 de Julho, de terça a sexta das 10 às 12,30 e das 15,30 às 19,30, sábados e domingos das 15,30 às 19,30.
ATELIER 15 (R. Freitas Gazul, 24-D): «Referências», uma exposição de gravuras de Américo Silva.
GALERIA DA VOZ DO OPERÁRIO: colectiva de Artes Plásticas com trabalhos de Eduardo Santos Neves, Eduardo Teixeira, Fátima, Cruz Neves, Gil Teixeira Lopes, Helena Subtil, Henrique Ruivo, José Mouga, Lima de Carvalho, Maria João Franco, Matilde Marçal, Miguel Mira, Nelson Dias, Rocha de Sousa, Rogério Ribeiro, Teresa Magalhães e Virgílio Domingues. Até 18 de Julho, dias úteis das 14 às 20,30, sábados das 15 às 19.
GALERIA DA FONTENOVA (Centro Comercial-Est. de Benfica): Pintura de Helena Justino-guaches e aguarelas sob o tema «A Mulher e o Poder» e aguarelas de José Bello sobre Lisboa.
GALERIA PAULINO FERREIRA (R. Nova da Trindade, 18-B): pintura de Serrão Faria até 30 de Junho, de segunda a sexta das 9 às 12,30 e das 14,30 às 19.
PALÁCIO DOS CORUCHEUS (R. Alberto de Oliveira-Alvalade): óleo sobre fórmica do artista belga Paul Mathieu até 30 de Junho, de segunda a sábado das 15 às 19.
GALERIA DO HOTEL ALBATROZ (Cascais): pintura e escultura de José Conceição, todos os dias das 15 às 23.
GALERIA ESPIRAL (Centro Comercial das Palmeiras-Oeiras): desenho e pintura de Isabel Bomba, patente das 9 às 18,30.
GALERIA CONVÉS (Praia de Quaios): pintura de Zé Penicheiro, «Encontro com a Paisagem»
PALÁCIO POMBAL (R. do Alecrim, 70): exposição de projectos de design industrial.
GALERIA 111(Campo Grande, 113-A): fotografia de Sérgio Eloy, Luís Vasconcelos e Alfredo Cunha.
GALERIA ESPAÇO 2062 DO AMOREIRAS (Loja 2102-2º piso): «Salão de Pintura de Lisboa» até 6 de Julho, das 13 às 23.
ARTEFACTO 3 (Tv. Água da Flor, 37): exposição de joias de Vítor Pomar, de segunda a sexta das 15 às 20.
GULBENKIAN (exposições temporárias): «Obras Primas da Pintura Russa».
GULBENKIAN (Centro de Arte Moderna): Colagens de Alberto Lacerda.
ENTRE-TELAS-galeria-bar (R. da Imprensa Nacional, 34): pintura de Cabral Duarte.
SNBA (R. Barata Salgueiro, 36): retrospectiva do pintor Arnaldo Figueiredo.
GALERIA DE S. FRANCISCO (R. Ivens, 40): «A Bicicleta e o Homem», uma exposição de Guima até 30 de Junho.
MERCADO DOS ESCRAVOS (LAGOS): aguarelas de Daniel Vidas até 30 de Junho.
GALERIA DA LIVRARIA BARATA (Av. de Roma, 11-A): exposição retrospectiva «Janelas» de Maluda até 11 de Julho, de segunda a sábado das 12 às 23.
COOPERATIVA DIFERENÇA (R. S. Filipe Neri, 42): exposição da gravadora japonesa Noriko Yanagisawa, até 5 de Julho, de terça a sexta das 15 às 20, sábados e domingos das 16 às 19.
Também uma exposição de desenhos da autoria de Catarina Baleiras.
GALERIA TEMPO (R. Nova de S. Mamede, 17-A): aguarelas e desenhos de Valadas Coriel, até 18 de Julho, de segunda a sábado das 16 às 20.

MUSEU MUNICIPAL DE LOURES: exposição de tapeçaria de Arraiolos (na maioria da autoria de Efigénia Caldeira Lourenço) até 16 de Julho

Fotografias na AR.CO

Farmácias

PERMANENTE

AJUDA: Lídia Almeida, Calçada da Ajuda, 170 (T. 63738); **ALVALADE: Cartxo,** Av. da Igreja, 21 C (T. 897958); **AVENIDAS NOVAS: Valle,** Av. Marquês de Tomar, 47 (T. 773043); **BENFICA-IGREJA: Marques,** Estrada Benfica, 648 (T. 700096; **CAMÕES: Andrade,** Rua do Alecrim, 125-127 (T. 322328); **CAMPO SANTANA: Peninsular,** Campo Mártires da Pátria, 117-118 (T. 553308); **CAMPOLIDE: Pátria,** Calçada dos Mestres, 30-A (T. 680627); **LAPA: Rodrigues & Aires,** Rua da Lapa, 52-54 (T. 662246);**LUMIAR: Patuleia,** Alameda das Linhas Torres, 262-B (T. 790321); **MERCADO DO CHILE: Alcalis,** Rua Carvalho Araújo, 46-B (T. 841708); **PENHA DE FRANÇA: Central da Penha,** Rua da Penha de França, 58-60 (T. 849245); **VALE FORMOSO-POÇO BISPO: Barros Gouveia,** Rua Vale Formoso de Cima, 79-B (T. 855180); **CARNAXIDE: H. Amaral,** Praceta António Boto, 11-A (T. 4104556); **ODIVELAS: Gonçalves,** Rua Dr. Egas Moniz, 30-B (T. 9815662); **PONTINHA: Pontinha,** Estrada Santo Elói, 4 — lote SE (T. 990220).

REFORÇO

AREEIRO-APEADEIRO: Nova Lisboa, Rua Guilhermina Suggia, 12 (T. 887721); **BAIRRO MONTE PEDRAL: Zema,** Rua General Justiniano Padrel, 21-A (T. 832580); **CAMPO DE OURIQUE: Lobel,** Rua Infantaria 16, 98-B (T. 688807); **ESTEFÂNIA: Mundial,** Largo D. Estefânia, 10 (T. 545578); **JOÃO XXI: Onilda,** Av. João XXI, 13-A (T. 886848); **MARTIM MONIZ: Ferrão,** Rua da Mouraria, 12-16 (T. 860464); **OLIVAIS NORTE: Central Olivais,** Rua Alferes Barrilaro Ruas, 7-C (T. 315539); **PALHAVÃ: Aguiar,** Av. Col. Bordalo Pinheiro, 98-A (T. 720934); **PARQUE EDUARDO VII: Gomes,** Rua Rodrigo da Fonseca, 101-A (T. 682333); **PICHELEIRA: Marluz,** Calçada da Picheleira, 140 B-C; e Rua Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SANTO AMARO: Correia Azevedo,** Rua Luís de Camões, 42-B (T. 638625); **COLINA SOL-BRANDOA--AMADORA: Vidal Reis,** Urb. Alfornel — Cel. G — lote 35 (T. 996540); **BURACA--AMADORA: Vaz Martins,** Rua António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO: Nova,** Rua Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO: Matos,** Travessa das Prioras (T. 2519939).

Linha de Cascais.

ALGÉS: Miramar, R. Ernesto Silva, 83 (T 2112048) Perm. **LINDA-A-VELHA: Moderna,** Av. 25 de Abril, 30-C (T 419235) Até às 19h. **TIRES: Guimarães,** L. Duartes, Lote A-r/c (T 2441616) Até às 22 h. **ALCABIDECHE: Carvalho,** B.º Padre P. Correia, 4 (T 2690363) Até às 22 h. **PORTO SALVO: Ferreira Bastos,** R. D. Firmino Rebelo (T 2421015) Até às 22 h. **CAXIAS: Nova,** R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T 2432839). Perm. **CARCAVELOS: Central,** R. 5 de Outubro, 25 (Telef. 2470037). Perm. **S. DOMINGOS DE RANA: Godinho Silveira,** R. A. Albuquerque, Lote, B- Lj./2 (T 2470361). Até às 22 h. **MALVEIRA DA SERRA: Luz,** Estrada Nacional (Telef. 2850635) Até às 22 horas. **OEIRAS: Alcântara Guerreiro,** P. Residencial Dr. Augusto Castro, lote 10, (T 2430691). Até às 22 h. **PAREDE: Macau,** R. José Elias Garcia, 42 (T 2471785) Perm. **SASSOEIROS: Amaral,** Quinta das Encostas (T 2461312) Até às 22 horas; **BIRRE: Imani** Lote 7-B-Hera (T 2852121) **MODORNA: Madeira,** Rua A (T 2476326) Até às 22 horas; **AMOREIRA: Parque,** Viv.ª Maria Carlos Anjos (T 2682313) Até às 22 horas **ESTORIL: Parque,** Arcadas do Parque, 3 (T 260191). Até às 22 h. **CASCAIS: Misericórdia,** R. Regimento 19.41 (T 280141). Perm.

OUTRA BANDA

ALMADA — Algarve — R. Fernão Lopes, 1 (Telef. 2750271). Perm.; **COVA DA PIEDADE — Cerqueira Afonso** — L. 5 de Outubro, 18 (Telef. 2750254). Perm.; **MONTE DA CAPARICA — Nova** — R. Trab. Rurais, 82 (Telef. 2954436). Até às 19 h; **COSTA DACAPARICA — Higiénica** — Av. República, 23 (Telef. 2400020). Até às 19 h; **LARANJEIRO — Moderna** — R. Dr. António Elvas, 8-A (Telef. 2290305). Até às 22 h; **SESIMBRA — Leão** — Av. Liberdade, 13 (Telef. 2233471). Até às 19 h; **LAVRADIO — J. Consolado** — Av Joaq. J. Fernandes, 17-C (Telef. 2043126). Até às 19 h; **BARREIRO — Normal** — Av. Alfredo Silva, 116 (Telef. 2073035). Perm.; **BAIXA DA BANHEIRA — Nova Fátima** — Est. Nacional, 244-A (Telef, 2040141). Até às 19 h; **CORROIOS — Abreu Cardoso** — B.º, Cid. Setúbal, 1-B (Telef. 2291192). Até às 19h; **AMORA — Nobre Guerreiro** — R. Dr. Emídio G. Mendes, 314 (Telef. 2212923). Até às 22 h; **SEIXAL — Soromenho** — P. Paiva Coelho, 38 (Telef. 2213560). Até às 22 h; **MONTIJO — Higiene** — R. José Joaq. Marques, 142 (Telef. 2310370). Até às 22 h; **MOITA — Silva Rocha** — P. República, 16 (Telef. 2390029). Até às 19 h; **ALHOS VEDROS — Gusmão** — R. Cândido Reis, 30 (telef. 2040020). Até ás 19 h; **ALCOCHETE — Gameiro** — L. Ant.º Santos Jorge, 15 (Telef. 2340100). Até às 19 h; **SETÚBAL — Higiene** — R. Frei Agostinho Cruz, 5 (Telef. 22408). Perm; **Bonfim** — Av. Rodrigues Manito, 12 (Telef. 24558). Perm.; **Bairros** — R. Rodrigues F. Costa, 27 (Telef. 23330). Até às 22 h.

LINHA DE SINTRA

AMADORA: Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (telef. 4932210), permanente; **Melo,** P. D. João I, 9-B (telef. 4932756), até às 22 h; **DAMAIA: Damaia,** P. Alexandre Gusmão, 9-B (telef. 970523), permanente; **QUELUZ: Correia,** L. Mercado, 3 (telef, 950905), permanente; **CAMARATE: Fátima,** Fetais, até às 19 h; **CACÉM: Guerra Rico,** Av. Bombeiros Voluntários (telef. 9244002), permanente; **ALGUEIRÃO: Rodrigues Rato,** R. dos Morés, 1 (telef. 9212038), permanente; **MERCÊS: Claro Russo,** R. Abade Faria, 2-A (telef. 9215275), até às 22 horas; **RIO DE MOURO: Rinchoa,** Cargaleiro Lourenço, Calçada Rinchoa, 38 (telef. 9262006), até às 22 h; **SINTRA: Simões,** R. Heliodoro Salgado, 26 (telef. 9230832), permanente; **COLARES: Abreja,** (telef. 9290088).

OUTRAS FARMÁCIAS

MOSCAVIDE: Varela, Av. Moscavide, 44-B (telef. 2518520), permanente; **SACAVÉM: Soares,** R. José L. Morais, 15-A (telef. 2518025), até às 22 h; **LOURES: Sálvia,** Av. República, 29 (telef. 9831240), até às 22 h; AVEIRO: Avenida, Av. dr. Lourenço Peixinho, 296 (telef. 23865), permanente.

TEATROS

Teatro Nacional D. Maria II

Rossio — Tel. 37 22 46

Às 21.30

«ROMANCE DE LOBOS», de Ramon Valle-Inclán. Encenação de Xosé Blanco Xil. Cenários e figurinos de Simon Soarez. Música de Manuel Bolboa. Escolha de J. Mendez. Coreografia de Fernando Lima. Intérpretes: Ruy de Carvalho, João Perry, Manuela Cassola, Eunice Muñoz, entre outros.

De terça a sábado, às 21.45; domingo, às 16.30

Sala Experimental

«UMA NOITE EM CHEIO», de Stephen Poliakoff. Encenação de João de Ávila. Interpretação de Ângela Pinto, Isabel Bernardo e Durval Lucena.

Teatro da Trindade

R. Nova da Trindade — Tel. 32 00 00

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingo, às 16.00

«TRILOGIA DA GUERRA» (1.ª parte), de Edward Bond. Tradução de Miguel Cintra, Luís Lima e José Manuel Mendes. Encenação de LuísMiguel Cintra.

Vasco Santana

Av. da República, 16 — Tel. 76 86 09

De terça a sáb., às 21.30. domingos, às 16.00

«AS SENHORAS DAS QUINTAS-FEIRAS», de Loleh Bellon. Pelo Teatro-Estúdio de Lisboa. Tradução e dramatização Monique Rutler. Encenação de Luzia Maria Martins. Intérpretes: Carlos Vieira de Almeida, Clara Joana, Luísa Ortigoso, Manuel Medonça e Maria Dulce.

Laura Alves

R. da Palma, 251 — Tel. 86 47 56

3.ª, 4.ª e 5.ª, às 21.30; 6.ª, sábado e domingo, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00

«CÁ ESTÃO ELES». Texto de César de Oliveira e Varela Silva. Interpretado por Camilo de Oliveira, Luísa Barbosa e Maria Armanda, entre outros.

Teatro ABC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 23.00; domingos e feriados, às 16.00

«LISBOA, TEJO E TUDO», de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Encenação de César de Oliveira.

Teatro da Graça

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingo, às 16.00

«O PAÍS DO DRAGÃO». de Tennessee Williams. Pelo Grupo de Teatro Hoje. Encenação de Carlos Fernando. Intérpretes: Alexandre de Sousa, Elias Lisboa, Fernanda Coimbra, Isabel de Castro, Lia Gama, Manuel Mendes, Maria José Pascoal, Maria José e Rui Pedro. Cenografia de Dalton Salem Asseff.

A Barraca

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

De 3.ª a sábado, às 21.45; sábado e domingo, às 16.00

«OS POLÍCIAS», de Mrozek. Direcção de Hélder Costa.

A Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

Sala Café Teatro

Sextas e sbados, às 23.00

«FARSA VOCÊ MESMO», de Abel Neves, Carlos Paulo e Ary dos Santos. Intérpretes: Almeno Gonçalves, Alfredo Brissos, Carlos Paulo, Isabel Medina Paulo Ferreira e Manuela Couto.

Teatro do Triângulo

R. da Cintura do Porto de Lisboa, Santos — Tel. 67 61 91

De terça a sábado, às 21.30; domingo, às 17.00

«O FÍSICO PRODIGIOSO», de Jorge de Sena. Adaptação e encenação: André Nuno.

Teatro da Nova — Universidade Nova

Av. de Berna

De segunda a sábado, às 21.30

«ROQUE À PRESIDÊNCIA OU A QUEDA E O COICE», de Rui Costa Lopes. Ecenação: Carlos Fogaça.

Casa da Comédia

R. Francisco Borja, 24 — Tel. 69 72 99

De terça a sábado, às 21.45; domingo, às 17.00

«ELECTRA OU A QUEDA DAS MÁSCARAS», de Marguerite Yourcenar. Encenação: Filipe La Féria. Intérpretes: Glicínia Quartin, João de Ávila, Juvenal Garcês, Rocha Santos, Virgílio Castelo e Zita Duarte.

Cascais — Espaço TEC

Junto ao Pão de Açúcar

De terça a domingo, às 21.45; sábados, domingos e feriados, também às 17.00

«APARECEU A MARGARIDA». Texto e encenação: Roberto Athayde. Cenários: Fernando Filipe. Intérpretes: Graça Lobo e João Soromenho.

Estoril — Teatro Mirita Casimiro

Av. Fausto de Figueiredo — Tel. 267 03 20

De 5.ª a sábado, às 21.30; sábado e domingo, às 17.00

«TARTUFO», de Molière. Pelo Teatro Experimental de Cascais. Encenação de Rogério de Carvalho. Interpretação de Santos Manuel, Marília Costa, João Vasco, Luísa Salgueiro, Paulo B., Alexandra Lencastre e Luís Rizo, entre outros.

Setubal — Teatro de Bolso

Rua Dr. Aníbal da Silva, 9 — Tel. 29130

(Quintas a domingos, às 21.30)

«Boavida» e «O Diploma» de Pirandello, pelo Teatro Animação de Setúbal. Enc.: Carlos César. Int.: Gil António, João Victor, Maria Simões, Nuno Mello, Pompeu José, Rui Paulo, etc.

Teatro da Academia Almadense

R. Capitão Leitão, 64 — Tel. 275 21 75

6.ª e sábado, ás 21.30; domingo, às 16.00

«O FIM DA ENFERMEIRA JOÃO», de Frank Marcus. Pela Companhia de Teatro de Almada. Encenação de Artur Ramos.

TEATRO ABERTO

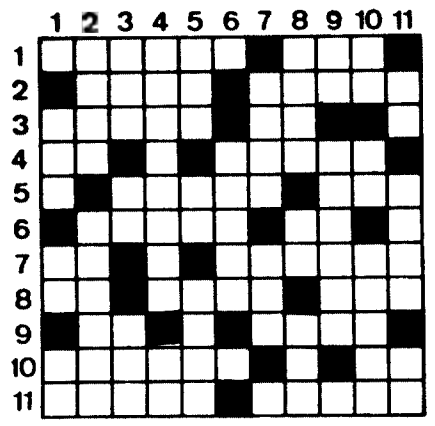
P. de Espanha — Tel. 77 09 69

5.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«A SEGUNDA VIDA DE FRANCISCO DE ASSIS», de José Saramago. Cenário e encenação de Norberto Barroca. Figurinos de José Costa Reis. Música de Paulino Garcia. (Com o apoio do «Diário de Lisboa»)

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 17071



HORIZONTAIS:

1 Aquele que trabalha em louça de barro. Pronome relativo.
2 Elevação da voz ou do tom. Tocas.
3 Amuletos. Interjeição brasileira.
4 Carta de jogar. Patrona da ilha de Malta.
5 Outeiro. Artéria.
6 Saltar. Sódio (s.q.).
7 Interjeição que exprime admiração. Arreda!
8 Manganés (s.q.). Serra de Portugal. Tanto.
9 Idem. unam.
10 Acudo. Post scriptum.
11 Alcorão Irmão de Moisés.

VERTICAIS:

1 Executa. Artigo indefinido. Antes de Cristo.
2 O mesmo que pnol. Vaso de noite.
3 Unidade de trabalho. Cobre (s.q.). Mágoa.
4 Diz-se dos monstros duplos em que cada indivíduo está completamente desenvolvido e possui todos os órgãos necessários à vida. Batráquio.
5 Rente. Batráquio. Curo.
6 Cidade de França.
7 Sem tardança. Executa. Artigo definido.
8 Espécie de inambu. Em a. Ovário dos peixes.
9 Pátria de Abraão. Velhaco (pop.).
10 Duas vogais desiguais. Ouro (s.q.). Prensa do penteeiro.
11 Samário (s.q.). Homem de baixa estatura. Solitário.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **17070**

HORIZONTAIS:

1 CORAÇÃO. Dar.
2 Arica. Anata.
3 Pó. Osa. Amen.
4 Fr. Oaio.
5 Amargor.
6 Abé. Lumiar.
7 Fi. NS. Men.
8 Rastejaram.
9 Ásia. Irene.
10 Avia. Cela.
11 Oiras. Se. Ou.

VERTICAIS:

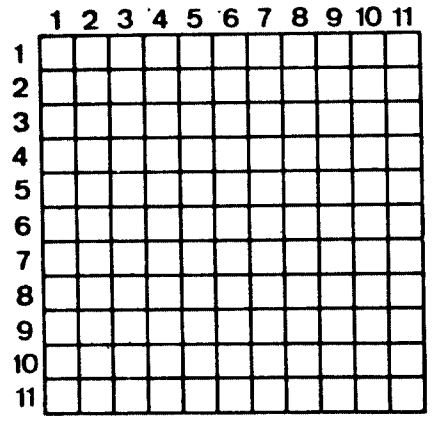
1 Capsa. FRACO.
2 Oro. Maias.
3 Ri. FAB. Siar.
4 Acorrentava.
5 Cãs. Se. Si.
6 Atol. Jia.
7 Ao. Rumar.
8 NÃO. MERECE.
9 DAMA. Inane.
10 Ateima. Melo.
11 Ramo. Rh. Au.

PROVÉRbIO: Coração fraco não merece dama.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 15897

HORIZONTAIS:

1 Aldeia da Judeia, perto de Jerusalém, onde Jesus Cristo apareceu, pela primeira vez, aos seus discípulos, depois da Ressurreição. Deusa das flores e dos jardins.
2 Varredor de rua (Bras.). Branqueia com cal.
3 Capim rasteiro. Dança.
4 Duas vogais desiguais. Fuga.
5 Senhora. Autores. Nome de letra.
6 Bário (s.q.). Filho de Loth, irmão de Moab. Rio de França.
7 ntes do meio-dia. Moderno. Sufixo que designa estado. Átomo.
8 Fluido aeriforme. Apelido. O mesmo que ainda.
9 Nota musical. Viração.
10 Preposição. Madres. Emprega.
11 Mata.



VERTICAIS:

1 Doente. Capital do Iraque ou Mesopotâmia, na margem do Tigre.
2 Cidade da Índia, na costa do Malabar. Gosta muito de. Pertences.
3 Cidade de França. Senhor.
4 Deram uivos. Ave pernalta.
5 Patrões. Campeão.
6 Prendas.
7 Ilha do Estado da Baía. Nota musical.
8 Ligara. Esteiro.
9 Rio dos Estados Unidos. O mesmo que uma (ant. e pop.).
10 Remoque.
11 Criaras ao peito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º **15896**

HORIZONTAIS:

1 Sugar. Abadã.
2 Agá. Cru.
3 Ar. Minhotos.
4 Rã. In. Ecara.
5 SS. Marés.
6 Baasa. Cr.
7 Ar. Aí.
8 Sol. Caa.
9 Tremente. Rã.
10 AC. Testar.
11 Ro. Anos. Usa.

VERTICAIS:

1 Suar. Bastar.
2 Rasa. Orço.
3 Ga. Saale.
4 Agmi. Sr. Mua.
5 Rainha. Ce.
6 Santo.
7 Achém. Ates.
8 Brocara. És.
9 Autarcia. Tu.
10 Ore. Ras.
11 Assassinara.

Radio

ANTENA UM

16.00 — «Pequeno Jornal», «Rocklândia»; **17.00** – «Campanha Eleitoral» – Parlamento Europeu; **18.00** – «Campanha Eleitoral» – Assembleia da República; **19.00** – «Informação e música»; **20.00** – «No estúdio e no estádio» (Informação Desportiva - 2.ª Edição); **20.15** – «Música portuguesa»; **20.30** – «A voz da solidariedade» (Programa da Embaixada de Cabo Verde); **21.00** – «Imaginário»; **22.00** – «Campanha Eleitoral», Parlamento Europeu; **22.30** – «Campanha Eleitoral» – Assembleia da República; **23.00** – «Imaginário»; **23.30** – Títulos do «Jornal da meia-noite», notociários de hora a hora.

REDE NACIONAL (FM 2 ESTÉREO)

15.30 – Compositores portugueses — Francisco António de Almeida – 1.º Acto de La Spinalba; **16.30** – Álbum musical – Polka e Valsas de Johann Strauss; **17.00** – A voz dos instrumentos; **17.25** – Concerto de câmara – Quarteto n.º 1 em fá maior opus 18 n.º 1 de Beethoven, Sonata n.º 2 em lá maior opus 100 de Brahms; **18.19** – Duas árias de Mozart; **18.40** – Solos de piano de Robert Nathaniel Dett, ao piano Natalle Hinderas; **19.00** – Integrais – os bailados de Strawinsky; **19.27** – Música variada – Concerto grosso opus 6 n.º 5 em ré maior de Haendell, Sonata de Aaron Copland, Quinteto n.º 4 em ré maior de Boccherini, Libertação e Hino ao Amor de Strauss; **20.40** – Obras para clarinete, de Rossini e Debussy; **21.00** – Ciência e Tecnologia... a procura sem fim; **21.30** – Música de bailado – O Chapéu de Três Bicos de Manuel de Falla; **22,00** – As palavras dos músicos; **22.30** – Grandes interpretes – Sonata em lá menor – Arpegione de Schubert, **23.00** – Intercâmbio musical – 3.ª Semana de Música Barroca do Mónaco – gravações cedidas pela Rádio França. Colaboram: Sopranos: Isabelle Poulenard e Jill Feldman; Violinistas: Monica Huggett e Pavlo Beznosiuk; Viola de Gamba: Sarah Cunningham; Cravista: Davitt Moroney; **00.25** – Último andamento; **01.00** – Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397 m)

14.00 – Programa da tarde; **17.00** – Feira mágica; **20.00** – Peça que a gente passa; **22.00** – Portugal e a CEE; **22.15** – Religiosos; **22.30** – Tempo e resultados; **23.00** – 24.ª hora;

TELEVISÃO

RTP

18.01 - Sumário
18.06 - Brinca Brincando

«Fábulas da Floresta Verde»

18.50 - Par ou Ímpar
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa do Dia
20.05 - Boletim Meteorológico
20.45 - Dona Santa

1ª Episódio: Sílvio sai do quintal e atravessa apressado o corredor, enquanto os lamentos da sua sogra, Dona Santa, invadem toda a cena. Correndo atrás de Sílvio vêem-se os filhos Margaret e Sidney. As duas crianças agarram-se às pernas do pai, que grita descontroladamente pela mulher. Dilela ao ouvi-lo sai a correr pela casa com o rosto brilhando com creme e de rolos na cabeça. Dilela segura nas crianças e Sílvio, sempre a correr, sai pelo portão. Ele corre à procura do padre para dar a extrema-unção ao sogro, que está na agonia da morte. Acaba por morrer e aí começa a luta de Dona Santa que, acomodada até então à situação de mulher dependente, vê-se obrigada de um momento para o outro, para sobreviver, a ficar com o táxi do falecido marido — actividade que sempre garantiu o sustento da família.

21.35 - Campanha Eleitoral para o Parlamento Europeu
22.15 - O Detective

3ª Episódio: Apesar da dona do bordel, Mrs. Burton, se recusar a divulgar o paradeiro de Rosemary, Penfield consegue arranjar um encontro com ela e, fica a saber que Blankenall tem um sinal na anca.

Crocker decide enfrentar Blankenall, mas antes Penfield informa-o de que a sua unidade está a ser vigiada pela brigada especial.

Realizador: Don Leaver

23.10 - Notícias

RTP 2

15.00 - Agora, Escolha!
16.30 - Notícias
16.35 - Trinta Minutos Com...

Rodrigues Gomes

17.05 - Countdown
18.00 - Estádio
19.00 - Simon Show
19.55 - Modelo e Detective

2º Episódio: Uma investigação, à partida tida como extremamente fácil, leva Maddie Hayes e David Addison ao encontro de um perigoso assassino profissional...

Produção: Jay Daniel

21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Montra de Livros
21.35 - Sarilho com Elas

1º Episódio: Blanche tem um namorado com quem as suas três companheiras pensam que ela em breve casará. E tais suposições confirmam-se quando Blanche chega a casa alvoraçada com os planos de casamento. Mas no dia do enlace, à hora marcada para a cerimónia, é um polícia quem aparece em vez do noivo...

Intérpretes: Bea Arthur, Betty White, Rue Mccmanahan, Estelle Getty, Frank Aleter.

Realização: Jay Sandrich

O 3º episódio da série «O Detetive», no 1º canal às 22.15

22.05 - Cinema Dois

«Duelo na Ilha»: Anne e Clément estão casados há três anos. Filho de um industrial, Clément é introvertido e pertence a um grupo extremista cujo problema é «salvar o ocidente da decadência». Influênciada por Serge, Líder do grupo, Clément participa num atentado em Paris contra um deputado de esquerda. Mas são denunciados e têm de fugir. Anne, decide, acompanhá-lo na fuga para a Normandia.

Interpretes: Romy Schneider, Jean-Louis Trintignant e Henri Serre, entre outros.

Realizador: Alain Cavalier.

No 2º canal às 21.35, estreia de «O Sarilho com Elas»

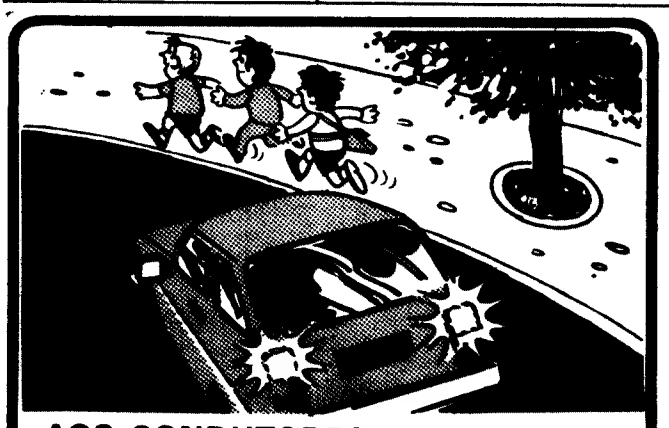
AMANHÃ

RTP-1

10.01 - Sumário
12.15 - Cambalacho
13.00 - Jornal da Tarde
13.30 - Concerto da GNR
15.00 - Matinée
17.00 - Brinca Brincando
17.30 - Sumário
17.35 - Estádio
18.50 - Par ou Ímpar
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia
20.05 - Boletim Meteorológico
20.10 - Campanha Eleitoral para a Assembleia da República
20.40 - Dona Santa
21.25 - Campanha Eleitoral para o Parlamento Europeu
22.00 - Lotação Esgotada
00.20 - Notícias

RTP-2

17.16 - Os Imigrantes
18.00 - Countdown
19.00 - Simon Show
20.00 - Modelo e Detective
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - Montra de Livros
21.35 - Sarilho com Elas
22.00 - Paródia
22.30 - O Som da Surpresa



AOS CONDUTORES

"Reduza sempre a velocidade ao avistar um grupo de crianças, porque estas vão normalmente distraídas e não dão atenção ao trânsito."

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

GRUNDIG seleccionou para si...

RTP1 — 22.00 - O Detective

RTP2 — 20.00 - Modelo e Detective

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.

PORTE PAGO

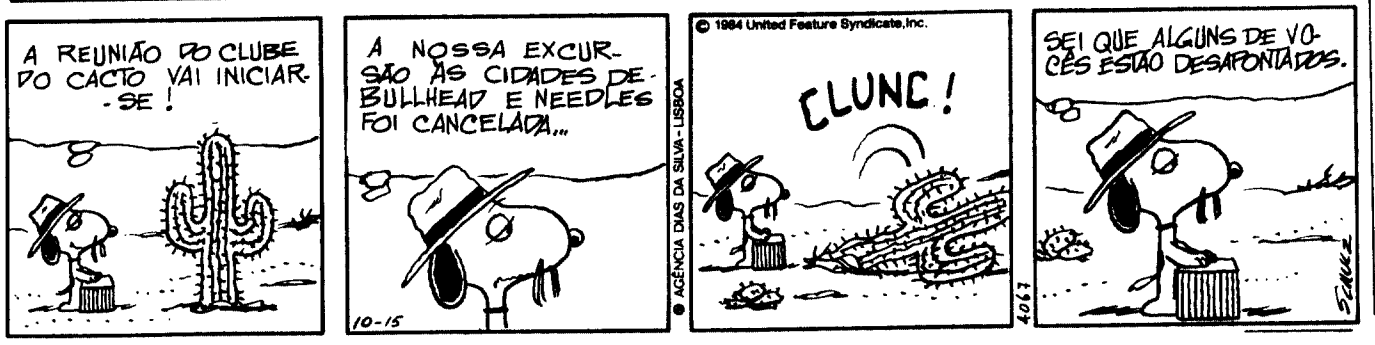
DL

Fundador **Joaquim Manso**

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRAFICA, SARL
Administração Redacção Publicidade e Serviços Tecnicos **RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA**
TELEFONES: 32 11 54 / 5 – 32 02 71 2 3 Publicidade 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21) Porteiro 32 11 54 Redacção 32 02 71 / 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição INTERPRESS Rua do Norte 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES 32 21 00 – 32 22 04 – 32 07 84
Preço do «DL» na Madeira 40$00

DEPÓSITO LEGAL: 1426/82

Director **A. Ruella Ramos** Director adjunto **Fernando Piteira Santos**



ÚLTIMA HORA

A primeira grande reforma da CEE, 30 anos depois de Tratado de Roma, entra amanhã em vigor numa altura em que a Comunidade se debate com uma das maiores crises de sempre. O Acto Único Europeu, que prevê o recurso a votações por maioria qualificada, em áreas onde até agora a unanimidade era exigida, e institucionaliza politicas comunitárias na prática já existentes, deveria ter entrado em vigor a 1 de Janeiro, mas as eleições na República Federal Alemã obrigaram ao adiamento.

Três bombeiros feridos em Campo de Ourique

Electrocutado no combate a incêndio no Areeiro

Nove barracas arderam ontem em Lisboa, sendo três na Rua do Arco do Carvalhão (Campo de Ourique), e seis na Quinta do Monte Cocho, ao Areeiro. Neste último incêndio um jovem de 23 anos, Jaime Fernandes, morador na zona, foi atingido com uma descarga eléctrica ao pisar um cabo caído durante o sinistro. Conduzido ao Hospital de S. José ficou ali internado.

No combate ao fogo no Arco do Carvalhão, provocado por uma lareira, ficaram feridos, ainda que sem gravidade, três bombeiros (Fernando Dias, José Amado e Fernando Leitão). O incêndio no Areeiro foi causado por um pequeno fogão a gás deixado aceso por uma criança.

GNR apreendeu em Maio 28 armas de fogo

A GNR afirma ter apreendido, durante o mês passado, 28 armas de fogo e recuperado uma espingarda de pressão de ar e uma pistola de alarme.

As armas apreendidas foram onze pistolas de calibre 6.35, uma pistola adaptada, dois revólveres P.22, uma pistola de calibre desconhecido e treze caçadeiras.

Genro alvejou a sogra com um tiro

Ontem cerca das 22 horas no sítio da Mãe de Deus, freguesia do Caniço, a 12 quilómetros a oeste do Funchal, Maria da Conceição de 65 anos, foi atingida a tiro pelo disparo efectuado por um seu genro.

A sinistrada foi conduzida ao Hospital Central do Funchal, onde depois de socorrida ficou internada em estado grave.

Duas crianças carbonizadas

Na sequência de um incêndio em modesta habitação situada na freguesia do Monte, periferia do Funchal, duas crianças morreram ontem carbonizadas.

Luísa Rubina de três anos e sua irmã Luísa Patrícia Fernandes de 9 anos estavam no interior da residência quando as chamas irromperam e aos seus gritos acorreram os familiares, que se encontravam no exterior, mas não conseguiram salvá-las.

Câmara do Barreiro corta acesso às Finanças

Os responsáveis pelo município do Barreiro vão impedir, na próxima quinta-feira, o acesso do público às instalações dos Serviços de Contribuição e Impostos, que funcionam naquela Câmara Municipal, como protesto contra a «teimosia do Governo em não adquirir instalações próprias», disse ao «DL» o presidente da edilidade barreirense.

Hélder Madeira adiantou que as instalaçãoes de Finanças funcionam no edifício da Câmara há já vários anos sem que a respectiva Secretaria de Estado pague o quer que seja por isso. «Tal situação — referiu — tempo trazido transtornos não apenas à Câmara Municipal como aos próprios serviços de Finanças e aos contribuintes que, como é evidente, não podem ser atendidos convenientemente.»

«Por tal motivo, e porque aqueles serviços ocupam nada menos de dois terços do rés-do-chão da Câmara, iniciámos há tempos negociações com os Serviços de Contribuições e Impostos no sentido de que se construísse um edifício próprio em terrenos arranjados por nós» — disse Hélder Madeira, que acrescentou:

«Inesperadamente o secretário de Estado decidiu agora que não deve ser construído um novo edifício para aqueles, o que nos leva a assumir a atitude que vamos tomar na quinta-feira.»

Hélder Madeira, que referiu que a Câmara não pode continuar a ser prejudicada, revelou que depois de quinta-feira se a Secretaria de Estado insistir na posição que assumiu, «terão que ser encaradas novas formas de luta».

Os Serviços de Contribuição e Impostos a funcionar na Câmara do Barreiro servem os contribuintes de cinco freguesias.

DECARAS

PAUL XAVIER KELLEY, antigo comadante do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos, defendeu que as mães que trabalham e enviam os seus filhos para creches, em vez de ficarem em casa a tomar conta delas, estão a enfraquecer a fibra moral do país. Kelley, que respondia a jornalistas sobre a quebra de moral entre os fuzileiros, defendeu a necessidade das orações nas escolas e a formação de um grupo nacional encarregado de defender «a fibra da nação». Os jornalistas haviam confrontado Kelley com o envolvimento de Oliver North no escândalo Irangate e de três fuzileiros num caso de espionagem na embaixada americana em Moscovo.

ERICH HONECKER, líder do Partido Comunista da República Democrática da Alemanha, recebeu dois invulgares presentes: um casaco de cabedal e uma corneta enviadas por um músico «rock» da Alemanha Federal. O jornal leste–alemão «Jung Welt» reproduz a resposta de Honecker a Udo Lindenberg na qual o líder comunista diz ver na «música rock um símbolo de um mundo sem guerra, sem miséria, sem anti–comunismo e neo–fascismo». Esta troca de correspondência apareceu duas semanas depois de violentos confrontos entre a policia e jovens que se tinham aglomerado junto ao muro de Berlim, do lado oriental, para ouvirem um concerto que decorria na parte ocidental da cidade.

MANUELA MOURA GUEDES ganhou o processo contra o director do jornal do Sporting, Xara Brasil, e o jornalista Inácio Teigão, por crime de difamação. O processo dizia respeito à reacção daquele jornal à reportagem da RTP sobre o terrenos de Alvalade e a construção do Metro. Inácio Teigão foi condenado no cúmulo jurídico de 120 dias de prisão remíveis a 180 de multa e Xara Brasil a 60 dias de prisão, remíveis a 100 dias de multa, além do pagamento de uma indemnização de 100 contos à ofendida.

FAUSTO estará no próximo dia 5 na Galiza para, na cidade de Vigo, encerrar o IV festival Inter–Céltico. Neste festival actuam ainda o grupo galego «Milla de Ouro» e a banda bretã «Gwendal». Fausto gravará na altura um espectáculo para a televisão galega independente.

FERDINANDO MARCOS, o deposto presidente das Filipinas, acaba de justificar a enorme fortuna que acumulou durante os anos da ditadura: todo o seu dinheiro resultou da descoberta de um tesouro lendário, enterrado nas Filipinas por soldados japoneses durante a II Guerra Mundial. Esta «revelação» de Ferdinando Marcos seguiu–se a declarações da sua mulher à revista «Playboy» nas quais descrevia a sua acção e do seu marido como equivalendo à de «deuses em missão divina».

KURT WALDHEIM, repetidamente acusado de ter um passado nazi, não tenciona demitir–se e cumprirá os cinco anos do seu mandato. Esta decisão está expressa num comunicado da Presidência da República da Áustria, emitido em resposta a uma solicitação do Partido Socialista, representado no Governo de Viena, para que Waldheim se demitisse. O presidente austríaco, recebido a semana passada pelo Papa, vai agora visitar a Jordânia, tendo prevista para a próxima semana uma audiência com o primeiro–ministro soviético, Nicolai Rysekov.

Setúbal

Primeira fase do Plano Integrado concluída até ao fim do ano

A primeira fase do Plano Integrado para o Desenvolvimento do Disttrito de Setúbal, orçada em dezessete mil contos, estará concluída até ao final do ano, revelou ao «DL» Hélder Madeira, presidente da Associação dos Municípios de Setúbal responsável pelo projecto.

Hélder Madeira disse que no dia oito a Associação de Municípios vai apresentar às câmaras e assembleias municipais do distrito o trabalho até agora realizado.

Recorde-se que o projecto do Plano Integrado para o Desenvolvimento do Distrito de Setúbal fora apresentado aos órgãos de Comunicação Social no princípio deste ano, tendo então sido afirmado que estaria totalmente concluído no fim de 1989.

VISITE A URSS EM 1987

Com a colaboração de АЭРОФЛОТ

CIDADES DOURADAS
De 4 a 13 de Agosto, visitando:
Moscovo – Suzdal – Vladimir – Yaroslavl
REPÚBLICAS DO CÁUCASO
De 14 a 27 de Agosto, visitando:
Moscovo – Baku – Erevan – Tbilissi – Krasnodar
GRANDE CIRCUITO EUROPEU
De 18 a 27 de Agosto, visitando:
Moscovo – Leninegrado – Kiev – Kharkov
EXTREMO ORIENTE, SIBÉRIA E ÁSIA CENTRAL
De 18 a 31 de Agosto, visitando:
Moscovo – khabarousk – Irkuisk – Tachkent – Ashakabad
CIDADES HERÓICAS
De 18 a 31 de Agosto, visitando:
Moscovo – Leninegrado – Kiev – Volvograd
Hotéis seleccionados
Descontos para minigrupos

Informações e Inscrições no Departamento de Turismo da
ASSOCIAÇÃO PORTUGAL URSS
Rua de S Caetano N 30 1200 Lisboa
Tels 601199 - 601099

MUNDIRAMA VIAGENS E TURISMO LDA
Operador Turist alv n 12
R Crucifixo 33 1100 Lisboa
Estab 1948 Telefs 360302 328856

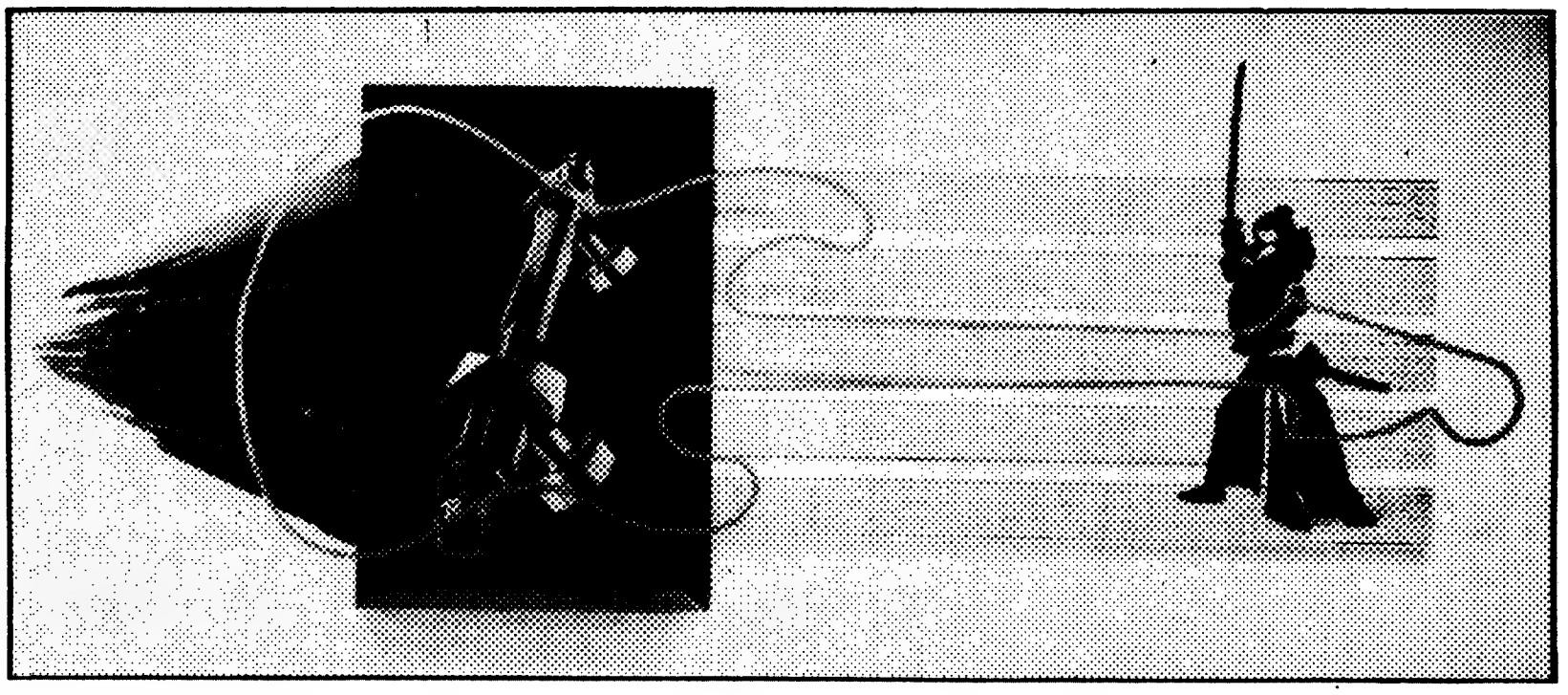
SETE PONTO SETE

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS TERÇAS-FEIRAS. NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. RESPONSÁVEL EDITORIAL: JOÃO MENDES: CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72. TELEX 12363.

Oitava Documenta de Kassel

De pé sobre o impasse

Criada em 1955, a Documenta de Kassel tornou-se na mais prestigiada das manifestações artísticas contemporâneas, e dela esperam-se a cada edição novas revelações. Está a de 1987 à altura da sua reputação?



Robert Longo, «Samurai Overdrive» (9 metros de comprimento)

QUE uma edição da Bienal de Veneza deixe a desejar, o que acontece amiúde, não é dramático, porque à margem dela está a cidade. Mas que a Documenta de Kassel falhe, e tudo se estrague, porque Kassel, no Hesse, quase na fronteira com a RDA, fica longe e fora de mão, por mais que os panfletos turísticos digam o contrário. A cidade não proporciona imensas alegrias culturais, para além dos seus Rembrandts do castelo de Wilhelmhohe. Ora, esta oitava edição da Documental falhou de facto, apesar das boas intenções expressas e apesar da tentativa de relançamento do «bom e velho» debate em torno da função social da arte, que ela tentou ir buscar à arca onde ele dormia há anos. Que cansaço! Poucas obras fiáveis, muitas obras menores e sem convicções, grande falta de rigor na escolha: quem tem vontade de sugerir aos amigos que passem, este Verão, por lá?

E no entanto a Documenta era aguardada, senão com impaciência, pelo menos com curiosidade, perguntando a que fogo iria ela aquecer-se desta feita, para ficar à altura da sua fama de «Meca da Arte Contemporânea».

Através das declarações do seu director, Manfred Schneckenburger, sabia-se já que ela não tentaria o balanço das novidades importantes surgidas desde a sua última edição. E também que ela não seria teórica nem temática, embora pretendesse «pôr em perspectiva» as novas relações que os artistas mantêm com o espaço social — o que a tornaria bem diversa da Documenta 7. Bem diferente foi-o. A tal ponto, que parece ter sido concebida mais contra ela do que para ter em consideração a arte de hoje.

E há também o problema da grande máquina-exposição que, condicionada por todos os lados, já não pode desempenhar, como até há pouco tempo, o seu papel de primeiro informador em matéria de novidades, do mesmo modo que já não consegue cobrir todo o campo doravante «explodido» da criação. De facto, ela começou a virar-se para si própria, e para tentar continuar a ser **acontecimento,** inventou encenações espectaculares (como a de 1982, diabolicamente wagneriana), ou «mises en perspective» como agora, mas sem grande espectáculo.

A Documenta 7, sob a responsabilidade de Rudi Fuchs, antigo director do museu de Eindhoven, celebrava a pintura, e acima de tudo a pintura neo-expressionista alemã, falando da arte com A grande e pondo-a sobre um pedestal, para logo a seguir a mandar directamente para o museu ou para o mercado. Era aborrecido, injusto e preconceituoso, mas apesar disso o certame confortava a imagem de uma criação, embrulhada sem dúvida, mas rica e produtiva.

A Documenta de Manfred Schneckenburger não conforta, verdadeiramente, nenhuma imagem desta natureza, bem pelo contrário. Por um lado, rejeita os extravertidos do pincel e as histórias pessoais. Por outro lado tacteia, derrapa, procura uma saída intermediária entre o museu e o mercado, muito mais honestamente: liberta a arte, admite o vídeo, as instalações e as performances no seu programa, bem como o design, a arquitectura e o som. E manda a escultura para o espaço urbano. O resultado disto tudo é um pouco triste, desencantado. Como se a arte estivesse em pleno impasse, o que talvez até nem seja falso de todo. Mas em todo o caso...

Obras que soam a oco

Tanto pior para a pintura, de que apenas sobram alguns vestígios no Fridericianum, o austero museu do século XVIII onde continua a albergar-se a exposição central. Ali ela é tomada, e de que maneira, sob o signo da ênfase, entre, por exemplo, um Bob Morris cujas tempestades nucleares em pastel engendram ossos calcinados no lugar do enquadramento massivo dos quadros explodidos, e Robert Longo, que usa os meios mais «toc» para responder à agressão pela agressão, e põe imagens de máquinas de morte, tecnologicamente muito conseguidas, e plasticamente muito semelhantes a painéis publicitários, em face e zombis em bronze que fazem pensar na homenagem de César a Picasso, revista e corrigida depois da passagem por Avoriaz.

Kiefer, na sua sala, tem maneiras bem mais nobres. E Richter também, nos seus relâmpagos de luz que cega, ou Fischl, um pintor que pinta bem cenas da vida corrente, à americana, e em cujas obras a psicanálise e a escova de dentes se dão bem.

De resto, quer dizer, na maioria do que resta — instalações, fotografias, vídeos e esculturas balançando entre a recuperação de detritos numa óptica neo -novo - realismo (Baquié), o enlatamento, a sarcofagação e as construções mentais maximalistas, é-se seguramente interpelado por mensagens urgentes, por destruições iminentes por todos os meios, mas entre obras que frequentemente soam a oco ou a falso, e que no entanto ocupam os melhores lugares. A começar pela caravana com rodas de betão de Collyer e pelos tonéis de Ecker. De modo que nos sentimos tentados a seguir para o mar alto, depois de termossaudado alguns antigos: Beuys, cujo espectro paira sobre toda a Documenta, e o outro Richter, o dos crânios alinhados sob um sol implacável — bons massem surpresa. Como sem surpresa ficamos ao ver a quantidade de prestações de artistas desconhecidos ou pouco conhecidos, e que no entanto é bom ver sairem da sombra.

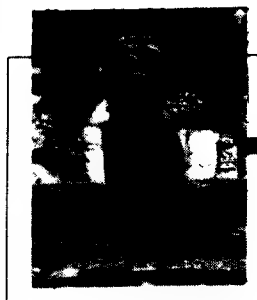
«Designers» enlouquecidos

Na Orangerie, edifício mais amável, nos bordos do parque Aue, sobre a Fulda, a situação não é melhor; para lá foram mandados, em face-a-face, «designers», arquitectos e plásticos. Plásticos com um pé no «design», por vezes capazes de brincadeiras de mau gosto como a que consiste em expor o último modelo da Mercedes numa placa giratória (Leccia) ou em acumular quantidades enormes de rolos de tapetes (Liz Major). «Designers» enlouquecidos, mais elitistas do que o último dos plásticos, em júbilo e que festejam a sua liberdade individual reencontrada à custa do pós-modernismo, e que misturam estilos, citações do passado e alta tecnicidade. Do seu trabalho sobressaem por vezes engraçadas propostas como as de Sotssas, apimentadas de exotismo. Arquitectos, enfim, e não dos mais pequenos (como, aliás, «designers») que, de Isozaki a Hollein, foram, enquanto autores de museus, convidados a apresentarem as suas ideias sobre o museu ideal, e tendo como única limitação o pensarem em função de 25 metros quadrados, espaço que eles se entreviveram a perfurar com buracos de *voyeur* e a «ampliar» com jogos de espelhos sem, talvez, se darem conta de que estavam a abrir portas abertas pelos conceptuais, há já bastante tempo.

Terceira e quarta etapas da Documenta: as esculturas no parque e na cidade. Uma vintena, incluindo bons trabalhos (Serra, Ruckriem, Karavan...) e algumas descobertas, como tendas de tela hipersofisticadas de Brumack que, de um lado e de outro do grande relvado, mistura com *finesse* madeiras exóticas, mármores, cimentos, traves e cabos o mais *performantes* que se pode imaginar, para abrigos contra o sol ou a chuva aos quais não falta charme; e há ainda o ninho de pranchas que o japonês Kawamata foi desencantar num prédio arruinado por trás do Fridericianum. Perto da mais feia das praças, que é também a praça mais atafulhada de mobiliário urbano do centro da cidade, Trakas instalou uma enorme construção em madeira bruta com pontes, *passarelles* e traves que deveriam levar os habitantes de Kassel a interrogar-se sobre a qualidade do seu ambiente. A ideia é simpática, mas também faz pensar que esta Documenta tem, inegavelmente, algo de provinciano.

Geneviève Breerette

A Documenta 8, de Kassel, está aberta até 20 de Setembro. O catálogo custa 90 marcos.



Monstros XXVII

Chaké Matossian

A mulher-monstro de cultura ou monstro primitivo?

QUANDO Ferenczi aparenta o tique a um comportamento de defesa muito primitivo contra o mundo exterior, percepcionado como ameaçador, instaura ao mesmo tempo uma diferença de *culturação* ou de «culturabilidade» entre o homem e a mulher — diferença que não deixa de fazer lembrar a instalação da *historialidade* em Rousseau.

Para Ferenczi, o tique reenvia a um modo de adaptação autoplástica em que o indivíduo, numa situação por si julgada perigosa, modifica o seu próprio corpo em vez de tentar mudar o que o rodeia. Pelo contrário, este último comportamento, classificado de «algo-plástico», equivale a um primeiro passo no sentido do progresso, visto que transforma o mundo.

É a partir dessa distinção que nos encontramos confrontados com uma contradição na obra de Ferenczi, contradição que se liga, não apenas ao problema da origem da diferenciação sexual, mas igualmente à origem daquilo que poderíamos chamar a «sociedade» ou a civilização. Para entendermos esta contradição, devemos reportar-nos ao mais famoso dos textos de Ferenczi, a esse delírio psicanalítico intitulado *Thalassa* em que o psicanalista tenta demonstrar que o ser vivo procura a humidade num oceano originário que não é, ao contrário do que se julga, o mar que simboliza a mãe, mas sim a mãe propriamente dita, símbolo do oceano perdido.

A vida terrestre surge portanto como o resultado de uma *seca* vivida de modo muito traumatizante e que provoca uma luta terrível entre os indivíduos que procuram no outro a humidade perdida: «foi depois da catástrofe da seca, quando pela primeira vez o animal teve de se preocupar com a substituição da vida aquática perdida, que também se manifestou pela primeira vez a tendência para querer penetrar no corpo de outro animal, quer dizer, a tendência para o acoplamento com outro» (1).

O acoplamento aparece,portanto, de início, como uma luta violenta (não é sem razão que a cena primitiva releva do traumatismo) entre indivíduos *morfologicamente semelhantes* embora de força desigual. Deste combate nascerá a distinção sexual, deixando aos vencedores o mesmo aspecto e o sexo masculino, e aos vencidos uma ferida e o sexo feminino, a cloaca: «Primitivamente, era porventura a luta de todos contra todos; mas finalmente o macho, mais forte (constituído desde o princípio para desempenhar esse papel, como tentarei explicar mais tarde), conseguiu penetrar a cloaca do adversário e até a furar nele um canal para servir o acoplamento; a fêmea adaptou-se, em seguida, a essa situação, com o seu próprio organismo» (1). O «mais tarde» a que se refere Ferenczi permite-nos entrever a contradição anunciada. Com efeito, o autor insiste na fase da luta originária entre os seres marcados por uma igualdade morfológica: «os dois sexos sentiram provavelmente despertar neles a tendência para encontrarem abrigo para as células germinais no interior de um organismo que assegurasse alimento e humidade, à guisa de substituto para a perda do modo de vida marinho; uma nostalgia para partilhar com as células germinais esse estado de felicidade dominou-os, pelo menos no plano simbólico e alucinatório. Assim, ambos desenvolveram um aparelho sexual macho, e nasceu provavelmente um furioso combate, cujo desfecho decidiria a qual dos sexos incombiria o sofrimento e os deveres da maternidade, bem como o papel passivo na genitalidade» (1).

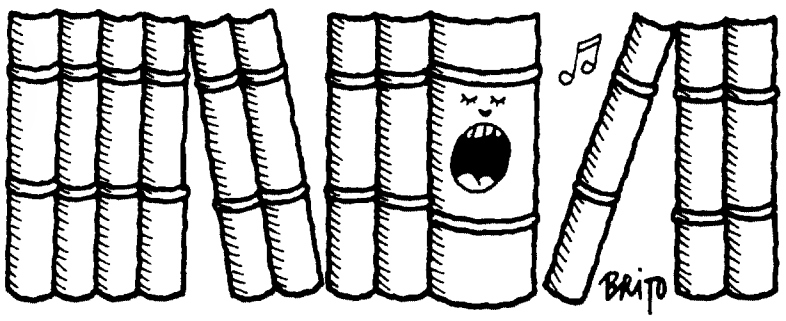
Ferenczi chama portanto a si, não apenas toda a tradição falocrática que se pretendia científica pelo menos desde Aristóteles, ao querer justificar biologicamente (para não dizermos cosmologicamente) a «inferioridade» da mulher, a sua fraqueza, mas, sobretudo, ele paga o seu tributo àquela ideia antiga que faz da mulher um homem «para dentro». Na sequência da luta entre os indivíduos, *todos* de sexo masculino, uns fortes e outros fracos, parece que os fracos se transformam em fêmeas porque os fortes, devido à sua brutalidade, furaram uma cloaca, quer dizer, conseguiram transpor, para o interior do corpo do adversário, o que estava fora dele, invertendo-o (como se inverte, por exemplo, uma manga de camisola).

Ora, vemos que em 1573, um Ambroise Paré explicava as transformações «monstruosas» de mulheres em homens (e a impossibilidade de metamorfose do homem em mulher) pelo facto de as mulheres conterem também o que os homens exibem, sob a forma de um sexo interiorizado que o calor pode, de súbito, extirpar do seu antro: «a razão porque as mulheres podem degenerar em homens, é que as mulheres têm tanto de escondido dentro dos seus corpos quanto os homens exibem fora deles; acontece apenas que elas não têm nem calor nem suficiência bastantes para empurrar para fora o que, pela frialdade do seu temperamento, é mantido como ligado ao interior» (2).

Notas:

(1) Sandor Ferenczi, *Thalassa*, Paris, Payot.

(2) Ambroise Paré, *Des monstres e des prodiges*, cap. VII



A renovação do Museu do Homem, em Paris

Um paraíso que se perde?

Instalado num edifício construído para a Exposição Universal de 1937, o Museu do Homem era, quando um ano mais tarde se inaugurou, um modelo de museografia e a vitrina de uma etnologia francesa florescente. Ele precisa hoje de uma renovação completa.

SE o primeiro-ministro for um familiar do Museu do Homem, terá, sem dúvida, ficado surpreendido ao inaugurar o seu novo «hall» — de 400 metros quadrados — completamente renovado.

Os serviços indispensáveis, livraria, vestiário, informação, foram metidos nas paredes, nos quatro cantos do «hall». As suas entradas são marcadas por pórticos cujo elemento superior, em vidro baço, difunde uma luz semelhante à do dia. Para aumentar essa espécie de varandas, os arquitectos Philippe Noir e Christine de Vichet utilizaram certos volumes «mortos» que pontuam misteriosamente o edifício. Construído rapidamente para a Exposição Universal de 1937 por Carlu, Boileau e Azéma e, sobretudo, tratado como um cenário, o seu arranjo interior foi negligenciado. Assim, subsistem aqui e além espaços não tratados. Imagens projectadas num ecrã colocado entre as duas grandes escadarias devem dar aos curiosos uma ideia das colecções que lá em cima os esperam.

Infelizmente lá em cima ainda nada foi mudado. As salas mostram fielmente a museografia dos anos 30.

As vitrinas metálicas, cinzentas, sucedem-se, alinhadas ao longo de galerias intermináveis. Inscrições desusadas continuam a referir a existência de um Sudão Ocidental ou de uma costa francesa dos Somalis. Os guardas estão ainda mais adormecidos do que em qualquer outro lado e os roubos fazem parte da crónica do Museu. Há algum tempo, na secção americana, uma raríssima pele de bisonte pintada, de dois metros por dois, dádiva de uma nação índia a Luís XVI, foi retirada de uma parede. Nunca mais ninguém a viu. Mais recentemente, jóias de ouro desapareceram de uma vitrina. Sem arrombamento. Só várias semanas depois foi assinalado o desaparecimento. Os furtos também são frequentes nas arrecadações. Um coleccionador americano comunicou um dia a próxima venda, em Nova Iorque, de um objecto que fazia parte das colecções do Museu. A peça fora roubada havia já vários anos, sem que ninguém desse por isso.

Mas o contrário seria de espantar. O edifício do Museu é um dédalo onde o mínimo espaço é ocupado de um modo selvagem, por uma das trezentas pessoas que ali trabalham. As colecções acumulam-se onde é possível e os armários não chegam para as conter. O escritório do cineasta Jean Rouch tem algo de um abrigo pré-histórico: um pequeno espaço, sem janela, que ele partilha com a secretária, e a documentação não cabe nas estantes improvisadas. A sala de projecção merece ser visitada. As cadeiras foram feitas por alguém que, ao que parece, ignora totalmente a marcenaria. E a sonorização da sala é fornecida por caixas de ovos coladas no tecto. Uma montadora trabalha corajosamente debaixo de uma escada onde se acumulam dezenas de bobines de filmes. Para grande desespero dos serviços de segurança, que ameaçam regularmente fechar aquilo.

A Educação Nacional, o ministério da tutela, não dão praticamente nada ao Museu. O seu orçamento, para poder funcionar (e dois terços dele é devorado pelas despesas de aquecimento), é alimentado pelas entradas: 350 000 por ano. *«Devia haver mais de um milhão»*, exclama Henry de Lumley, director do Laboratório de Pré-História e coordenador dos serviços. Há vários anos que ele tem um ambicioso plano de renovação do Museu. Calcula em 200 milhões de francos o montante dos trabalhos necessários. *«Não é nada comparado com Orsay, que custou um bilião e trezentos milhões, e três vezes nada comparado com a Cité des Sciences»*, explica ele. Em 1986, *a Mission des Quatre Musées* (1) permitiu-lhe programar a reconstrução do «hall» do Museu — 3,6 milhões de francos.

As peças mais notáveis de cada departamento serão aí temporariamente expostas. Para mostrar que se trata de um «hrs d'oevre», Henry de Lumly gostaria de abrir ao público, em Outubro de 1988, uma nova galeria, introdução ao conjunto do Museu. O homem seria aí definido graças a todas as disciplinas representadas na casa: da paleontologia à etnologia. Três salas de exposições temporárias deveriam estar prontas e a sala de cinema totalmente refeita. Mezaninos acolheriam por fim vários serviços públicos e técnicos, hoje asfixiados. Estes trabalhos, que levariam dois anos, são calculados em 50 milhões de francos.

O preço da sequência das operações não está calculado com exactidão, mas o programa ainda é mais ambicioso. No seu conjunto, as galerias dvem ser renovadas. Os tectos mais baixos e a recuperação dos famosos «vazios» fariam ganhar uns 6000 metros quadrados. Não é o bastante, acha Henry de Lumley. Então é preciso escavar. Deve poder conseguir-se 20 000 metros quadrados de arrecadações sob os jardins do Trocadero, e uma sala de conferências de 600 lugares sob o parque automóvel. No último andar poderá instalar-se um restaurante onde se chegará por um elevador rápido. E as dezenas de milhares de basbaques que forem lá acima admirar o panorama, serão obrigados a atravessar as salas do Museu, para poderem sair. E é de esperar que muitos deles se demorem, fascinados pela magia dos dioramas animados e musicais que apresentarão, com muito vídeo, todas as culturas do mundo.

E quando se censura a Henry de Lumley as suas concepções museográficas demasiado espectaculares, ele apontanos Paul Rivet, o ilustre fundador do Museu.

Paul Rivet que, em 1948, escrevia: *«Animar as coisas mortas, esvaziadas do conteúdo emocional que a vida comunicava, é a tarefa mais delicada e árdua que cabe a um conservador. Ele pode aí chegar através das notícias claras, atraentes, redigidas sem pedantismo, da linguagem simples, das fotografias, dos aparelhos de vistas estereoscópicas, do meio muito dispendioso de dioramas, das audições musicais apropriadas e, finalmente, do cinema»*. O sonho de Paul Rivet é hoje realizável. *«Podemos fazer aqui um grande museu audiovisual das ciências do homem»*, afirma Henry de Lumley.

Mas não faltam os obstáculos. O primeiro é evidentemente financeiro. A Rua de Rivoli já tem atravessados na garganta os «grandes trabalhos eliseos». Quando se lhe fala de museu o grande argentário perde a cabeça. Mesmo que lhe mostrem que se trata, aqui, de pura pedagogia. Depois, a estrutura do estabelecimento pode complicar a boa marcha do projecto. A direcção do Museu do Homem é tricéfala. Há três cadeiras, três laboratórios para a direcção dos quais são nomeados três professores que têm de velar sobre as colecções do seu departamento. Por vezes, os violinos desses dignos cientistas desafinam. E a dissonância pode mesmo degenerar em conflito. Uma guerrilha larvar que envenenou o início da década e levou a direcção do Museu a nomear Henry de Lumley «coordenador das partes comuns». Mas as colecções têm algo a ver com as partes comuns? Já a concepção da nova galeria é contestada. Chegarão a ficar de acordo sobre uma concepção geral do Museu? O aspecto estético dos objectos será valorizado ou continuará a ser negado como o quer a tradição da etnologia francesa? Será mantido o actual formato das salas? Perguntas que deverão ter respostas únicas para que o ambicioso programa de Henry de Lumley possa ver o dia. Ele é, sem dúvida, discutível nalguns pontos. Mas tem a vantagem da existência e da coerência.

É hoje o único que ousa libertar uma instituição só com meio século de idade do seu sudário de poeira.

Emmanuel De Roux

1) A Missão dos Quatro Museus é encarregada da renovação de quatro estabelecimentos cuja tutela está confiada ao Ministério da Educação Nacional. Trata-se do Museu Nacional de História Natural, do Museu do Homem, do Palácio da Descoberta e do Museu Nacional das Técnicas

O hall renovado

Do Jardim do Rei ao Trocadéro

O Museu do Homem festeja este ano o seu meio século de existência oficial. A sua certidão de nascimento, na realidade muito mais antiga, atribui-lhe uma idade respeitável: trezentos e cinquenta e dois anos.

O Museu do Homem, criado em 1937, instalou-se um ano depois no — local incómodo — palácio de Chaillot. mas ele é, na verdade, muito mais antigo do que o faz supor a sua data oficial de nascimento: ele vem em linha recta do jardim real das plantas medicinais (actualmente o jardim botânico), organizado em 1635 por um édito de Luís XIII, para aclimatar plantas úteis à saúde, mas também para dispensar, fora da universidade, um ensino menos teórico e mais especializado do que o que então era dado na Sorbonne.

Um dos primeiros «demonstradores e operadores das operações farmacêuticas» — é o título — nomeado para o jardim real, foi Marin Cureau de La Chambre, doutor em medicina pela faculdade de Montpellier. Só depois de alguns meses Cureau de La Chambre seria encarregado, por ordem real, de fazer *«a demonstração ocular e manual de todas as operações de cirurgia, de toda e qualquer natureza»*. (1) O senhor demonstrador ainda fazia Antropologia dois séculos antes de o termo surgir na língua francesa: no seu trabalho *Les Caractères des Passions*, uma ilustração representa um sábio muito velho medindo um busto junto a uma prateleira onde se encontram outros bustos de diferentes tipos humanos...

Desde os seus inícios, o ensino dispensado no jardim real também se centrou na anatomia humana. Mas foi só em 1718 que o título de «demonstrador» foi substituído pelo de «professor de Anatomia e Cirurgia». De resto, é preciso notar que, durante três séculos, todos os sucessores de Cureau de La Chambre foram médicos muito reputados em Anatomia e que as suas aulas atraíam um público numeroso — francês e estrangeiro, formado por médicos ou senhoras da sociedade —, fazendo assim concorrência à Faculdade de Medicina de Paris.

Professor desde 1777 até à sua morte, em 1832, com a idade de noventa anos, Antoine Portal participou na transformação, em 1793, do jardim real em Museu Nacional de História Natural e à cadeira de Anatomia e de Cirurgia em cadeira de Anatomia Humana. Ao mesmo tempo, Bernard de Lacépède, que era titular da cadeira de Herpetologia (a ciência das serpentes) fazia, em 1800 e 1801, um curso sobre a história natural do homem. O que em 1833permitiu a Pierre Flourens, sucessor de Antoine Portal, dar ao seu curso o título de «Anatomia e História Natural do Homem», título que foi dado em 1853 à cadeira por Étienne Serres, sucessor de Flourens..., até que em 1855 surgiu enfim, com a nomeação do novo titular, Armand de Quatrefages, o nome da cadeira de Antropologia, conservado até 1936.

Tratava-se de muito mais do que de uma simples mudança de nome. Com o termo «antropologia», Quatrefages alargava plenamente o estudo do homem. Ele punha lá, naturalmente, a anatomia e a fisiologia, mas também *«as manifestações da inteligência (...), os costumes, as indústrias e as artes (...), as línguas e as crenças religiosas«(1)*, consagrando-se ele próprio, mais particularmente, àquilo a que hoje chamamos Antropologia física. Para ele só havia uma espécie humana, no seio da qual a influência do meio fez aparecer formas variadas e aspectos diferentes. Essa maneira muito justa de encarar a unicidade e a variabilidade da espécie humana é bastante surpreendente porque Quatrefages numca admitiu a teoria da evolução pubicada por Darwin em 1859.

Desde a criação do jardim real e, depois, do Museu Nacional, os sucessivos professores de anatomia humana — não podemos citar todos eles — constituíram pacientemente as colecções de crânios, de ossos e de outros restos in-

Encontro numa sala de etnologia europeia

dispensáveis aos seus estudos. Em 1855, havia 3500 objectos acumulados em várias casas pequenas, no jardim botânico; em 1892, por altura da morte de Quatrefages, havia 22 000, entre os quais figuravam — já — importantes séries pré-históricas; em 1907 eles já tinham atingido o número de 50 000. Brilhantemente secundado por Ernest Hamy, o naturalista-ajudante que lhe havia de suceder, e por René Verneau (que sucedeu a Hamy), Quatrefages conseguiu enriquecer consideravelmente as colecções, e classificá-las.

Em especial, Hamy suscitou numerosas dádivas e compras, explicando aos viajantes prestes a partir o que era útil para a antropologia trazer dos países que iam explorar ou visitar.

Hamy sentia a necessidade de criar colecções de Etnologia que, segundo ele, eram o complemento indispensável das de Antropologia e Pré-História. Em 1877 ele obtinha a criação de um museu de etnografia que agruparia numa parte do palácio do Trocadero, os objectos dispersos numa meia dúzia de museus e no Museu Nacional. Hamy era director do novo museu e foi-o até ter tomado posse da cadeira de Antropologia do Museu Nacional, em 1892.

Mas tratava-se de uma simples «união pessoal», e este sistema persistiu até 1928: só nesse ano o museu de etnografia foi oficialmente ligado à cadeira de Antropologia do Museu Nacional.

O palácio do Trocadero não fora feito para conter um museu, e certas galerias nem mesmo eram envidraçadas. Apesar disso, as colecções do Museu de Etnografia enriqueciam continuamente: 6000 peças na inauguração de 1880: 100 000 em 1920, e, paralelamente, o Estado cada vez concedia menos créditos: 8500 francos por ano em 1880, 3500 francos em 1920! Compreende-se que apesar da dedicação sem limites e dos hábeis concertos do pessoal, bastante raro, dos membros da Sociedade dos Amigos do Museu do Trocadero (criada em 1914) e de investigadores benévolos, muitas peças se perderam (roubadas ou irremediavelmente estragadas).

Nomeado para a cadeira d Antropologia do Museu Nacional, Paulo Rivet reagiu com energia. Obteve crédito do Parlamento, do Ministério da Marinha, da Sociedade dos Amigos do Museu do Trocadero, do Museu Nacional (também sempre com pouco dinheiro), e transformou em quatro anos o Museu de Etnografia onde então estavam reunidos 150 000 objectos.

Rivet conseguira que as colecções, principalmente vindas do Louvre e do Ministério da Marinha se juntassem às do Museu de Etnografia. Ele organizou com Michel Mauss, Lucien Lévy-Bruhl e Marcel Cohen, o primeiro ensino de Etnografia jamais feito em França e que esteve na origem do notável desenvolvimento dessa disciplina.

Os progressos eram pois consideráveis, mas a situação não facilitava o trabalho: as colecções de Antropologia Física e de Pré-História, assim como o laboratório, acumulavam-se no jardim botânico, as colecções de Etnologi na colina de Chaillot. Conselheiro geral do departamento do Sna em 1935, Paul Rivet soube e pôde aproveitar a ocasião fornecida pela Exposição Universal que se preparava em Paris para1937. Ele conseguiu, em 1936, que uma parte do palácio de Chaillot, substituindo o palácio do Trocadero, fosse destinado a um novo Museu do Homem, onde seriam agrupadas com as suas colecções, as três grandes disciplinas — Antropologia Física, Pré-História e Etnologia — estudando o homem em todos os seus aspectos. Ele modificou o nome da sua cadeira em «cadeira de Etnologia dos homens actuais e dos homens fósseis». Não era de modo algum uma ruptura com o Museu Nacional. Este continuava — e ainda continua — a ser a cara da mãe, sendo o Museu do Homem um anexo consagrado à história natural do homem.

O domínio coberto por esta cadeira era gigantesco e ela foi por isso subdividida em duas, primeiro com a criação da cadeira de Pré-História (1962), depois em três com a cadeira de Etnologia (1970). A cadeira inicial retomava o seu antigo nome de Antropologia. Três cadeiras mas um único assunto: o Homem.

Yvonne Rebeyrol

Nota

(1) Citado na sua lição inaugural de 27 de Maio de 1943 por Henri Valois, que tova assim posse da cadeira de Etnologia dos homens actuais e dos homens fósseis do Museu Nacional de História Natural.

Riqueza, miséria...

DEVIDO ao facto de pertencer ao Museu Nacional de História Natural, o Museu do Homem tem, entre as suas tarefas essenciais, a conservação das suas colecções, que fazem parte do património nacional e mesmo mundial, a procura e o seu corolário: o ensino especializado de alto nível.

A riqueza excepcional e a infinita variedade das colecções são tais que fazer o seu inventário faria decerto morrer de esgotamento cerebral Jacques Prévert e o seu rato aquático. As galerias, lojas, escritórios, arrecadações, corredores, caves e recantos do Museu do Homem contêm mais de um milhão de «objectos» por vezes únicos e insubstituíveis.

Alguns dos 35 000 crânios e das centenas de esqueletos pertencem a grupos humanos hoje desaparecidos (tais como os guanches das Canárias, que se pensa provirem directamente dos cro-magnons e dos aborígenes da Tasmânia). Também há, entre outros, os restos ósseos do homem de Tantavel (o mais velho crânio da Europa), dos neandertalianos de la Chapelle-aux-Saints e de La Ferrassie, crânios recentes voluntariamente deformados, principalmente na América pré-colombiana e também até ao século XX, na Europa, incluindo a França, centenas de espécimes com graves deformações congénitas, com marcas de doenças raríssimas.

Os utensílios pré-históricos contam-se por centenas de milhares. As pedras talhadas já são belas devido às suas formas simples e funcionais. Mas que dizer da Vénus de Lespugne — uma silhueta feminina esteatofigiada esculpida em marfim de mamute há 25 000 anos — e do propulsor (a arma que precedeu o arco), tornado obra de arte pelos dois cabritos-monteses esculpidos que aí se defrontam há 15 000 anos?

Alguns dos 400 000 objectos etnológicos do Museu do Homem devem a sua presença na colina de Chaillot aos nossos reis: a Francisco I deve-se o casaco de plumas dos índios Tupinamba, trazido da Amazónia por André Thévet e colocado no «gabinete das curiosidades», a Luís XVI a série de peles de bisonte e veado pintadas no Canadá, e chegadas ao «gabinete real» para servir de educação aos jovens príncipes.

Em suma, os fatos são aos milhares nos armários, os 7000 instrumentos musicais guarnecem dezenas de prateleiras, grandes objectos enchem cantos de corredor, como o enorme tambor de madeira, do Congo. Utensílios e móveis, utensílios e bordados, brinquedos, calçado e armas estão metidos em todo o lado. A conservação de todos esses tesouros faz-se em condições deploráveis: variações de temperatura e humidade, poeiras, traças e outros insectos podem deteriorar os objectos. A estufa indispensável à eliminação dos parasitas está fora de serviço há já muito tempo. O Museu do Homem tem de pedir auxílio aos serviços de desinfecção da cidade de Paris.

Do mesmo modo, faltam ao museu equipamentos e técnicos. Os ficheiros do seu maravilhoso património não estão informatizados. Não há laboratório moderno de análises e restauração. O laboratório de palinologia (estudo dos pólens fósseis) existe, é certo, mas em locais insalubres e desprovidos das condições necessárias à segurança.

No entanto, todos esses objectos já merecem os maiores cuidados pela sua raridade e (ou) pela sua beleza. E, sobretudo, eles são a base indispensável do trabalho de uns 75 investigadores e 75 engenheiros ou técnicos do Museu do Homem ou pertencentes ao Centro Nacional da Investigação Científica e agora instalados em Chaillot (1).

O ensino de alto nível que faz parte das tarefas do museu, e, portanto, do Museu do Homem, é dispensado, habitualmente, ao Instituto de Paleontologia Humana («anexo» edificado, em 1913, no XIII Bairro), em várias universidades parisienses entre as quais Escola Prática dos Altos Estudos. Estamos longe dos tempos em que Marcel Mauss, André Leroi-Gourhan ou Claude Levy-Strauss davam as suas aulas no Museu do Homem e formavam aí gerações de futuros investigadores.

Y.R.

Nota

(1) Também há investigadores estrangeiros que vêm trabalhar alguns meses ou alguns anos no Museu do Homem.

O que poderá estar por detrás dos receios ou da falta de vontade política de muitos quadros? A fazer fé nas opiniões publicadas pela Imprensa, eles pensam que as reformas se encaminham muito rapidamente para uma economia de mercado

A «glasnost» vista pela imprensa local

Novo ideário para a «empresa soviética»

Depois de agitadas as primeiras «águas estagnadas», os dirigentes soviéticos não querem parar. Há mais de dois anos que as esferas cimeiras da União Soviética discutiam a forma de solucionar os «prementes problemas económicos», agora apelidados por Gorbatchov de «formas antecedentes de crise». Nos encontros havidos, era repisada a necessidade de maior autonomia das empresas, do seu autofinanciamento e a capacidade de gerir a sua produção. Contudo, as conclusões da última reunião plenária do comité central, esperadas com expectativa, transformaram «a empresa», não só numa exigência económica capaz de inverter o regime de planificação, preços e de crédito, mas também num novo ideário capaz de varrer uma pesada administracção e, indo mais longe, mudar o próprio conceito de propriedade.

«Entramos num período mais difícil», disse Gorbatchov quando discursava na abertura da último plenário comité central especialmente dedicado à transformação do sistema de gestão, conhecido pela «Lei da Empresa». «Trata–se», como continuou, «de um período de actos práticos», em que o essencial é «garantir o exito da ´reestruturação´».

Já não basta pensar, falar. Gorbatchov qualificou mesmo de «conversas inútejs» aquelas que não passam daí. É preciso mudar qualquer coisa mais. Apressar, «não demorar mais», «tomar medidas rápidas». Talvez também porque se comecem a extremar as posições, como parece sobressair das palavras do secretário–geral do PCUS.

«As transformações revolucionárias da sociedade colocaram no primeiro plano a contradição entre as exigências de renovação, da criação e iniciativa edificante, por um lado, e o conservadorismo a inércia e os interesses egoístas, por outro». Uma divergência que não parece se coadunar com as «novas exigências».

As dificuldades surgem da incapacidade da estrutura administrativa e inclusivamente partidária em acompanhar os esforços de reestruturação. Segundo Gorbatchov, «não é raro temer–se as transformações democráticas quando elas são uma questão de princípio» e em que a iniciativa é«limitada por regulamentações mesquinhas, instruções inventadas e indicações de todo o género».

Concretamente no partido, as transformações não avançam ao ritmo desejado, ao ponto do secretário–geral frisar que «não se deve permitir» que «as transformações no seio do partido se sigam às mudanças na sociedade».

Por isso, tudo indica que o rumo vá ser outro. Aliás, o próprio Gorbatchov marcou o tom ao afirmar que «é já tempo de chamar à responsabilidade aqueles que, permanecendo passivos, impedem a concretização das reformas amadurecidas».

Por detrás do receio

Mas o que poderá estar por detrás dos receios ou da falta de vontade política de muitos quadros? Geralmente, e a fazer fé nas declarações de opiniões publicadas na imprensa, pensa–se que as reformas se encaminham muito rapidamente para uma economia de mercado.

Num artigo da revista «Novi Mir», a economista Papkova metaforizava ao afirmar que «uma mulher não pode estar um pouco grávida: ou está grávida ou não está». E esclarece ainda o seu ponto de vista: «Ou temos uma economia de mercado, movida por leis crueis e iguais para todos, com vantagens - eficácia, por exemplo - e inconvenientes - enorme desigualdade de rendimentos, desemprego, etc -, ou então temos uma economia socialista planificada, com igualdade de vantagens - confiança no futuro - e inconvenientes - penúria e incúria».

Essa não parece ser a ideia da nova geração dirigente, conforme as suas afirmações e a de muitos analistas. Tudo se assemelha mais a uma tentativa de incentivar os interesses materiais - salários e resultados empresariais - e, simultaneamente, reforçar a planificação.

Com efeito, nas ideias, durante muito tempo discutidas e agora formalizadas na intervenção de Gorbatchov, à «empresa» - como «elo principal» - é atribuída a qualidade de melhor sentir as necesidades e desejos de uma «procura solvente» e insatisfeita. Para desempenhar esse papel, pretendem dotá–la de meios que lhe permitam adaptar–se com rapidez às oscilações e solicitações do mercado, onde passarão a estar incluídas as necessidades sociais materializadas em encomendas do Estado, definidas superiormente pelos organismos do Plano.

A empresa, mediante o direito - ainda por regulamentar - de se auto–gerir, poderá escolher as suas fontes de abastecimento, recaindo também sobre os seus ombros a tarefa de se autofinanciar, não mais contando com os recursos do Orçamento de Estado como receiras asseguradas.

Essencialmente, preconiza–se a inversão de um crescimento extensivo que terá esgotado as suas reservas, para uma intensificação da produção. As unidades produtivas terão de se preocupar com a qualidade dos produtos e estar, assim,

dependentes do critério «eficácia» e utilização eficiente dos recursos existentes.

O mercado passa, assim, a servir de aferidor da qualidade e, em consequência, da eficiência da produção. Num encontro do comité central com técnicos, realizado três semanas antes para preparação do plenário, o secretário daquele organismo político, Sludkov responsabilizou «a pressão do produtor sobre o consumidor» pela existência dos numerosas carências de produtos, dado que o consumidor «não pode escolher e tem de comer o que lhe dão».

Essa também será a ideia de Gorbatchov ao afirmar na sua intervenção que se deveria «atribuir ao consumidor uma importância prioritária nas relações económicas».

Preços -critério eficiente

A escolha do consumidor terá em linha de conta, não só os produtos colocados na distribuição, mas também o preço com que aparecerão ao público. Cada vez mais, e dando como certas as reformas defendidas, a avaliação de produtos se fará de um modo descentralizado e agora com base nos preços, tornados - junto com a a qualidade - critérios aferidores de eficiência.

Nesta corrida, não se encontra inclusivamente afastado a competição entre empresas. No encontro já mencionado, o director do Instituto dos Estados Unidos e Canadá defendeu a tese, repisada mais tarde por Gorbatchov, que «nas novas condições, a competição entre empresas irá impulsonar a criação de produtos novos», não se devendo, por isso, conceder «o monopólio de um produto a uma só empresa».

O ponto de vista de Arbatov só poderá resultar se o «novo mecanismo económico», dependente da autonomia das empresas e das solicitações do mercado», fôr completado com a possibilidade das empresas beneficiarem em proporção dos esforços desenvolvidos e se aos trabalhadores fôr garantido a participação nos resultados finais, conforme o esforço dispendido.

«Ao novo mecanismo económico», como disse Gorbatchov, «corresponde (...) a ampliação dos direitos das empresas no sentido de elevar salários por conta dos seus próprios meios, estabelecer acréscimos salariais, pagar prémios adicionais», fazendo com que «num trabalho concreto se ocupe o menor número possível de trabalhadores».

Estas situações poderão dar razão às profecias dos mais ortodoxos, ao ser possível que surjam problemas de desajustamentos entre o pagamento do esforço igual entre operários posicionados em empresas de diferente dimensão ou façam nascer, temporariamente, bolsas de desemprego.

A tudo isso, se encontrará resposta na opinião do secretário–geral. «No socialismo, os problemas do emprego colocam–se de forma nova. O novo mecanismo deve incentivar as empresas a libertarem–se do excesso de mão de obra e o trabalhador a lutar pela ocupação do posto de trabalho desejado». Para Gorbatchov, as novas propostas não redundarão em desemprego, embora seja frisado que «novos problemas de emprego e ocupação dos trabalhadores terão de ser atendidos pelos orgãos de emprego», devendo ser criado um fundo de reciclagem de quadros.

O mercado planificado?

Outras das consequências advindas da «transparência nos preços» será a libertação de avultadas quantias até agora dispendidas em subsídios à produção. «Do dinheiro é preciso fazer dinheiro», advertia Arbatov no encontro preparatório do plenário do comité central, contrapondo ao que acontecia desde 1965, facto lembrado pelo responsável pela cátedra de Moscovo, Popov. «Nesse período, foi dado dinheiro às empresas que não o souberam reproduzir», financiamento cuja lógica foi contrariada por Sludkov, secretário do organismo central do partido ao afirmar que «as empresa não devem viver à conta do Estado, mas sim manter–se a si próprias e também ao Estado». As empresas deverão deixar de consumir «massas enormes de crédito a baixo juro sem qualquer retorno» com consequências na inflação dos preços reais através da ineficiência dos recursos e decorrente aumento dos preços.

Numa palavra, no novo mecanismo a que se estipulou um período de transição de três anos até vigorar por completo, as empresas actuam para um mercado onde se inclui o Estado, reagem perante os actos do consumidor, medem a sua eficiência pelos preços, estimulam a produção pelos seus resultados materiais e pagam o crédito a baixo juro com retribuições ao Orçamento do Estado.

Esta lógica inverte por completo o sentido da planificação económica com que Gorbatchov não se cansa de sossegar os mais reticentes, mostrando–lhes que se mantém e, inclusivamente, «cresce o papel da fatia 'determinante' do planeamento», sem se descorar «o reforço da influência partidária na direcção dos organismos de gestão».

- *A nova geração dirigente discorda do ponto de vista segundo o qual a penúria e a incúria são inconvenientes inerentes a uma economia socialista planificada*
- *O critério da eficácia passou a ser sinónimo de uma exigência de mais qualidade*
- *Segundo Gorbachev, «a competição entre empresas irá impulsionar a criação de produtos novos», não se devendo mais conceder «o monopólio de um produto a uma só empresa»*

Como tudo funcionará? Isso, tal como Gorbatchov explica, ainda só existe no campo da teoria. «A empresa elabora o plano de produção e realização dos produtos com base nas necessidades sociais - garantidas através de encomendas do Estado - e na procura solvente. O equilíbrio é garantido através metas de controlo que darão indicações à elaboração do Plano, não possuindo carácter de directrizes.

«A empresa é totalmente responsabilizada pelo aproveitamento dos recursos que lhe são concedidos e o Estado não se responsabiliza pelos compromissos das empresas, excluindo–se, via de regra, o financiamento orçamental».

O interesse é mais forte

As alterações preconizadas irão abanar a actual estrutura da administração, uma «vultuosa máquina», como diz Gorbatchov, «que vela, antes de mais nada, pelos seus interesses departamentais e não visa a satisfação total e eficaz das necessidades sociais». Fala–se inclusivamente da «transformação dos ministérios em centros técnicos–científicos, económicos e de planeamento dos ramos de actividade», acompanhando a actividade das empresas.

Não será de estranhar, pois, que se verifique uma reforma administrativa dos organismos de planeamento e dos ministérios sectoriais, pretextada por imperativos económicos e que levará ao afastamento do principal obstáculo da «reestruturação».

«Todos os dirigentes devem aprender de novo os métodos económicos de gestão, passar no exame da sua maturidade», previne Gorbatchov já nas suas últimas palavras na intervenção de abertura. Apesar de cauteloso e ainda retocar um tom mais endurecido com citações de Lenine, o secretário–geral não perde a ocasião para levantar outros pontos, esses sim verdadeiramente polémicos, deixados no início do discurso.

«A principal questão da teoria e da prática do socialismo consiste em criar, numa base socialista, estímulos do progresso económico, técnico–científico e social mais potentes do que aqueles que existem no capitalismo e conjugar a direcção planificada com os interesses da personalidade e do colectivo».

Entre esses estímulos, como se reconhece, «o interesse dos trabalhadores como donos da produção é o mais forte». A «empresa» - com todas as alterações imprecindíveis à sua plena laboração - não será mais que um imenso laboratório, onde se «entrelaçam os interesses pessoais, colectivos e sociais das pessoas» e onde é mais visível «o conteúdo da propriedade social em toda a sua riqueza como relação económica entre pessoas».

As reformas económicas, agora apresentadas ao Soviete Supremo e carecidas de um «pacote» de medidas que as concretizem, irão necessariamente implicar, tal como o disse Gorbatchov, «novas concepções sobre essa questão tão essencial como é a propriedade socialista».

João Almeida

Vídeo

Balística luminescente – Paik

No espaço das artes visuais e, especialmente no da *Arte-Vídeo* é necessário, antes de tudo e a fim de melhor abranger o acto inaugural de *Nam June Paik*, explicitar a linhagem de tal acto. Cumpre, desde logo nomear duas figuras que convergem na «vontade de arte» que Paik afirmará durante toda a sua obra. Duas figuras de tomo que, além de constituírem uma constelação estética, continuam a irradiar uma influência monumental no mundo da arte: Marcel *Duchamp* e John *Cage*.

Ao mesmo tempo, para melhor ilustrar a matriz de questões contidas na obra paikiana, sentimos a necessidade e a urgência de lhe assimilar dois outros grandes vultos que sustêm, na penumbra da distância e como estrutura nevrálgica, a época que vê surgir a arte-vídeo. Se Artaud [1] quis, simultaneamente, produzir e destruir a *cena*, para Nietzsche, entre a loucura e a obra deslizou a realidade trágica da representação que em *silêncio* imergiu como um último acto: «incipit parodia». Cage, por sua vez, denuncia *experimentalmente* a legalidade do silêncio. Duchamp aponta, lacónico, para um mundo *ready-made*.

É nesta modalidade, na possibilidade que nos surpreende entre as aporias dessas quatro (não)-obras e funcionando como uma espécie de *raccord fictício* (Merleau-Ponty), é nesta labilidade que o trabalho plástico capta a sua inscrição, na perda da aura perdida, repetindo consequentemente o afecto que dos nomes se escapa, proliferando em direcções sem rota, domando um afirmar de incertezas que são lugares onde as práticas artísticas se transformam em ilhéus de significação. Daí, quatro categorias estilísticas, quatro «obras» esboçadas, quatro FOSFENOS articulados guiarão o que, de antemão, chamámos *a balística luminescente de Nam June Paik*.

Fonte ready-made

A relação à representação é percorrida por uma dimensão utópica. «Não há solução porque não há problema», ironizava Duchamp. Situada em tal dimensão, a própria representação esvai-se num magma em que a distância se suprime, deixando, em vez dela, uma contiguidade, uma continuidade de materialidades na qual a co-naturalidade se sustém e é sustida num espaço sem agressões, pré-adâmico. Todavia, talvez esse mundo constitua apenas uma idealidade sem corpo, um fantasma que, precisamente, nem sequer necessita de ser resolvido.

Nos termos da inscrição pictural o que conta, ainda que sujeito a mutuações, é o *lugar* e a *modalidade* de inscrição. Logo que ultrapassada a questão das tendências e das escolas de pintura, assim como a disseminação das inumeráveis direcções, atinge-se o consenso que o verdadeiro alvo da pintura é o próprio objecto pictural e a sua modalidade de inscrição. No pós-guerra surge a crise do *lugar* através de sucessivas críticas visando o suporte, o museu, a crítica de arte, em suma, o aparelho institucional.

Na turbulência dessa crise, a descontinuidade objectiva será presentificada pelo *ready-made* de Marcel Duchamp. Ao requerer, na apresentação do objecto pictural, materiais que lhe são totalmente exteriores, Duchamp acomete a significação do lugar, do objecto e do olhar que nele se queda. E, na conjunção fecunda e crítica do acto de exibir o *ready-made*, o objecto de arte acha-se assim «mediatizado», apontando igualmente para o lugar, para a arquitectura desse lugar.

O acto irónico duchampiano também foi resposta lacónica ao alarido com que o Futurismo italiano teimava em pensar as práticas artísticas capazes de desempenhar um papel activo e regulador no espaço social global. Esse poder virtual levou os futuristas a depositar uma confiança extrema na potenlidade dos materiais e dos lugares artísticos. Confronte-se, aliás, a proximidade do movimento e a política mussoliniana. Em contrapartida, a ironia de Duchamp testemunha um socratismo que pretende desestruturar uma certa tradição artística dos materiais e dos lugares. No âmago deste «solavanco» — caixa de velocidades — sobrevém o que a arte deveio para Duchamp: *objet dard* (objecto dardo). Simplesmente, a consonância francesa (objet d'art/objet dard), arte-dardo, atravessa e pulveriza a arquitectura sonora pela sua repetição. O impasse está na herança que Paik fará de Duchamp, na impossibilidade ou na dificuldade em subvertê-lo.

A linhagem do acto explica-se, de Duchamp a Paik, na oportunidade, no *instante kairético* (de Kairos=momento oportuno) em que através do acto surge *obra*, o acto metamorfoseia-se em obra. E vem-nos à mente Meliès comprando a «primeira» máquina de filmar dos irmãos Lumière. Paik foi o primeiro indivíduo a adquirir a primeira unidade vídeo — o célebre Portapak — que a Sony comercializa em larga escala a partir de 1965.

Apoderar-se da «intenção» de Duchamp é legitimar o *ready-made* que lhe revém como acto único e a impossibilidade de ser repetido, contudo repetido segundo novas modalidades.

Nam June Paik apontou para a fonte de uma nova forma de arte quando mostrou aos seus amigos, dia 4 de Outubro de 1965, no café nova-iorquino «À go-go» as imagens da visita do Papa Paulo VI que filmara de um táxi nesse mesmo dia.

Rafael Godinho

Nota:

(1) Jacques Derrida, L'écriture et la différence «Le théâtre de la cruauté et la clôture de la représentation», Paris, Seuil, 1967.

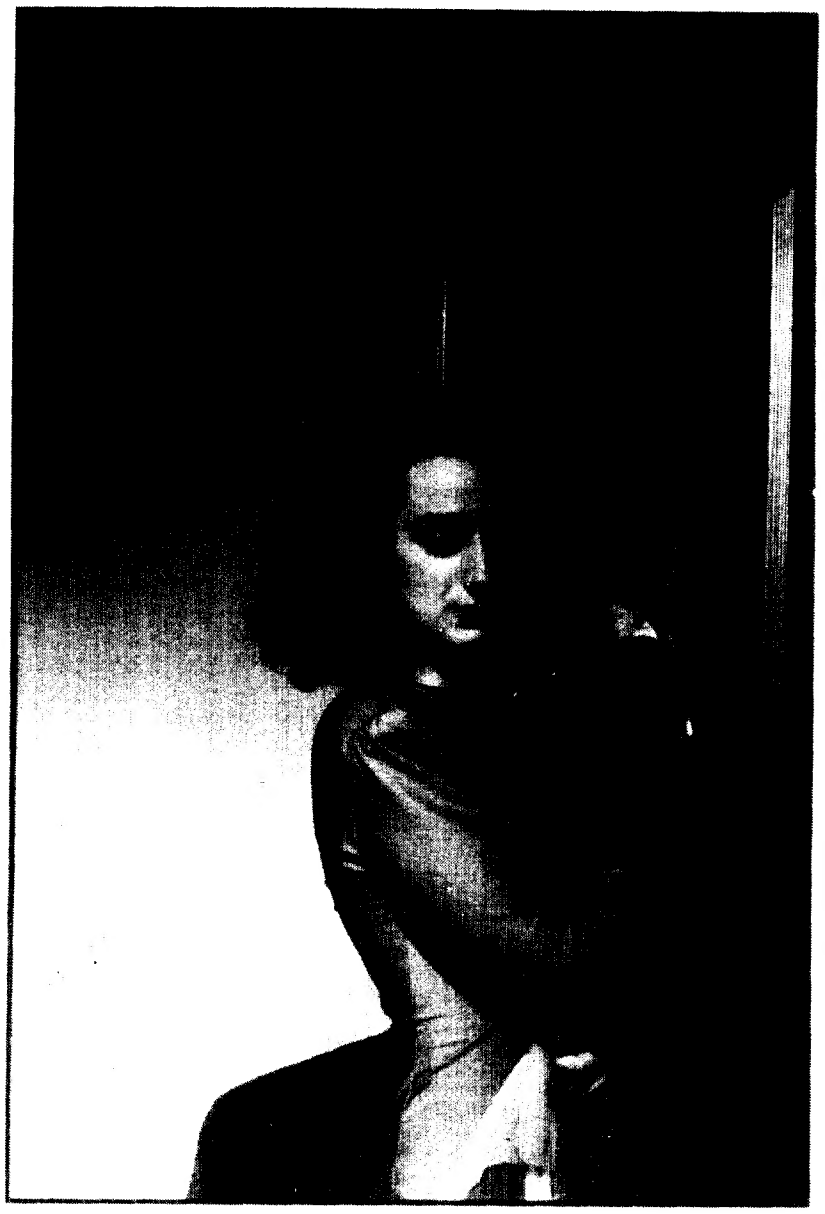
Paik, «Fish flies in the sky»

Retratos no Teatro

Manuela Pedroso

Por Manuel Cintra

É uma das mais jovens profissionais do nosso país. Ser actriz é, para ela, embora coisa de poucos anos, e concretizada a fundo apenas nos dois últimos, uma evidência. Fala-se, a respeito de teatro, de um bicho que morde as pessoas. Não se sabe bem de que raça é. Eu diria que são pessoas como esta que se fazem bichos, de uma raça muito particular, que morde o teatro com força, para nunca mais o largarem.



■ *O Grupo de Teatro Espaço, formado por componentes que andam na casa dos vinte anos, é uma grande excepção no triste panorama do teatro português.*

E usar palavras extremas, como «nunca», talvez pareça excessivo, as repare-se: numa profissão tão ouco compensatória, na maior parte os casos, no que respeita ao nível eco-ómico, à segurança, ao conforto, ao zer, haverá outra maneira de chegar ao nge sem ter afirmado, logo de início, ue é coisa de «sempres» e de «nun-as»? Haverá hipótese de encontrar a ergia, por vezes incalculável, que é dida a um actor, a uma actriz, sem que ja uma grande dose de paixão pela ofissão, de um certo toque de loucura, entrega por vezes excessiva? Ma-ela Pedroso é muito jovem, e o teatro ra ela é ainda recente. Será talvez este o, e em especial com o último espec-culo em que participou, que as coisas consolidaram dentro dela. No en-nto, quando lhe pergunto, no fim sta conversa, se no caso de as coisas orarem, ou até de se ver menos oiada pelos seus actuais colegas de balho, que com ela formam o grupo Teatro Espaço, imagina vir a desistir mbém, a resposta é clara. Não só já e o que quer, como acredita não vir a rder essa certeza. Está disposta a lutar lo teatro, pelo grupo a que pertence, e ntra tudo o que o futuro lhe vier even-lmente contrapor. Teve já tempo ara isso não é preciso muito) para en-der que os apoios, do Estado ou ou-s, incluindo o apoio público, são tão casos que não é nunca neles, pelo nos por enquanto, que um actor no sso país se pode basear para seguir a a frente. Claro que isso desalenta, ela, mas não ao ponto de a impedir prosseguir e de acreditar no que faz. vez em quando fala mais devagar, sita, não responde logo. Quando abre oca para falar, as respostas já estão io formuladas. Não parece ter nas-o assim há tão pouco tempo. Então enta a esse respeito que também foi o teatro que lhe trouxe: uma urança nova, um estar mais calmo e is certo em tudo, na vida. E tudo ece a sério, palpável e possível para jovem mulher. Terá tido tempo para nho: agora está a fazer coisas verda-as, com as suas próprias mãos.

princípio

Mas voltemos ao princípio. No ncípio, em pequenina, embora ra entenda que algumas das coisas fazia teriam talvez a ver com uma inação para o teatro, nada disso era to nítido. Era nítido sim, à medida foi crescendo, que gostava de tea-que era uma das coisas que mais tava, mas ainda como espectadora. e, a esse respeito a sorte, que mui-jovens não têm, de ter uns pais que só a não afastaram como até a ntivaram a interessar-se por este de coisas, e que a levavam ao ro e ao circo, coisas que a fascina-. Quando terminou o liceu, depa-rou com o problema que surge agora a tantos no seu lugar: a dificuldade de ingressar no ensino superior, a falta de perspectivas. Foi em parte isso que a fez chegar ao teatro. Um curso dado no FAOJ, e a noção de teatro que lhe trouxe, a descoberta de novas potencialidades em si própria que desconhecia, um despertar para outras zonas, a expressão, o corpo. Seguiu-se uma tentativa de ingresso no Conservatório, onde não foi admitida. E um ano de espera, durante o qual se relacionou com um grupo na Faculdade de Letras, mas sem chegar a estrear o espectáculo que então se preparava. E então a presença que viria a ser dicisiva na sua vida: nessa recusa por parte do Conservatório conheceu Águeda Sena, que viria a ser mais tarde sua professora, e que dirige o grupo de Teatro Espaço, depois formado, e ao qual actualmente pertence. Águeda Sena, com quem na altura falou durante cinco minutos, mas que diz terem bastado para aguentar um ano de espera para tentar ingressar de novo no Conservatório. Essa senhora tão especial, que já foi assunto de uma destas entrevistas, e que tem, decididamente, o dom raro de entusiasmar as pessoas como se lhes entregasse uma epidemia alegremente, dizendo: adoeçam, e depois curem-se de vez... Refere-se a Águeda Sena com grande dose de amizade, gratidão e entusiasmo. Acha que foi no seu caso, e no caso dos demais elementos do grupo, um privilégio tê-la conhecido. Primeiro como professora, pois viria a ingressar no Conservatório, e depois como orientadora de um atelier, baseado na metodologia de Stanislavski, que Águeda Sena orientou, e que viria a estar na origem da formação do Grupo. Quanto ao Conservatório, e após o entusiasmo inicial e a alegria de ter conseguido entrar, queixa-se de poucos meses depois ter entrado numa rotina e numa monotonia tais que já lhe custava continuar. Queixa-se amargamente, mesmo, da falta de entusiasmo que a maneira como o Conservatório funciona lhe provocou, como a muitos dos seus colegas. Claro que bem ou mal, tendo descoberto que era o teatro que queria, gostava, por exemplo, de concretizar os exercícios de escola, as apresentações de peças onde tinha a possibilidade de um público, uma entrega, uma primeira noção das coisas e do seu funcionamento. Mas ou porque os professores são académicos e antiquados de mais, ou porque ensinam cada um na sua direcção, ou porque são escolhidos por vezes pelos seus méritos como actores e não obrigatoriamente pelas suas capacidades pedagógicas, o caso é que o Conservatório, para ela, se tornou rapidamente uma coisa extremamente pesada e maçadora, violenta até a certos níveis. Viria a abandoná-lo, já no decorrer do presente ano lectivo, optando pela sua actividade, centrada, de momento, exclusivamente no Teatro Espaço. Grupo esse de que é fundadora, com alguns dos seus actuais membros, e que teve, como se disse, origem num atelier de Águeda Sena, que dirige e encena as peças que o grupo tem montado. Nesse contexto, participou em três desses espectáculos: FAÇA UMA CARA INTELIGENTE E DEPOIS VOLTE AO NORMAL, B...EM CADEIRA DE RODAS e À FLOR DA PELE, todas de autores brasileiros, inseridas num conjunto de textos daquela origem que o grupo vem montando.

Depois do mestre

Embora insista muito no facto de ter havido, por assim dizer, na presença de Águeda Sena, aquilo a que se costuma chamar um mestre, que lhe entregou determinada metodologia que ela se esforçou por cumprir, mesmo quando não via com clareza as finalidades do que lhe era pedido, mesmo quando se via desorientada, acha que agora essa fase foi ultrapassada e uma fase nova começou a surgir: o método foi interiorizado, já sabe melhor mover-se naquilo que lhe é pedido. As coisas foram fazendo sentido e agora é altura de começar, mantendo presente aquilo que já aprendeu e sem esquecer que ainda está numa fase de aprendizagem, já é altura de começar a tornar-se mais independente, mais segura, como actriz. As coisas agora nascem-lhe com maior segurança, é tempo de ir criando sozinha, de às vezes até discordar ou pôr em causa aquilo que esse mestre diz, até se encontrar inteiramente a si própria. E é com grande satisfação que vê, sobretudo desde o último espectáculo, isso acontecer-lhe, devagarinho. Quanto ao futuro, sabe que só terá as cores com que o construir. E que se não for negro, não será decerto por ausência de dificuldades. Mas lá que o futuro é o teatro, e que descobriu ser essa a sua função na vida, não há dúvida. Viverá para fazer os outros pensar, sentir, pôr em causa ideias, ter divertimento, ou interesse, ou discordância. Sabe que precisa, se o público não vier, de o ir buscar: ou seja, lutar por formas de o levar a ser público, a frequentar o teatro do qual tantas coisas nos nossos dias o afastam. E sabe tudo isso sem ilusões de mais, mas com certa alegria.

Excepção

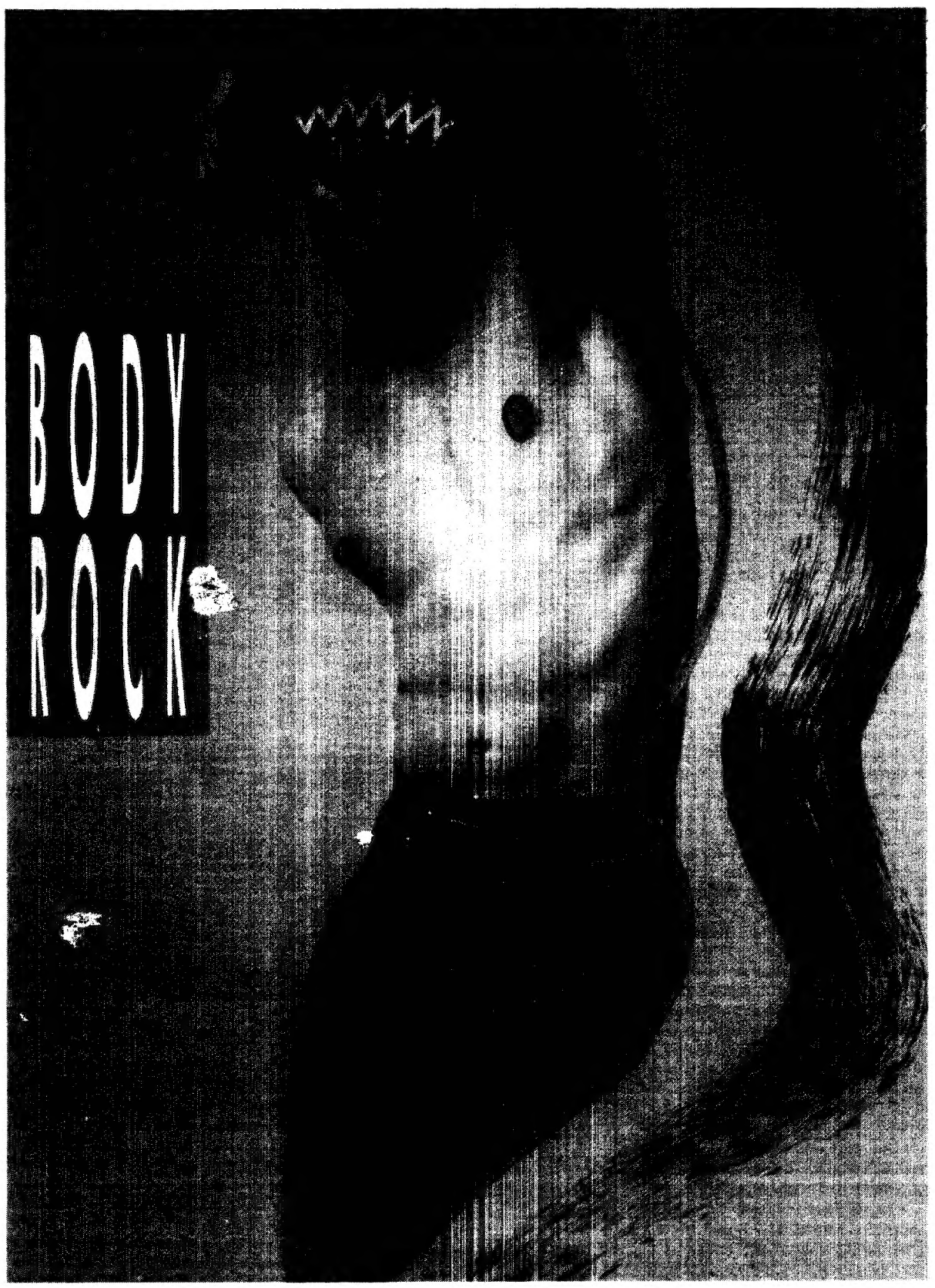
Mas é preciso reparar que o caso da Manuela Pedroso é uma excepção. A formação do Grupo de Teatro Espaço, dentro da idade que os seus componentes têm, ou seja, a casa dos vinte, é uma excepção mesmo muito grande no triste panorama do teatro português. E ainda assim, com um ingrediente específico: foi em torno de uma pessoa experiente e com mais idade que o grupo se formou. É, como ela e os seus colegas reconhecem, em grande parte graças a isso que certa solidez se conseguiu. Actualmente o grupo projecta, trabalha, executa, existe. Não foi um grupo só de jovens e orientado só por jovens que se formou. Seja como for, o mais corrente, aquilo que de facto está a acontecer na maioria dos casos, é precisamente o contrário: os jovens não se unem, os projectos não nascem, os grupos não se formam. Na origem disso, várias razões, das quais em parte, é certo, um problema mais geral que faz com que os jovens que querem fazer teatro se encontrem divididos, insatisfeitos e com falta de alento. Mas não menos actuante, e nada ingénua, a grave razão de nada ser feito, ou tão pouco que mal se vê, por quem poderia fazê-lo: o Governo, as instituições. Não: em casos como este, o Governo desgoverna, as instituições institucionalizam, e tudo estagna. E gostar de teatro não basta. Para que, por exemplo, se invente um novo modelo de avião, não basta que haja interesse pela aeronáutica. Senão o mundo estava ainda povoado de Ícaros, e os voos continuariam curtos. Ora acontece que o teatro, na vida de um país, ou até de uma civilização, está ligado a outro tipo de voos, menos metálicos mas mais profundos... E talvez não seja de mais reparar que há por aí muitas maneiras diferentes de cortar asas... Haverá também dessas que já nasceram para não poder ser cortadas?

Na quinta-feira

TER ESCREVER

O sexo das imagens

Tony Viramontes – a caligrafia como estilo



COMO colocar (inscrever) a questão do *movimento* na fotografia? A propósito da fotografia de Tony Viramontes talvez se possa dizer que o seu dinamismo é da ordem da *caligrafia* (menos uma «prise» do que uma escrita: melhor, o momento súbito da interrupção — e que por isso mesmo concentra a sua dinâmica de uma forma mais tensa — da escrita).

Quero eu dizer que esse dinamismo percorre, ultrapassa a própria figura (e com la a determinação de estatismo que se associa habitualmente à fotografia) e a torna, por assim dizer, um *efeito* ou um puro motivo ornamental, decorativo: uma *caligrafia* (ou uma escrita).

Nas suas declarações (cf *Photo-Revue*, n.º 29, Jan.-Fev. 1986) o autor refere-se, como factor de gosto/influência, sobretudo aos anos 50 (e um nome aqui a ter em conta seria, talvez, o de Irving Penn, com s suas experiências de modelagem não só de corpos mas também de penteados e de cabeças, para a *Vogue*, nos anos 50 nos princípios da década de 60), no entanto, para dar ideia de um trabalho aproximado do de T. Viramontes, talvez seja melhor recuar até aos anos 1910/30 (ou seja, às décadas, sucessivas, do futurismo, do dadaísmo e do vorticismo).

Muito abreviadamente podemos detectar dois traços em que se manifestaria essa tendência para trabalhar caligraficamente a fotografia:

— com efeito, não só há uma *redução a duas dimensões* da fotografia (por um lado, nesta fotografia, não há fundos — eles são compactos, uníssonos, como paredes lisas —, por outro, a fotografia de T.V. é preferencialmente a preto-e-branco ou assenta em inversões em dois tons ou monocromáticas: também aqui a recusa da cor é tanto a recusa da sua ilusão perspectiva — naturalista como a sobre-abundância, unitiva, de um barroquismo sensacionalista),

— como, sendo o corpo, pela pose, *reduzido* na sua dimensão pessoal ou naturalista (o corpo é uma *mecânica* — ou um *instrumento*), ele tende, cada vez mais, a tornar-se um puro *efeito* da forma, ou seja, ele apenas concebido enquanto puro efeito (ornamental: ou «de pointe») numa economia (mecânica) do *decorativo*.

Trabalhado como uma *linha* (a «pessoa» — o seu sentido — dessubstantiva-se, torna-se algo de puramente instrumental ou significante: um traçado, uma caligrafia — um acto ou pulsão de escrita), *sobre* o corpo vêm ainda aplicar-se efeitos de formalização (codificação formal) adicionais e segundos — efeitos de cor (sublinhados, riscos), não naturais e em relação ao corpo descontínuos — que acentuam também a sua dimensão parcial, *literal*, descontínua. O corpo, aqui, não tem uma perspectiva substantiva: ele não é um nome (uma qualidade que lhe desse o estatuto de uma substância) mas uma *linha* — e é à letra (i.e., literalmente, pelas suas propriedades instrumentais, significantes) que ele é utilizado, investido *(caligrafado)*, escrito (a própria escrita, aqui, não é um verbo nominal mas a *acção* — de escrever — sem conteúdo).

Ou seja, utilizando a terminologia de Barthes, o corpo, aqui, é uma *escritura*. Ou ainda, percorrê-lo-ia o dinamismo (fechado sobre si, egoísta) da própria *linha*, no sentido em que Worringer teoriza o carácter ao mesmo tempo passional e de irrealização (o *real*, aqui, é outro — tem a haver com a própria dinâmica *formal* da figura) do gótico (*L'Art Gothique*, Iddés-Art, Gallimard).

Para compreender melhor o carácter *mecânico*, inumano, deste dinamismo basta, talvez, comparar a fotografia de T.V. com a de Bill King (quer o seu trabalho habitual nas revistas quer a campanha publicitária para Enrico Coveri).

Com efeito, ao *cromatismo* de Bill King (talvez o aspecto mais interessante — por vezes «burlesco» e portanto mecânico, no limite do naturalismo — da sua fotografia: vd. a sequência com esse 3.º elemento, e seguro índice da des-humanização do processo, um macaco), corresponde na fotografia de T.V. um puro *caligrafismo*. Caligrafismo no sentido tanto de Michaux (as suas manchas ou desenhos a tinta-da-china) como dos tratados clássicos de pintura (e de caligrafia: escrita) chinesa: para uns como para os outros, a escrita, a pintura ou a fotografia, em última instância, constitui sempre uma questão de justa distribuição das diferentes manchas (ou pulsões) de tinta — um jogo de compensações ou agressões entre os diferentes tipos de pincelada, os espaços cheios e os vazios, o grosso e o fino (sobre tudo isto cf. François Cheng, *Vide et plein — Le langage pictural chinois*, Seuil).

Era essa também a «démarche» dos *dadaístas* (a caligrafia, o letrismo não como o «espírito» — o sentido — mas o «demónio» — a significância ou a recusa de um sentido — da escrita), pelo que, a respeito de Tony Viramontes, talvez seja enganador associá-lo ao trabalho (gestual ou cromático) dos «neo-selvagens» (e os seus diversos tipos de expressionismo) já que ele se encontra sem dúvida, mais próximo do trabalho dos *graffiti:* com efeito, para Viramontes (como para Keith Hearing — ou os dadaístas), caligrafado, à letra e enquanto letra, o corpo é o *ícone*, não de uma substância ou de um sentido, mas da sua própria materialidade ou do acto de o traçar (do seu traçado): de uma *escrita*.

Fernando Guerreiro

Mensagens Pessoais

Vendo Diane

Agosto 1978, particular, 1 dono, aceito ofertas, telefone: 885593

Jornal de Contabilidade (APOTEC)

Nºs. 1/117 (1977/1986) com os índices e Jornal do Técnico de Contas e da Empresa (JTCE) Nºs. 91/257 (1973-/1986) e índices, vendem-se. Carlos de Sousa; Rua Marquês de Fronteira, 108-4.º Esq.º, 1000 Lisboa.

Quarteira

Apartamento T/1 em 8.º andar, aluga-se meses Junho, Julho, Agosto e Setembro em Quarteira, 4 Km da praia. Contactos p/ tel. 34952 — Setúbal.

Benfica

Vendo andar 3 assoalhadas em Benfica — Tel. 705632.

Caravana

Caravana pequena s/uso, ano de 87 com avançado. Trata telef. 63 28 64.

Máquina de Escrever

Compro, usada, em bom estado, teclado internacional. Ofertas pelo telef. n.º 243 01 06, Oeiras.

Konkreto

Konkreto — Espaço aberto ao diálogo, publicação semestral editada pelo Círculo de Reflexão Activa envia, sem quaisquer encargos, os números já publicados:

«Prisioneiros de Consciência» em Portugal, «Cannabis Legal?», «Se te queres matar porque não te queres matar?», «No Páis das Maravilhas». Pedidos a Círculo de Reflexão Activa — Rua Actor Isidoro, 26 — 3.º Dt.º — 1900 Lisboa.

Sintra

Apartamento, 3 assoalhadas, próximo da Estação de Sintra, vende-se 4200 contos. Telef. 923 39 90.

Fuseta — Apartamento

Aluga-se nos meses de Julho e Agosto. Tel.31 50 93 (noite).

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o Diário de Lisboa de Lisboa podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais» Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.